

Men Capitão

Sessenta Noites 2



KARINA HEID



MEU CAPITÃO

Sessenta Noites em trindade 2

KARINA HEID

CONTENTS

Prólogo

1. Negócio nada vantajoso
2. Chocolate
3. Oportunidades virão
4. Surpresa
5. Francesca Saldanha
6. Festa
7. Que festa?
8. Agora é com ela
9. Prantos
10. O que? Como?
11. Ajuda aceita com todo agrado
12. Embarque
13. No Comando da situação
14. Risque o fósforo
15. Surpresinha
16. Você vai ver só
17. Corrida
18. Concha
19. Ou não me chamo Stella Maris
20. Chegada
21. Primeira noite na ilha
22. Tirando satisfação
23. Ataque
24. Critérios
25. Subida ao pico
26. Vigia
27. Fim de tarde
28. Amores acabam
29. Anel de noivado
30. Jonas
31. Esquema
32. Casamento

Epílogo

Uma palavrinha a mais...

Oi! Essa sou eu

PRÓLOGO

ERIC



Corro contra o tempo, o corpo pulsando em ritmo frenético. É hora. Se não for agora, quando será?

Ajeito a roupa, afastando a gola que pinica o pescoço. Suo por todos os poros, mas as mãos estão geladas. Tenho medo tanto do sim quanto do não. Quem não teria, dadas as circunstâncias? Dados os fracassos do meu histórico?

Mas amo minha garotinha ruiva e tudo que quero é estar aqui, fazendo o que estou para fazer. Só de pensar que trilharemos juntos esse caminho – e é apenas com ela que esse caminho será trilhado – meu peito se enche de alegria.

Ela foi o milagre que surgiu quando meu coração estava seco e desenganado. O tufão que botou abaixo minhas defesas, derrubou minhas muralhas e destruiu crenças, escudos e convicções. Quero-a hoje, amanhã, ano que vem e daqui a cinquenta anos. É mais que desejo o que me move: amo Stella desde o dia um, e a amarei até morrer.

Chego na frente da porta e olho para o céu. Pássaros cruzam o azul em bandos. O sol está ameno e o vento sopra ares de esperança.

Esses são os últimos minutos de uma vida solitária. Ela estará comigo a partir de hoje para o que der e vier. Penso no momento em que o anel entrará em seu dedo, e como gosto do som da palavra: esposa. Lembra de certa forma ombro, base, suporte.

Apalpo a caixa do anel no bolso e sorrio. Hora de me comprometer.

I
NEGÓCIO NADA VANTAJOSO
STELLA



Dois mil e trezentos anos atrás um homem muito velho e sábio, chamado Aristóteles, disse que somos animais gregários e que gostamos de viver em bandos. Que nos uniríamos por necessidades como fome, pertencimento e perpetuação da espécie, numa estratégia mútua de proteção. Mas enquanto na natureza alguns bichos são assim, outros preferem vagar livres. Sonham com horizontes vastos e fogem dos grupos por não compartilharem desse estado de alma. Desconfio, inclusive, que tenha sido isso o que me atraiu nas tartarugas: elas são impiedosamente livres.

Acho, e essa é só a minha opinião, que somos todos um pouco dos dois. Que nos dividimos entre gregários e solitários, dependendo da fase da vida; ora bem sozinhos, ora felizes junto a alguém. Mas discordo do velhinho sábio quando diz que apenas as necessidades ditam nossas escolhas. Outros elementos estão presentes na união entre duas pessoas, e esses motivos extrapolam a satisfação da fome, de pertencimento e da *perpetuação da espécie*. Algo que Aristóteles, por ser tão intelectual, talvez tenha deixado

passar:

Sexo.

Abro a porta do apartamento e acendo as luzes, sorrindo. Se o sexo não é considerado um motivo fundamental para estar com alguém, esse alguém não conheceu o meu namorado.

Fecho a porta segurando a excitação. Antes eu a abria com uma sensação tranquilizadora de ver tudo do jeito que deixei ao sair: roupas espalhadas pelo sofá, chinelos no meio da sala, pratos de comida sobre a mesa. Tenho um caso de amor com a solidão e a liberdade, admito. Gosto das minhas coisas no lugar (talvez não no lugar certo), do chinelo ao lado da porta (mesmo que espalhados), da cozinha vazia e do pote de comida chinesa parcialmente comido na geladeira. Mas aprendi, nesses últimos sete meses, que amo mesmo é abrir a porta do apartamento e dar de cara com Eric.

Sua mochila preta está jogada no sofá, indício de que veio para dormir. A jaqueta masculina de couro está pendurada no cabide, e atrás daquela parede que separa a sala da cozinha me aguarda um homem sem igual. Amo que hoje a noite não comerei comida chinesa no jantar.

— Stella? — Sua voz encontra meu coração transbordando de alegria.

Jogo a bolsa no sofá e sigo a trilha de aromas e ruídos de talheres. O exaustor está ligado e o cheiro denuncia algo no forno. Encontro-o de costas, perfeito em todas as curvas, sulcos e saliências. Ele ainda eletrocuta minhas pernas como quando o conheci, e vem sendo assim desde que voltamos de Trindade. Como é possível sentir tantas reações borbulhantes em partes tão diferentes do corpo? Ou que um só organismo possa produzir tanta oxitocina?

Sobre a pequena mesa de madeira clara, uma garrafa de vinho e dois copos esperam por mim. Pego o copo dele, cheio até a metade, e levo à boca. Avalio com calma as costas largas que tomam todo o espaço da cozinha. Sua imagem nunca é fiel à memória: toda vez que o vejo ele parece maior, mais intenso e viril. A calça jeans cola à perna e os pés estão descalços. Ele se move de um lado para o outro na frente da pia, colocando algo picado na panela sobre o fogão. Embora esteja de camiseta, ela gruda em todos os montes e vales, delineando com perfeição o que já é impecável.

Encosto no batente olhando-o por cima da taça. Ele tem um pano de prato pendurado em um dos ombros e parece dominar bem a confusão de tigelas, temperos, potes e comida. Quando se vira, duas jóias verdes fixam-se em mim.

— Ah, você está aí. Chegou cedo — diz.

Sua voz continua um veludo, um caldo quente derretendo sobre os sentidos. Ele solta sem jeito o pirex sobre o fogão, chacoalhando as mãos. Dá um passo em minha direção e se curva para me beijar. Na ponta dos pés, recebo seu beijo.

— Estamos celebrando alguma coisa? — pergunto arrastando de leve a ponta do nariz no seu. Há algo mais no ar do que cheiro de torta, eu sinto.

— Talvez. — Ele olha para o quiche. — Se der certo, celebraremos com boa comida. Se não, celebraremos sem comida.

Ando até a gaveta, espremendo o quadril contra o dele para pegar uma colher. Tiro uma lasca da massa, sentindo-o se aproximar atrás de mim. A massa derrete na boca enquanto ele se ajeita contra o meu corpo. O quiche está comível: celebraremos com comida. O que, ainda não sei.

Ele nem ouve minha frase. Inclina-se sobre mim e me lambe ali, onde o pescoço encontra o rosto.

— Tá delicioso — minha frase sai em um sopro. Seu nariz está enfiado atrás da minha orelha e os lábios que não gastaram tempo no beijo agora deslizam sem pressa pela pele morna. — Estou suada — digo me encolhendo, tentando me afastar.

— E?

Fecho os olhos. Sinto, arrepiada, a mordida no ombro. As pernas começam a formigar.

Inícios de namoros devem ser realmente muito bons, ou não se namoraria tanto. Mas que um início fosse tão bom e perdurasse tantos meses, isso ninguém podia imaginar. Quem diria que eu gostaria tanto de acordar e ver seu rosto perfeito me encarando de manhã? E sentir o eterno frio na barriga, do momento em que seu corpo toca o meu até a noite, quando sua voz, meio mel, meio pimenta, me deseja bons sonhos?

— E aí que eu prefiro tomar um banho antes. Foi um dia puxado.

— Puxado como? — Ele me puxa ao seu encontro. Sinto seu volume acariciar meu quadril, roçando de um lado e para o outro. Esse homem tem mais fogo que o centro da Terra e todos os seus vulcões. *É sorte o nome que se dá?*

— Puxado do tipo ruim — eu me desvencilho dele antes que derrube o vinho, quebre o copo e paremos no chão da cozinha sobre cacos de vidro. Ele ri, voltando a se ocupar da comida.

Enfio o nariz de volta no copo e dou duas goladas no líquido, que desce ressecando as paredes da garganta. Será que todos são nocauteados assim

pelos seus namorados? Que sentem a injeção desse líquido estranho nas veias toda vez que eles ligam à tarde? Toda vez que ele me telefona, desligo sem conseguir levantar de vez. Geralmente preciso dar um tempo até conseguir me equilibrar sobre as pernas. Costumava me perguntar até pouco tempo atrás se era normal ficar tão abalada. Cogitei ligar para um médico para saber se as reações eram normais, ou se estava morrendo de algum tipo de doença nervosa. Minha mãe garantiu que aborígenes australianos relatam sintomas parecidos nos rituais pré-nupciais. Uma antropóloga não é a mesma coisa que um médico, mas se mais gente sente isso pelo mundo, devo ser normal.

— E o seu dia, como foi? — pergunto.

Ele infla o peito de tal maneira que até esqueço que aguardo resposta: olho para tudo aquilo sentindo uma onda louca de calor.

— Tenso.

Essa tem sido sua resposta nos últimos dias: "*tenso*", "*ruim*", "*muito ruim*". Não deve ser fácil trabalhar nas Forças Armadas, principalmente em épocas de crise. Desde o incidente com o baleeiro japonês em águas brasileiras, Eric anda mais esticado que corda de guitarra, tendo que manejar o trabalho diário com as demandas da opinião pública. Ele certamente preferiria entrar em guerra contra uma nação a enfrentar o departamento de Comunicação e Relações Públicas da Marinha. Prefere lutar a falar, e ultimamente tem perdido algumas guerras.

— Foi tenso mas acabou. — Ele sorri. — Nada que você não cure.

Mal vejo a hora de comer, tomar banho e curá-lo do que quer que o esteja aborrecendo. É melhor mudar de assunto, ou não jantaremos:

— Ouvi uma coisa boa, hoje — digo animada.

— Ah, é? O quê? — ele procura alguma coisa entre os meus temperos.

— Estão querendo transformar Trindade em Unidade de Conservação. Você sabia disso?

Ele acha o tempero e o traz às vistas, lendo o rótulo: — Sim, sabia. A pergunta é: como você sabe disso? Achei que isso tivesse acabado de ser anunciado.

Fico animada em saber que é realmente verdade: — Como pode não ter me contado isso?

Ele sorri divertido.

— Não posso contar tudo para você, você sabe. Algumas coisas são assuntos internos e nunca vêm a público.

— Mas é Trindade, Eric! A *nossa* ilha, protegida!

— Como ficou sabendo disso tão rápido? — ele me olha de esguelha.

— Bem, tenho Trindade cadastrada nos alertas do Google. Mas dessa vez fiquei sabendo por um modo diferente. Sabe o Tuco, namorado de Rafael?

— Sei.

— Ele trabalha nessa ONG Norueguesa, a *Friends of the Sea*. Ela tem feito uns projetos para o Ministério do Meio Ambiente, andam conversando com o Instituto Chico Mendes, etc. Essa ONG faz um trabalho de levantamento biológico de áreas a serem transformadas em unidades de conservação. Foi assim que acabaram contratados para fazer análises em Trindade.

Eric se vira para a pia.

— Você não está pensando em...

— Em ir? — pergunto sentindo um frio correr pela espinha. Sei que ele espera minha resposta. — Imagina, claro que não.

Claro que pensei, lá no fundinho, mas apenas por alguns minutos. Mas logo descartei a ideia. Eu e Eric prometemos isso ao outro: nada de viagens por enquanto.

Ele volta à pia. Apoio o rosto na palma da mão, sonhadora.

— Imagine toda a cordilheira que liga Trindade ao continente protegida? Seria maravilhoso para a população de tartarugas.

— *Será* maravilhoso — ele garante.

Minha mente dá voltas, e as voltas que ela dá me levam de volta à ilha.

Desde que o namoro ficou sério, eu e Eric firmamos um acordo: nenhum relacionamento duraria se ele embarcasse como antes para Trindade e passasse oito dos doze meses do ano afastado do Rio. Tampouco duraria se eu continuasse a seguir Tartarugas em suas migrações pelo globo, ou continuasse a procurar cursos em países distantes. Combinamos que por um ano fincaríamos os pés na terra. Embarques e aventuras esperariam, pelo bem do que estava nascendo. Esse é o preço que seres gregários precisam pagar para continuarem com alguém.

— Os noruegueses devem embarcar na próxima pernada — comento fazendo desenhos imaginários na taça. — Estavam abrindo vagas para especialistas, nem sei se já encontraram alguém.

— Do jeito que você fala, parece que está com saudades da ilha.

— Claro que estou. Você não está?

— Estou, claro — ele me olha. — Mas estou mais feliz aqui.

Viro o copo até a última gota, então pouse a taça sobre a mesa e me

levanto. Ando até ele e o enlaço pela cintura, apoiando o rosto em suas costas. Sua pele é morna e cheirosa, e me lembro, ali, como gosto de encostar nele.

— No momento, é aqui que quero ficar. — Beijo a lateral do seu rosto. — No mais, mal tenho tempo de respirar com minhas aulas. E a situação com Cláudia está crítica, ela precisa de mim.

— Ela vai mesmo se separar?

— Ela pegou Jonas no flagra, não tem como continuarem juntos.

— Ela pegou Jonas *conversando* com uma garota — ele pondera.

— Sim. No terceiro ou quarto encontro, de acordo com as centenas de mensagens de Whatsapp que eles trocaram.

— Isso é muito triste. — Eric diz lambendo os dedos sujos de massa. — Eles têm filhos.

Concordo, é realmente muito triste.

Eric se vira e tapa, com seu corpanzil, a vista da comida e da cozinha. Dele emana o calor de uma caldeira.

— Quantos anos as crianças têm? — Pergunta.

— Treze, catorze e dezessete, eu acho. É muito filho, não sei.

Eric ri. Sim, três filhos é muita coisa e ele concorda. Principalmente porque, como eu, não quer nenhum. Ele estende a mão e eu lhe entrego a taça. Mas ele não quer o vinho. Seus dedos se fecham ao redor do meu pulso e me puxam.

— Que horas alguém com tantos filhos consegue ficar assim? — Suas mãos se encaixam ao redor do meu traseiro e me puxam para perto.

— Assim? — Entro na brincadeira, esfregando o quadril no dele.

— É. Assim.

Seu nariz traça um caminho entre meu queixo e minha boca. O tempo para, como costuma acontecer nessas horas.

— Nunca, eu acho — murmuro.

Os dedos deslizam pelos seus braços, duas estradas montanhosas e cheia de elevações.

— Como alguém consegue ser feliz sem *isso*? — Suas mãos fazem uma incursão pelo meu corpo. Deslizam por sob a blusa, passeiam pelos seios e retornam para as costas. Fecho os olhos, sentindo a respiração pesar.

— Seja mais específico, ou vou achar que ninguém conseguiria ser feliz *sem mim*.

Ele ri, e seus lábios encontram os meus. O beijo ainda tem as cores

psicodélicas dos começos, e as línguas se exploram como se não conhecessem. Uma nuvem de tesão cresce ao redor.

— Tá com fome? — ele pergunta, rouco.

— Muito.

— Está tudo pronto.

— Para a tal "ocasião especial?"

Ele faz que sim. Por um tempo me encara, como se pensasse no que vai dizer.

— Você sabe que te amo, não sabe? — diz, finalmente.

— E eu amo você.

Ele acaricia meu rosto com as costas das mãos. Prendo-a entre o pescoço e a face, derretida pelos últimos sete meses, pela declaração, pelo quiche, pelos melhores dias da minha vida. Sinto, pelo modo como me olha, que quer falar alguma coisa.

— Stella... — ele diz. Leva a mão ao bolso de trás da calça, acho que quer trazer algo às vistas, mas nessa hora meu telefone toca e eu me afasto.

— Não atenda — ele pede com um sussurro, mas vejo pelo visor que é Cláudia, e que já mandou várias mensagens.

— Espere, pode ser urgente.

Atendo a ligação, andando até a área. Cláudia começa a conversa como uma metralhadora: dispara a reclamar de Jonas, diz que achou os e-mails que ele e a menina trocaram durante meses, xinga o marido – o futuro ex. Não chora, mas está prestes a explodir. Ouço-a por um tempo, sem coragem de desligar. Então ela se cansa, esvazia o peito e diz que vai conversar com a garrafa de vinho. Quando desliza, ouço um zunido no ouvido.

A essas alturas o clima de romance passou. Retorno à cozinha e não acho Eric. Encontro-o sentado à mesa, na sala, onde acendeu até mesmo uma vela. Ao que parece o romance não passou para ele.

Entro como se algo me espreitasse naquela escuridão: *Jesus, o que estou esquecendo? Aniversário de namoro? Dia dos namorados?* Ele sorri e me indica o lugar.

— Tudo bem com ela?

— Mais ou menos, né. — Jogo o telefone no sofá para não ouvi-lo apitar.

— Por que as pessoas se casam, Eric? — pergunto, aceitando o guardanapo que ele me estende. — Eu não entendo. As pessoas deveriam ser proibidas de cometer essa burrice.

A mão de Eric para suspensa no ar. Suas feições se transmutam em algo

que não sei dar nome, e posso jurar que a temperatura da sala cai.

Imediatamente quero pedir desculpas. Sei que essa não é o tipo de frase que se faça para a pessoa que está com você, muito menos durante uma noite regada a vinho e iluminada por velas, mas existem coisas que extrapolam o perdão. Minha dúvida é sincera: por que abrir mão dos relacionamentos leves e românticos e pesar tudo com documentos, filhos e mais tarde, enormes traições?

— Por que se amam? — ele responde minha pergunta com outra, tão baixo que mal a ouço.

— Não há nada na biologia que justifique o casamento.

— A vida é mais complexa que a biologia.

— *Nada* é mais complexo que a biologia — revido, provando o quiche que ele colocou no meu prato.

Eric continua a me olhar como se eu fosse de outro planeta. Não parece acreditar que penso realmente assim, mas quer saber a verdade? Eu penso.

— Deve ser horrível viver irritado com a pessoa com quem reparte a vida. Deve ser horrível achar que sua vida acabou porque o outro pulou a cerca. Por que as coisas chegam a esse nível de drama?

— Não sei, Stella. Mas eu estava falando de...

Balanço a cabeça, arrepiada só de imaginar que um dia olharia para Eric e exalaria de desgosto. Que preferiria sua ausência à sua presença. Casar não pode ser um bom negócio, nem em sociedade, nem sob a ótica do reino animal. Um acordo desse tipo é um investimento ruim, não há conta que o transforme em um investimento vantajoso. Melhor que aceitar que eles podem ser quebrados é questionar, primeiramente, porque eles precisam *existir*.

Eric fica estranho pelo resto da janta. Esticado como se tivesse engolido um cabide, e já não acho mais que esteja assim por causa do Japão. Quando terminamos de comer, elogio o quiche com todo o meu entusiasmo, mas nem assim ele relaxa.

Enquanto levo nosso prato para a cozinha, desisto de fingir que não está acontecendo nada.

— Eu disse alguma coisa errada?

Embora algo nele pareça cozinhar em fogo alto, ele nega.

— Não, nada.

Ele deixa a cozinha e eu entorno o resto do vinho na taça. *Será que falei alguma coisa errada? Sobre o divórcio de Cláudia, ou Trindade?* Sigo-o até

a sala. Vejo-o olhar sobre o ombro para garantir que não está sendo observado – mas está. Ele enfia a mão no bolso, tira algo dali e esconde na mochila. Se queria me mostrar alguma coisa, mudou de ideia.

CHOCOLATE

ERIC



Guardo a caixinha dentro da mochila em silêncio, aguardando o coração assentar. Não foi hoje, e pelo jeito, talvez nunca venha a ser. Não dá para propor qualquer coisa depois dessa conversa. Quando abro os olhos, sinto-a atrás de mim.

— Está tudo bem, Eric?

Ela tenta ver o que escondi na mochila, mas a caixa já foi guardada. Faço o mesmo com o meu desapontamento: guardo-o em algum lugar longe dos olhos e do coração.

— Tudo, claro.

— Você vai dormir aqui, né?

— Sim, vou.

Termino de fechar o zíper da mochila e ela volta para a cozinha. Vou atrás dela, limpando as mãos suadas no jeans. Ela abre a geladeira procurando sobremesa. Então abre o freezer e encontra algo.

— Quer sorvete? É de creme.

— Tem calda?

Ela se vira, sorrindo: — Tem. Chocolate.

Seu sorriso é de matar um, e mata o assunto por hora. Deixo-a

esquentando a calda no microondas e caminho até o quarto. A cama ainda está desarrumada e guarda o cheiro discreto do último sexo, feito antes de sairmos, pela manhã. Estar ali causa no peito uma sensação de aperto. Só pode ser amor o que me faz dormir há meses nessa cama estreita, e retornar no dia seguinte para repetir o desconforto.

Ligo a TV e sento na cama, esticando o controle para tentar achar algo que preste. Stella chega com duas taças de sorvete, uma bola escondida sob uma camada generosa de chocolate sedoso em cada uma. Ela sente que estou decepcionado, mas não sabe dizer o porquê.

Incomoda saber que ela acha o casamento uma ideia ruim. Mas como mudar seu pensamento se eu mesmo já fui casado e me divorciei?

Nas vezes que me perguntou como era a minha ex esposa, desconversei. Não temos fotos juntos, não guardo recordações e o fato de não haver mídias sociais na época ajudaram a deixá-la distante. Sou a prova de que casamentos podem ser horríveis, e talvez não sobrevivam às primeiras crises. Ainda assim, daria à ideia uma segunda chance. *Por ela.*

Ela me estende uma taça mas, ao contrário do que penso, não deita ao meu lado. Fica de pé, olhando para a sobremesa. Então me entrega a outra taça e leva os braços para trás, até o zíper da blusa. Estranho o gesto, mas aceito as taças.

Devagarinho, descendo as mãos como se movimentasse-se para uma dança só minha, ela desliza o zíper para baixo. A blusa de tecido afrouxa no corpo e então cai. Nua da cintura para a cima, sua visão faz meu corpo aquecer.

Não esperava a sedução depois da conversa, gostaria - talvez pela primeira vez na vida - que conversássemos sobre o que ela espera de nós e do futuro.

— Stella, acho que a gente deveria...

Ela se inclina em minha direção e faz: — Shhhh...

Desisto da conversa. Procuro ao redor um lugar para colocar as taças.

Sua boca encosta na minha e sinto gosto de chocolate. A língua explora a sua, suga seus lábios. Quero me livrar das taças antes que derrube a calda e façamos uma grande lambança, mas acho que a lambança faz parte dos planos.

Passo os braços ao seu redor, beijando sua barriga. Ela cabe inteira dentro do meu peito, dentro do meu abraço. Beijo-a dezenas de vezes na trilha de pintas que leva aos seios. Uma de suas pernas se insinua entre as minhas, e

seu joelho confere minha rigidez. Ela sorri entre os beijos.

— Preciso me livrar dessas taças, — reclamo, louco para ter a mão livre.

Ela morde meu queixo, arrastando a face lisa na aspereza da barba crescida. *Ela fez que sim?* É sim, ela repete. Coloco as taças na cabeceira, e com elas de lado empurro-a sobre a cama. Levo as mãos à gola da minha camiseta e puxo-a sobre a cabeça. Seu cabelo está esparramado entre os lençóis brancos, e as mãos acariciam os mamilos para ficarem durinhos. A essas alturas a chateação deu lugar a outra coisa. Sinto *raiva* por ela ser tão perfeita para mim. Essa raiva me enche de calor e ânsia por algo que ainda não tenho nome.

— Quero calda de chocolate — ela murmura.

Não entendo o que quer dizer. Quer comer, é isso? Mas então ela aponta para a taça e sorri.

Sou tomado por uma injeção de gás, de energia explosiva. Lanço a camiseta longe e ela morde os lábios, cheia de desejo. Tiro a calça aos pulos e ela ri. Ajoelho entre suas pernas quando me livro da roupa e desço faminto o jeans por suas pernas. O tecido agarra no quadril, revelando as pintas do ventre e os pêlos sob a calcinha. Beijo o que encontro; é tudo meu, é perfeito, é lindo. Desço a calça com calcinha e tudo, louco para me livrar daquilo. Levanto olhando-a com sentimentos confusos, e eu mesmo não os entendo. Quero puni-la por não me querer, e ao mesmo tempo quero-a mais que a vida. Como posso sentir algo assim?

Pego a taça com o sorvete lambendo a colher e deixando-a sobre o criado mudo. A noite não terminou como esperava, mas a excitação é imediatista e apaga o desânimo. A calda está morna e cremosa, o chocolate escuro e encorpado em cima, o sorvete pastoso e gelado por baixo. Enfio um dedo no sorvete, sentindo que ele derreteu parcialmente deixando uma espuma branca sob a superfície. A cabeça se enche de ideias. Levo o dedo até a espuma e cato o que consigo, deslizando-o pelo chocolate dos cantos. Ela observa a tudo quietinha, satisfeita que entendi suas intenções. Não sabe exatamente o que vou fazer — ela diz que tenho dessas coisas, ela nunca sabe o que penso ou sinto, porque sou de falar pouco e sorrir menos ainda —, mas sabe que adoro brincar com seu corpo.

Olho-a nos olhos. Meu membro lateja contra o tecido da cueca, demandando o calor da sua intimidade. Pincelo um mamilo com chocolate, depois o outro. Tem sorvete e chocolate suficientes para lambuzá-la inteira, mas começo pelos começos. Levanto deixando-a ofegante e incerta, sentindo

o frio do sorvete misturar-se ao morno da calda. Ela quer apressar as coisas, louca pelo ataque, mas não tenho pressa. Tenho amor... *e raiva*. Volto até a taça e me demoro, de costas, escavando o sorvete e a calda. Ela se coloca sobre os cotovelos, quer ver o que estou fazendo, mas minhas costas tampam sua visão.

— Eric?

Ando até ela e ela tomba, trêmula, sobre a lençol: — O que vai fazer?

Pego sua perna com uma das mãos e arrasto-a até a beirada da cama. Suas costas ainda tem apoio, mas o resto do corpo, não. Ela se equilibra com os joelhos dobrados, e me coloco entre eles. Ela os pressiona contra mim, as mãos agarradas à cama, franzindo o lençol. Com os dedos lambuzados de chocolate, beijo-a na boca.

— Você decide algumas coisas, eu decido outras, ok? — eu falo.

Ela faz que sim sem entender. Afasto com os dedos sua perna. O dedo coberto de chocolate encontra sua bunda e o creme é espalhado por onde passa. Ela arregala os olhos. *Não é creme o que você quer? Creme é o que vou ter*. Ela se remexe, mas eu continuo a massagem. Ela arqueia as costas e eu aproveito para abocanhar meu primeiro doce da noite. A boca se encaixa direitinho no montinho de sorvete sobre o bico do peito esquerdo. Um fio escorre pela lateral, e eu o limpo com a língua. Sugo o mamilo endurecido até que perca o sabor. Quando já não o sinto mais doce, chupo-o com força. Ela trava as mãos em punhos e bate nas minhas costas.

Tem mais calda ali do lado, e tracejo com a língua o caminho até lá, sem deixar de olhá-la. Suas bochechas estão coradas, e seus olhos são duas luas no rosto. Mais uma chupada vigorosa e ela geme meu nome. Mordo o biquinho até ela soltar um gritinho de dor, mas não foi só a mordida que a fez gemer: foi o dedo atrevido que cansou da massagem externa e penetrou nela, na parte de trás. Ela se contorce, sem saber o que sente. Prazer? Definitivamente prazer. Loucura e tesão também.

Largo-a sobre a cama e volto até a taça. Não há um centímetro de sua pele que não esteja arrepiada.

— Eric, isso é maldade — diz em câmera lenta, a voz morna como o chocolate. Tudo nela parece um sopro, um suspiro retido a fim de evitar que o ar escape. Tenta evitar que o próprio corpo seja ejetado para longe e encerre precocemente a tortura. Trago a taça inteira desta vez. O caldo está mais grosso, agora que o chocolate esfriou. A consistência é de creme, de veludo úmido.

— Vai derramar isso sobre mim? — Ela pergunta, tensa. Pressiono os olhos pensando a respeito. O lençol é branco, a bagunça será épica. Dane-se. Quando vejo o fio grosso já escorre sobre sua barriga. Ela vai se contraindo a medida que o chocolate encosta na pele. Um risco escuro separa sua barriga em duas metades, e eu quero as duas, quero tudo. Quero mais que só aquilo. Hoje a noite deveria ter ficado em nossa história, mas da noite sobrou só uma inquietação ali onde antes só havia certeza.

Jogo uma quantidade de chocolate na mão e esfrego-as uma na outra. O caldo vaza por entre os dedos, pinga na cama, em cima da sua intimidade. Levo as mãos até seu corpo; passo-as pelos ombros, os seios, pela barriga. Massageio-a como se o chocolate e o sorvete tivessem sido feitos para a pele. A textura é indescritível e sua cara de prazer ficará para sempre na minha memória. *Talvez eu tenha sido precipitado*, eu me martirizo. *Talvez ela só queira prazer, e não um “para sempre”*.

O problema? Eu quero.

Stella

O homem que esfrega a mão pelo meu corpo está diferente do homem que jantou comigo. Ele incorporou o *Outro Eric* e meu cérebro simplesmente virou mingau. O *Outro Eric* tem esse efeito sobre mim, o de liquefazer minhas entranhas. É o Eric da ilha, em todo o seu silêncio e distância. Corpulento e selvagem, foco de águia e porte de leão. Gestos mansos e distantes, como se fosse inatingível. Está de volta o homem que me esnobava durante os dias e me seguia à noite. Está de volta a garota que sentia os miolos estalarem como se fossem de alumínio, e o mundo um grande microondas.

Queimo sob sua palma. Suas mãos passeiam por partes minhas sem pedir permissão. O outro Eric surge toda vez que apagamos as luzes, ou, de luzes acesas, nos vemos sozinhos. Silencioso, misterioso, como se tivesse revertido ao estado selvagem de lobo. Livre, másculo e cheio de segundas intenções.

Sei que ele está ali porque reconheço o queixo para cima, mostrando a covinha, superior. Reconheço o olhar aguçado de águia. Comecei a pifar quando ele encostou pela primeira vez a boca em mim e continuo avariada e

em queda livre. No momento? Estou completamente desativada – fora de uso, atrapalhada em um estado de não existência e pura presença enquanto sua língua malvada parte minha intimidade em duas.

— Eric... — é tudo que eu digo, rouca.

Seu cheiro está misturado ao de chocolate. Suor, sorvete, lavanda. Sinto a barba crescida e áspera lixar o interior de minhas coxas. Sinto a língua ir e voltar, mergulhar outra vez. Mordidas. Mordidas e mais mordidas. Minhas pernas estão cruzadas ao redor do seu pescoço, e elas tremem. Não há um único centímetro de lençol preso no lugar – ou livre de chocolate –

, não há uma única célula em mim que não crepите. Tenho chocolate no cabelo, no pescoço, em minhas partes íntimas e não ligo. Esse é o nirvana.

Eric continua a me limpar como um gato. Toda vez que sua língua áspera encontra minha carne, acho que vou explodir como fogos de artifício.

Sinto o mundo coberto de chocolate. Chocolate escorrendo por todos os lugares, cobrindo todas as pessoas. O mundo ganhará a textura marrom da seda. Ele me larga antes que eu chegue lá. Limpa a boca com as costas das mãos e se levanta.

Existe algo de truculento e excitante em vê-lo sujo, coberto de marrom, a cabeça do pênis vazando pela parte superior da cueca. Ele esqueceu quem eu sou, voltou ao estado de não reconhecimento onde sou uma fêmea, pronta à sua subjugação. Como pode afirmar que não somos pura biologia no sexo? Puro hormônios e instinto de cópula?

Ele coloca um braço em cada lado da minha cabeça. Seu olhar está duro, e se eu não estivesse tão excitada, teria medo de um ataque. Ele parece quase aborrecido, como se tivesse ficado bravo por alguma coisa. Sem dizer nada, nem mesmo meu nome, ele puxa o membro de dentro da cueca e me penetra. Arqueio as costas sem tirar os olhos dele, sentindo-o deslizar para dentro de mim. Ele tem a crueza do *Outro Eric*, e por um segundo estou de volta à gruta. Centímetro por centímetro ele me invade, mais e mais, até que minhas pálpebras tremam e feche brevemente os olhos, perdida. Logo abro-os novamente: *quero ver*.

Ele investe mais um pouco e meu interior se alarga para recebê-lo. Nunca é fácil, ele é grande. Quero beijá-lo, mas ele ergue o queixo e fecha os olhos, trabalhando em mim. O que acontece em seguida é uma mistura de prazer e tensão, de contração e preenchimento. *Vai. Vem. Vai. Vem.*

Fecho finalmente os olhos pensando que é ele ali. Ele. Não outro, mas o mesmo homem que aprendi a amar de todo o meu coração. Que sempre amo

com um pé atrás, por que é silencioso, belo e selvagem demais para segurar entre as mãos. Eu me sinto frágil e feminina, tola e mesmo assim, dona de um fenômeno da natureza quando estou com ele.

Suas mãos seguram minha cintura e espremem a minha pele. O peso de seu corpo está sobre o meu. Perco o ar e a sensação de existir. Ao redor do atrito cresce uma energia que me faz trincar os dentes. Queria que ele falasse alguma coisa, mas ele só grunhe. Vejo ao longe algo incendiando meu corpo, a vermelhidão do calor tomando as vistas, um fulgor tremelicando sob a pele enquanto tudo no quarto fica mais claro e mais brilhante. Sob a pele piscam estrelas. Estou perto. Estou tão...

— Ah... — Solto um gemido e ele para. Eu mesma abro os olhos. O gemido não foi de prazer, mas de outra coisa.

— O que foi, Stella? — O *outro Eric* parte.

Alguma coisa não está bem. Ele levanta e o chocolate descola fazendo som de coisas lambuzadas. Olho ao redor e vejo tudo marrom, o odor de azedo atacando as narinas. A baunilha do sorvete, antes agradável, parece mais doce que segundos atrás.

Um grande vazio me envolve agora que não o tenho tomando toda a vista. O que está acontecendo? A sensação de desconforto sobe como aquele brinquedos em que martelamos um toco e uma bola bate no teto. De excitada e perdida passo a enjoada. Chocolate, baunilha, lavanda. Seu suor está acre e enjoativo. A lambança, de sexy, passa a nojenta. Algo sobe pela garganta.

— Dá licença. — Levanto da cama, sentindo o lençol grudar nas costas. Pulo em direção ao banheiro, vendo com nojo que o chão também tem chocolate. *Onde estava com a cabeça para sugerir algo assim? Quem vai limpar essa bagunça?* Assim que entro no banheiro e bato a porta, o azedume toma a boca. Abraço a privada e coloco para fora o quiche, o chocolate, o creme – tudo em tons marrons e incrivelmente horrorosos.

Eric bate na porta: — Stella, o que aconteceu?

— Me dá um tempinho! — grito sentada ao lado do vaso. Mais uma golfada. Por puro nojo vomito mais. Isso não pode ser o fim de noite, isso é um pesadelo! Tapo a boca olhando para o banheiro claro demais. As luzes rebatem no espelho e voltam, desbotando a noite romântica. Isso não é coisa de Deus, não pode ser. Mais uma golfada e lá se vai o resto do glamour.

— Foi o quiche? — ele pergunta, decepcionado.

— Acho que foi o chocolate — falo para a latrina. Mas à simples menção da palavra quiche, tenho vontade de vomitar mais. Nunca mais na vida

conseguirei olhar para quiche, sorvete ou chocolate. Nunca mais!

Levanto cambaleante e recosto na pia. Eu pareço uma imagem saída dos mais horrendos filmes de terror. As olheiras alcançaram níveis *cartoonescos*, e o cabelo perdeu a capacidade de evocar descrições. Não posso ser essa mulher. Eu era a Deusa que até há pouco se remexia sinuosamente embaixo do homem mais sexy do planeta. Eu agora sou o *Chuck*!

— Não quer me deixar entrar?

Olho para mim. Eu pareço ter rolado na lama e em seguida tomado um choque. Nunca mais vou desembaraçar o ninho de passarinho cheio de sorvete sobre a cabeça. Passo a mão sobre a barriga como se ela fosse uma coisa do outro mundo, um alienígena pousado na terra com um umbigo no meio.

Dou a noite por encerrada, e para meu conforto – e o dele – Eric dorme na sala.

OPORTUNIDADES VIRÃO

STELLA



A mochila escorrega pelo ombro quando coloco a porcaria da chave na fechadura, e a mão desce pelo peso dos livros e um mini retroprojektor. É tão estranho que corpo pareça um organismo desacoplado da cabeça: ele se revolta, enjoado, aborrecido por ter sido tirado da cama, e eu não entendo nada. Tenho vontade de dar meia volta quando a chave não entra. Também quero estapear a própria cara por ter essa vontade. São sete horas da manhã de uma segunda feira! Que diabos está acontecendo comigo?

Não que eu tenha sido exatamente "arrancada" da cama; desde as cinco estou debruçada sobre o vaso – *quanto quiche ainda vai sair de mim?* Foi constrangedor ver Eric jogando fora a comida que preparou com tanto carinho, mas Deus me livre de comer aquilo, alguma coisa desarranjou meu mundo e com certeza foi o quiche.

Finalmente a porta do departamento abre. Acendo as luzes e uma carreira de lâmpadas brancas ilumina a sala. Jogo a mochila sobre a mesa sentindo cheiro de compensado, carpete e madeira velha, odores típicos de segundas-

feiras, e espanto os mosquitos que zunem ao redor. Por ficar ao lado da Baía de Guanabara, o lugar é reduto deles. Não sei por onde entram ou quanto tempo salivam à nossa espera, mas na segunda-feira a sede é grande e as pernas, poucas. Acordamos há anos que o primeiro a chegar na sala, na segunda, borrifa o inseticida para matar os miseráveis, mas quando olho para a lata de veneno em cima da mesa de Rafael, algo revira no estômago. Tombo desanimada na cadeira ouvindo a melodia dos zunidos, mas de pensar no cheiro do *Baygon* fico com náuseas.

Levanto e vou até a cafeteira. Destampo o pote de café, coloco duas colheres de pó no funil encardido e aperto o botão. É tarde demais quando percebo que esqueci o filtro de papel: a máquina já começou a cuspir o líquido da consistência do barro. *Mas que droga!* Na pressa de consertar o estrago queimo o dedo com a água fervendo e na confusão o pote de vidro cai no chão. Ele se espatifa em mil pedaços, espalhando lama preta pelo carpete.

Enquanto xingo a linhagem inteira de quem inventou as cafeteiras, ouço um gorjeio vir da porta.

— Bom diiii, Stelinha!

A alegria de Rafael dura pouco. Ao ver a bagunça, corre até onde jaz a cafeteira e se ajoelha ao lado da defunta.

— O que foi que você fez?!

— Eu só esqueci de colocar o filtro! — Estou com o dedo queimado na boca e com vontade de vomitar outra vez, e minha vontade é chorar.

Rafael passa a mão pelos meus ombros e me carrega até a mesa. Afasta minha mochila, me coloca sentada e liga o ar condicionado, o que espanta os mosquitos escondidos entre as paletas do antigo *Springer*. Rafael dá um salto até o outro lado da sala.

— Você esqueceu o Baygon!? Como assim? — Ele se encolhe quando um mosquito passa por ele.

— Se eu sentir o cheiro disso, acho que vomito aqui mesmo!

— Mas sem Baygon a gente vai morrer!

— Melhor morrer do que conviver com o meu vômito, acredite.

Rafael se senta atrás do computador, desconfiado.

— Eu, hein. Aposto que bebeu todas.

— Não é ressaca.

— Sendo ou não ressaca, melhore logo porque tenho novidades — ele entoa a última palavra, pronto para explodir se não contar.

Olho-o com as olheiras até a boca, sem condições de ficar melhor que

isso.

— Fui aceito na *Friends of the Sea* ! — Ele grita assim mesmo, com o sorriso de orelha a orelha. — Estou de partida para Trindade!!!

Demoro dez segundos para entender o que diz.

— Que Trindade?

Ele rola longamente os olhos: — Deixe de bobeira, amiga.

Não sei que sentimento louco é esse que me faz considerar Trindade um pouco *minha*. É como se a ilha pertencesse a *mim*, e não ao Brasil. Ouvir alguém dizer que está indo para lá, na minha cabeça ciumenta, consiste em acreditar que precisa de um aval meu.

Mas Trindade não é minha, nem Rafael precisa do meu aval. *Espere: ele precisa do meu aval.*

— Quem disse que você pode ir?

— Sai dessa *vibe*, Stellinha, Cláudia autorizou minha ida, caso fosse aceito.

Algo em mim desaba como uma encosta, dessas que vemos nos noticiários: o barranco desce carregando tudo. Rafael – *meu Rafael* – vai para Trindade – *minha Trindade* – e eu não.

Saltitando no lugar, ele dá a volta na mesa com os braços abertos e vem ao meu encontro. Abraço-o sentindo algo se insinuar na garganta: ou é o café da manhã, ou a mais pura inveja. O projeto que ele enviou à ONG foi escrito por nós dois, antes que o relacionamento com Eric ficasse sério e decidíssemos abrir mão de viagens pelo outro. Que Rafael agora embarque com eles para Trindade e eu fique chupando o dedo não faz nada bem para o meu coração e o meu estômago. Abro a boca em um sorriso mas o que sai é um quadro de Dali, uma coisa feia e torta.

— Credo, Stella, pelo menos finja melhor. Você está com ciúmes?

— Claro que sim! — respondo. *Muito!*

Eu o parabenizo e seus saltinhos recomeçam: — Trindade aí vou eu!

É um efeito dominó de sensações: me sinto injustiçada por não poder ir, já que fui eu quem escrevi boa parte da porcaria do projeto. Sinto rancor por abrir mão da oportunidade, e como consequência, uma pontada de raiva de Eric. Sinto uma inveja tremenda do meu amigo por não compartilhar de sua felicidade e odeio que não seja livre para ir também. Em seguida me sinto horivelmente culpada por sentir tudo isso. E um pouco mais irritada com Eric.

Coroando a confusão de sentimentos, quero vomitar.

— Nunca imaginei que pisaria outra vez naquele paraíso! Viva *a Friends of the Sea*!

Quero jogar o grampeador na sua cabeça, ou algo maior, quando a porta abre e bate com força na parede. As luzes do teto tremelicam, ameaçando pifar. Da porta, uma completa estranha nos fita. Na verdade, uma *conhecida* completamente estranha nos fita.

Cláudia tem o braço esticado e a mão no batente. Óculos escuros, cabelo acaju eriçado. Desço os olhos pela blusa colante até a saia curta demais para a chefia do departamento. Os pêlos da perna foram tingidos de *blondor* e as sandálias estilo gladiador estão amarradas até o joelho. A felicidade de Rafael desaparece: ela foi substituída pelo choque. Preciso confessar que me faltam palavras também.

Cláudia tira lentamente os óculos da frente dos olhos e entra na sala.

— Bom dia, departamento — diz.

— Bom dia — respondemos.

Ela coloca uma bolsinha de mão sobre a mesa e ajeita a saia. Afasta alguns mosquitos do rosto e se senta na frente do computador.

— Tá tudo bem? — pergunto.

— Nunca estive melhor.

Ela mexe no mouse, abre a gaveta, tira papeis da frente. Rafael sai da catatonia devido à micro-saia mas ainda não parece ter se recuperado das gladiadoras.

Por exatos três minutos ficamos em silêncio. Nós, as pessoas, ficamos em silêncio. O computador de Rafael continua a gemer, o ar condicionado a chiar e os mosquitos a zunir. Rafael e eu às vezes nos entreolhamos, mas ninguém quer ser a pessoa que vai perguntar porque ela está vestida assim.

— Claudinha — Rafael quebra o silêncio, cheio de tato. — Adivinha o que aconteceu?

— Você e Tuco vão se casar.

— O quê? Não, nada disso.

— Ah, bom. — Claudia pega os óculos sobressalentes na gaveta e volta a encarar a tela. — Casamentos estão “na moda”, mas não se iluda: é uma moda ruim. Assim como pantalonas ou pochetes.

E gladiadoras, Rafael diz movendo os lábios em minha direção.

— Aproveitem que são livres e soltos. Que ainda mantém a sanidade, a bunda e o peito no lugar.

— Nada a ver com casamento. — Ele continua. — A novidade é que fui

aceito pela ONG norueguesa! Vou voltar para Trindade!

É a vez de Cláudia parar o que está fazendo e olhá-lo. Como eu, ela fica verde de inveja: — Vai, é?

— Vou! Isso não é maravilhoso?

— Você vai, Stella? — Ela olha para mim.

— Não, dessa vez não dá.

— Por causa de Eric — o linguarudo do Rafael solta. — Eles combinaram de não viajar para longe, pra não prejudicarem o romance, lembra?

Cláudia o encara, em seguida me encara.

— Como é que é?

Rafael explica o que eu e Eric acertamos, e eu faço uma nota mental de assassiná-lo quando sair dali e desovar o corpo nos manguezais da região. Cláudia se horroriza ao final da explicação. Em minha defesa, o acordo é mais benéfico para mim do que para Eric, e não entendo o horror. Não sou eu a beldade do relacionamento, nem o disparador de taquicardias entre os públicos feminino e masculino. Se tem alguém lucrando com a história sou eu, certo? Embora, pela reação de Cláudia e pela novidade de Rafael, me questiono por que exatamente achei aquilo uma boa ideia.

Cláudia suspira, balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Você e Eric combinaram de não viajar por causa do relacionamento? *Tsc, tsc.* Mais um do tipo analgésico.

— Analgésico? — Rafael pergunta.

— Sim. Relacionamento analgésico. Relacionamentos só têm dois tipos, Rafael: o *analgésico* e o *vitamina*. Um te salva do árido mundo da solteirice, o outro te prende na categoria de mal necessário. O tipo vitamina é o que você toma para não ficar sozinho, o analgésico porque dói estar solteiro. Mas não se engane, nenhum deles trata a dor de cabeça que o compromisso traz.

— Ok. — Bato as palmas sobre a mesa, encerrando a sandice. — Preciso de uma pausa para outra coisa amarga que não seja você, Cláudia. Infelizmente não temos mais cafeteira, precisamos tomar café na cantina.

— Não sou amarga. Apenas realista.

— Sim, *claro*.

Vou andando ao lado de Rafael, que chacoalha a blusa tentando evaporar o suor da roupa. Entendo os motivos pelo azedume de Cláudia, mas meu relacionamento com Eric não é azedo, amargo nem muito menos analgésico. Ela vem atrás de nós, batendo o solado fino das sandálias no cimento; não

consegue nos acompanhar, a saia justa não a deixa andar direito.

A moça da cantina nos entrega o café e sentamos em uma das cadeiras sob as árvores

— Quanto a Trindade, daria tudo para estar no seu lugar — Cláudia diz para Rafael.

— E por que você não vai?

— Por que estou me divorciando e as crianças estão carentes. A gente acha que vai se livrar do traste e ser finalmente livre, e encontra todo mundo arrasado. Enfim, você sai de Bangu 1 e cai em Bangu 2. Quero saber por que *você* não vai, Stella. Você é livre. Você é solteira. É jovem.

— Não posso abrir exceções, Cláudia. Se eu viajar, Eric viajará também. Já pensou, vê-lo partir duas vezes por ano para a ilha? Faço meus sacrifícios, ele faz os dele. Não é para sempre, é só até a gente ver onde o relacionamento vai dar.

— Vai dar em divórcio. — Cláudia decreta. — Afinal é lá que a grande maioria desemboca.

— Xô, vodu! — Rafael se chacoalha. Ele puxa meu queixo em sua direção e fala: — Não ouça mais uma palavra do que essa negativa diz. *Eu* acredito no amor.

Cláudia rola os olhos.

— Em dez anos vocês dirão que eu tinha razão, e irão se arrepender de todas as oportunidades que não aproveitaram.

Sua frase encosta em um nervo exposto. Sei que é isso que está me incomodando desde que soube do projeto de Trindade, e talvez seja isso que me fez passar tão mal ontem. Estou deixando passar coisas importantes por causa de Eric? Mas por outro lado, quanto tempo eu o teria ao meu lado se largássemos tudo e partíssemos, desimpedidos, cada um para um canto do mundo?

— Eric é diferente. — Eu o defendo. — E essa moratória só vale enquanto estivermos nos conhecendo melhor.

— Não há homens diferentes.

— Gente azeda adora compartilhar seu estado de espírito coalhado, né?

— Rafael diz enchendo seu café de açúcar. — Cláudia, você viveu vinte anos com o bofe, não é possível que tudo acabe assim! — Ele estala os dedos.

— Pois é assim —, ela estala o dedo de volta, — que as coisas acabam.

— Parem vocês dois! — falo, enjoada. — Quero ouvir as novidades sobre Trindade. Conte tudo, Rafael. Quando vocês embarcam?

— Em algumas semanas.

— E o pessoal da ONG, é legal? — Claudia pergunta.

— Sei lá. Tuco não comenta muito sobre eles, mas acho que sim. — Ele olha pra mim, de lado, cheio de intenções. — Tem uma vaga sobrando na expedição.

A informação borbulha sob a pele. *Que tentação.*

— Quanto tempo durará a viagem? — Claudia quer saber. — Quatro meses? Preciso pedir sua liberação ao chefe.

— Não, essa perna será mais curta. Eles levarão civis dessa vez, parece que é um tipo diferente de missão. Será que tem algo a ver com a comoção gerada pelo incidente japonês? — ele pergunta para mim.

— Não sei, Eric quase não comenta sobre trabalho. Ele anda bastante tenso ultimamente.

— Eric, tenso? — Claudia entorta a boca. — Rafael, você imagina uma coisa dessas?

Rafael cai na risada. Eric tenso: duas palavras que quase nunca estão separadas. Dizer que meu namorado está tenso é como dizer 'subir para cima' e 'descer para baixo'.

Rio também, feliz que à medida que a manhã avança, o enjôo diminui. O que não diminui é a inveja de Rafael, mas essa vai passar. Resta sonhar com a ilha e ser feliz com o que ela trouxe, e cá pra nós, o que ela trouxe anda me fazendo muito bem.

Novas oportunidades virão.



O segundo andar do prédio do Primeiro Distrito Naval, localizado na praça Mauá, está em rebuliço. Oficiais entram e saem olhando discretamente para mim – para a minha cara de poucos amigos e nenhum saco. Olhos curiosos me acompanham por cima das baias, como se eu trouxesse novidades.

Endureço o passo. Nos últimos tempos tenho notado isso: quando chego aqui, começa o alvoroço. Caminho com os olhos fixos na sala que fica no final do corredor, aborrecido pelo rumo que as coisas tomaram. Tudo que eu queria era esclarecer os fatos do incidente para a população, eu não intendia virar objeto de interesse da mídia. É por isso que essas pessoas se alvoroçam: porque sempre que sou chamado aqui, algo desanda – e o que tem desandado até agora são os planos da chefe de RP. Ela viu no incidente uma oportunidade de crescer e não pretende me deixar escapar.

Paro em frente à porta e bato. Evito ler o nome da pequena placa onde está escrito: *Comunicação social e Relações Públicas*. Esse nome anda me dando pesadelos. Uma voz conhecida me convida para entrar.

A tenente Machado está acompanhada de Arthur, meu tio e padrinho. Ele está uniformizado como eu, de pé ao lado dela. As feições de Arthur amenizam quando entro, mas estão longe de relaxadas. A tensão dos últimos

meses tem exaurido todas as nossas forças.

— Capitão. — Arthur movimentava a cabeça e ouvia com continência. — Obrigado por vir.

Recebo seu agradecimento com um movimento de cabeça. A tenente, bem mais à vontade, abre um sorriso. É irritante que seus olhos mostrem o brilho diabólico de quem planeja algo infernal.

— Eric, bom ver você novamente.

Não me lembro de ter-lhe dado permissão para me chamar pelo primeiro nome, mas ela não é o tipo que precise de permissão. Ela caminha até a mim, estendendo a mão.

— Nosso bravo capitão Eric continua com a animação de quem vem para um tratamento de canal. Anime-se, capitão!

Inflo o peito em desgosto. Posso repreendê-la por ter um posto mais alto na hierarquia, mas sei que é exatamente isso que ela quer: me desestabilizar. Ignoro-a como venho fazendo nos últimos tempos. Fixo os olhos na rua além da vidraça, fingindo não saber o que quer de mim. Mas sei.

Odeio que tenha sido eu a discursar para a imprensa quando o incidente com o baleeiro japonês aconteceu. Fomos solicitados a explicar a crise com o Japão, e como eu era o oficial de plantão no dia, dei a coletiva que desgatilhou o martírio dos próximos meses. Desde então os jornalistas exigiam falar comigo, e não mais com a assessoria de imprensa.

A mão da tenente continua estendida. Estendo finalmente a minha, cumprimentando-a.

O recado de Arthur pedia que estivesse ali, nesse horário. Sei que seu pedido tem a ver com a viagem iminente do Almirante Sabóia à Trindade, uma viagem que desde o início difere das que usualmente são feitas à ilha. Também sei que a viagem está sendo orquestrada pelo departamento da tenente e que, por trás dela, está o ministro da Marinha, empenhado em esclarecer os fatos para a opinião pública.

— Já que estamos todos aqui, vamos direto ao ponto. — A mulher caminha até sua mesa e afunda na cadeira, quase desaparecendo atrás do computador. Cruza os dedos e me olha com sorriso largo. — Temos uma missão para você, Capitão.

Ajeito o corpo na cadeira.

— Missão?

— Você foi convocado para representar a Marinha em uma operação inédita. Estamos muito felizes com a repercussão positiva da mídia com

relação ao incidente japonês. A forma como tratou a situação foi exemplar, você virou o homem perfeito para o que temos em mente.

Olho para Arthur. Ele mexe a boca como se mastigasse algo duro e indigesto. Todos os músculos do seu rosto, inclusive os nervos do pescoço, estão esticados.

— O termo *operação* não está exatamente correto. — Arthur a corrige.

— O termo é exatamente esse. *Operação* é nome que Brasília escolheu para dar a essa viagem, portanto *operação* é o nome que usaremos — ela decreta.

— Desde quando *eventos midiáticos* viraram *operação*? — Arthur se irrita. Jamais o vi em toda a minha tão vermelho. Ainda assim ele não consegue olhar para mim.

— Tenente — eu falo, olhando-a calmo. — Gostaria de entender porque estou aqui, de que "operação" você está falando e por que sou adequado para o que tem em mente. Preciso voltar ao trabalho e não tenho tempo para *mistérios*.

A tenente sorri, e me lembra uma raposa adiantando os passos de um coelho.

— Capitão, desde que pegou naquele microfone para defender nossa corporação, o Brasil está de olho em você. Quando soubemos que você é um respeitado líder de expedições à Trindade, juntamos dois e dois e simplesmente soubemos que era o homem certo para os nossos planos. A forma como conduziu as missões a Trindade sempre prezou a segurança; seus feitos são conhecidos até nos mais altos níveis da hierarquia. Por tudo isso você foi convocado a conduzir nossa próxima *operação* à ilha.

Franzo o cenho. *Trindade*?

Arthur se mexe no assento.

— Como você sabe, — ela continua — desde o incidente com os japoneses, reforçamos o policiamento no Atlântico. O Japão anda inconformado com o ocorrido, isso não é novidade para ninguém, mas estão especialmente irritados com o fato de que nossa escolta extensiva não tem permitido que eles se embrenhem em nossos mares para caçar baleias.

Afirmo brevemente que sei do que está falando. Há seis meses uma alteração com um navio baleeiro em águas brasileiras ocasionou um acidente e o navio baleeiro japonês acabou afundando. O problema maior não foi esse, e sim o incidente diplomático que se seguiu — e *esse sim*, cresceu desproporcionalmente. Inconformado com o ocorrido e com a posição do

Brasil em não assumir qualquer culpa pelo ocorrido – o navio estava caçando irregularmente animais protegidos em águas brasileiras – e, ao ser abordado, tentou fugir e foi acuada perto de Martim Vaz, o Japão levou às nações Unidas um questionamento não-oficial sobre a presença do Brasil no remoto arquipélago de Trindade.

A ilha tem soberania brasileira e a questão parecia indiscutível, mas diplomaticamente os ânimos pegaram fogo. Desde então, devido ao desgaste e aos questionamentos do povo brasileiro – que quer saber a necessidade e quanto custa manter um posto tão longe da costa – a Marinha, juntamente com o governo, passou a propagandear a ilha como parte do Brasil.

É compreensível que, em meio à crise, o país questionasse os custos de manter uma ilha no meio do nada. O arquipélago é desconhecido por pelo menos 99% dos brasileiros, e era nosso dever mostrar sua importância para o país. Desde então equipes de TV se deslocaram até lá para novas reportagens, campanhas com marinheiros sorridentes começaram a ser veiculadas pela mídia e grupos de não-cientistas – mercadólogos, artistas e até mesmo apresentadores de TV – visitaram o local.

Lembro que Stella quase desmaiou quando viu Luciano Huck passeando pela praia onde ocorre a desova dos ovos, e só levantou do chão da sala, onde jazia catatônica, quando eu disse que aquele pedaço da praia era seguro para caminhar.

A voz da Tenente ressurge: — ...por isso essa nova operação precisa de um rosto, entende? Um rosto marcante e profissional, que seja a cara da Marinha do Brasil.

Seu olhar me incomoda. Olho para Arthur, sem entender direito o que ela disse por último: ela acabou de insinuar que a cara da Marinha *sou eu*?

— Eric, é só uma viagem. — Arthur diz ao mesmo tempo que a mulher solta, vibrante:

— E esse homem é você! Nada mais justo que o homem que contornou o incidente Japonês seja o rosto associado à Trindade.

Como das outras vezes, coloco as mãos sobre o braço da cadeira preparando-me para partir.

— A tarefa é muito simples, capitão, — ela acelera a fala, porque da última vez deixei-a falando sozinha. — Você levará uma equipe de profissionais à Trindade. Eles rodarão um documentário sobre a ilha e quero que esteja lá. Queremos você à frente da campanha.

— Não — digo me levantando.

— Não é uma pergunta, capitão.

— Então considere meu *não* uma afirmação, e não uma resposta. Pedi dispensa das viagens, caso não saiba. Não estou mais embarcando.

— Acabamos de suspender sua dispensa. — Ela une os dedos sobre a mesa. — Você será o capitão da próxima missão, e o ministro está vindo de Brasília para formalizar a operação.

Ministro? Ao olhar para Arthur, vejo que continua a me evitar.

— Arthur, você sabia disso?

— As ordens vieram de cima, Eric.

Por um segundo faz-se silêncio na sala.

— Posso falar com você em particular? — pergunto para meu padrinho, andando até a saída. Deixo a sala com a respiração travada. Não ajuda estar no corredor, sob as vistas de dezenas de curiosos, que esperavam justamente isso. A saída abrupta da sala de sua chefe era questão de minutos e *eles sabiam*. Por algum motivo ela se diverte com minhas recusas, e vê meu comportamento como oportunidade de caça.

Arthur me segue até o corredor. Assim que a porta bate eu explodo.

— Quem essa oficial pensa que é?! Ela não pode suspender minha dispensa!

— Eric, acalme-se.

— Ela está sugerindo que eu apareça em um documentário? Que minha cara seja associada à Trindade? Que merda é essa?

— Meu filho, os tempos mudaram. — Ele coloca a mão sobre meu braço.

Olho-o espantado: — Você concorda com isso??

— Filho, pense a respeito. Eles querem apenas que você esteja lá, e ceda sua imagem para um bem maior. O intuito é dar credibilidade à Marinha. É a velha história do herói em tempos de crise: o povo quer um rosto. Você se destacou na imprensa, o povo quer ver você.

Afasto-me dele negando que uma corporação tão séria precise de um rosto. Não fazemos isso.

— As ordens vieram de Brasília.

— Eu pedi dispensa das pernaças.

— Estamos lidando com uma crise internacional, Eric.

— Crise? — Aponto para a desmiolada ali dentro tratando a crise com *documentários*. — É assim que tratamos crises agora?

— Estou de mãos atadas. Você terá que ir, ou seu gesto será considerado

insubordinação.

Demoro um minuto pra entender o que ele falou. Achei ter ouvido que *não dá*. Mas não tenho certeza se ouvi direito. Estava pensando em Stella, e como se sentirá. *Ela vai ficar muito brava*.

— Eles já contrataram as equipes de filmagem. Não há mais volta.

O corredor ganha tons de vermelho. Paredes, vidros, curiosos, tudo ganha o mesmo tom. Dou meia volta antes que faça uma besteira, e aí, sim, a sala ficaria tingida de vermelho.

Deixo Arthur para trás e rumo com passos duros em direção à rua. Quero assassinar um, quero matar o marqueteiro que deu essa ideia em Brasília, que não entende o que é uma corporação, que acha que o mundo é o que mostra nas suas 'redes sociais'. Por que não filmam cadetes sorrindo pra bandeira como há anos fazem nas propagandas? Por que não mostram as esquadras cruzando os mares, homens trabalhando, imagens dos treinamentos de guerra como fazem há anos?

Arthur não tem fôlego para me alcançar. Ele tenta, mas não é sua idade que o impede: acho que está dando distância porque sabe que vou estourar, e prefere que eu saia do prédio antes que isso ocorra.

As cabeças continuam a me olhar por cima das baias. Quanto mais pesados os meus passos, mais tenho certeza de que sou eu quem as pessoas esperavam ver – e isso me deixa puto. *O que estão olhando?*

Abro a porta e saio à rua com as mãos em punho e as veias latejando. Arthur sai atrás de mim. Um sol de lascar ofusca tudo ao redor. Dou um passo de volta, sem entender a última frase da tenente: — E o que ela quis dizer com "oficializar a convocação"?

— O Ministro virá hoje à noite para formalizar a operação. — Arthur arfa, cansado. — Você precisará estar lá.

A vontade que tenho é quebrar alguma coisa. Socar alguém. Continuo balançando a cabeça. Não posso ir para Trindade, não quero participar de filmagem alguma. *E a minha relação com Stella...* Esfrego as mãos no rosto, sem saber como adiantar sua reação.

— Pense com frieza, Eric. São apenas alguns dias. É apenas um documentário — diz hesitante.

Arrasto as mãos pelo cabelo contando até 10. No 8 me convenço de que Arthur não está me contando tudo. Por que continua a evitar meus olhos?

— Você está me escondendo alguma coisa, eu sei.

Ele molha os lábios com a língua. Sim, ele está.

— Stella não gostará nada disso — digo alto, olhando para cima. Alguns oficiais disputam lugar na janela para ver nossa discussão.

— Talvez fosse melhor não dizer nada a Stella por enquanto — meu padrinho diz.

— Eu sei, — respondo. — Ela deixou de viajar por mim. Não posso fazer isso com ela.

— Você tem algo maior do que isso para se preocupar.

Olho-o sem entender. Ele ajeita a farda e estala discretamente o pescoço.

— Acho que você precisa entender primeiro com quem viajará. Antes de contar para Stella, pesquise quem é a equipe de filmagem que acompanhará à ilha.

FRANCESCA SALDANHA

ERIC



Entro no carro e desabotoo o primeiro botão da camisa: o calor é tanto que ensopa o peito. Ligo o carro sentindo a gola pinicar, digitando rápido o nome da empresa que Arthur me deu. Passo a primeira marcha. Conheço a empresa contratada para filmar o documentário, mas há uma chance mínima de estar enganado. *Por favor, que eu esteja enganado.* Deixo a garagem aguardando o site abrir, mas assim que entro na rodovia e trago o celular às vistas, perco o ar. O primeiro nome vem ao mesmo tempo que o princípio de infarto:

Francesca.

Não pode ser.

O sinal fecha e as luzes traseiras do carro da frente são tão vermelhas quanto o cabelo dela está agora. Piso no pedal no último segundo e o celular voa entre os bancos. Ouço encolhido a freada abrupta atrás de mim, acompanhada da buzina longa e sonora. A batida seria a versão física de como a notícia me atingiu.

— Fala sério! — dou um soco no volante. Fala sério que esta é a empresa

contratada para a filmagem, fala sério que estou nessa pernada e que a *maldita está ruiva!* As mãos suam no volante ao imaginar a bomba que tenho nas mãos para desarmar. Stella vai perder as estribeiras, vai ficar maluca.

Eu vou ficar maluco.

Stella jamais acreditará que não foi armado, que não tenho nada com isso, que essa mulher na tela – tateio entre os bancos, tentando encontrar o celular – que *essa mulher* não representa mais nada pra mim, mas que passaremos um mês juntos na ilha, sob meus cuidados. Francesca será a pá de cal no meu namoro.

Foram necessárias três buzinas para que eu voltasse a andar com o carro. Mas acelero com força demais e quase bato no carro da frente. Com a outra freada o celular ressurgiu, indicando mau-agouro: na tela pequena, ainda reluzindo mais que o fogo dos infernos, está a foto da mulher que precisarei acompanhar a Trindade.

Minha ex mulher.

Horas depois subo as escadas até o meu andar, arrastando as pernas. Abro a porta, fecho-a com o pé atrás de mim. Jogo a pasta sobre o sofá e tiro os sapatos. Stella deve estar na universidade e só volta às onze. Preciso pensar até lá em uma maneira de contar sobre a viagem imprevista e tentar, talvez, tirar da história algum humor. Penso em ligar antes para Cláudia, talvez ela possa me dar uma ideia. Tenho duas bombas para jogar, e preciso decidir se jogo as duas, uma ou a outra, ou se jogo alguma. De qualquer jeito algo vai explodir perto de mim.

Olho para o apartamento vazio com um aperto no peito. Quando foi que minha casa virou um lugar solitário? Eu mal notava se estava aqui ou não antes de Stella virar minha vida do avesso. E nos últimos tempos tenho achado ele pequeno e insuficiente para nós dois.

Infelizmente, dependendo de sua reação, esse lugar vai voltar a ser grande demais para um.

Minha ex esposa guarda uma raiva justificada por mim. Fui um péssimo marido: ausente, insensível e emocionalmente fora de alcance. Quando o relacionamento terminou, trouxe alívio e meses de tristeza por ter falhado com ela. Sempre achei que ela sentia rancor e não entendo porque justamente sua equipe foi escolhida para rodar o documentário. Será que ela sabe que serei o Capitão da pernada? Certamente sabe. *E algo me diz que sua nova cor de cabelo é uma provocação.*

Desabotô a blusa e lanço-a ao chão, tomando um susto ao ouvir a voz melodiosa:

— Oi, bonitão.

O coração dispara ao ver que não estou sozinho. Começa a bater em outro ritmo ao ver Stella parada na entrada da cozinha. Ela está de avental e colher de pau na mão. Debaixo do avental, absolutamente nada.

Por um segundo me sinto sujo por ter na tela do celular – embora a tela esteja apagada – a foto de uma nova-ruiva que por três anos dividiu a cama comigo. Me sinto sujo por esconder tantas coisas dela.

Além da viagem e do fato da jornalista ser minha ex, tenho uma festa para ir hoje à noite. Um convite feito de última hora, vindo diretamente de Brasília. Não existe a menor possibilidade de ignorar o convite ou me rebelar contra a ordem; qualquer negativa nas Forças Armadas consta como insubordinação e a pena é a detenção. Não quero ir preso, mas também não quero embarcar para Trindade, e não sei como contar isso para a minha namorada.

No entanto, tudo se torna secundário à sua frente. Stella está seminua, mais linda que a vida. Como tirar o sorriso lindo que ela tem no rosto?

— Você, aqui? — Olho para as curvas acentuadas pela posição. Seu ombro está recostado no batente, e as pernas ligeiramente cruzadas. O avental é minúsculo, mal tapa os seios, e termina em babadinhos delicados exatamente em cima do triângulo semi depilado.

Engulo litros de saliva, sem conseguir tirar os olhos dos fios acobreados. Ela não se depila inteiramente, por que gosto de seus pelinhos ruivos. Sempre deixa a meu pedido um pouquinho no meio. Meu pau acorda dentro das calças, e o que antes tomava a mente desaparece.

— Pedi para uma colega me substituir — ela diz levando a colher de pau à boca. Chupa o caldo de alguma coisa que escorre pelo cabo, apoiando a outra mão sensualmente na cintura.

Ela parece diferente. Em algum momento de nossa curta história – os sete meses mais felizes da minha vida – ela cresceu. Tornou-se a mulher perfeita.

A culpa chega com um vagalhão. Como posso esconder algo dela? Dou um passo em sua direção, beijo-a de leve e pergunto, decidido a contar tudo.

— Fico feliz que esteja aqui. Está se sentindo melhor?

Ela me tranquiliza, acariciando meus braços.

— Foi só a comida. Estou melhor.

Seu sorriso é lindo e quase me faz esquecer o quanto preciso contar.

— Na verdade, Stella, precisamos conversar.

— Ah é? — ela beija meu peito.

— Preciso comparecer a um evento da Marinha hoje. — Afasto-a, e odeio que ela pare de sorrir.

— Hoje? Mas não trouxe minhas coisas.

Ela acha que foi convidada, a aquilo me dói.

— Desta vez eu preciso ir sozinho.

Sua testa enrugada: — Por que?

— Fiquei sabendo agora. Sinto muito, meu amor.

— Hmm. Você anda mesmo muito tenso. Uma festa fará bem a você .

— Não essa.

Ela volta a sorrir e mover o corpo, deslocando o avental de lugar. Massageio o pescoço duro, com vontade mesmo é de colocar a mão em outra coisa dura em mim. Ou colocar as mãos nela. Ou a coisa dura nela.

Tento trazer a cabeça ao lugar. Agora seria o momento de contar sobre a viagem, por exemplo. Dizer, em minha defesa, que há um complô – não consigo achar outro nome – para me arrastar até a ilha e servir de cicerone para uma equipe de filmagem. Não preciso falar sobre Francesca agora. Ela é mais uma embarcada na perna, ponto final.

Stella anda até a mesa e pega o meu celular. Acho que procura ver as horas, não sei, mas lembro que na tela está o resultado de minha procura recente no Google. Em um só pulo e tomo dela o celular antes que ela veja a foto.

— O que foi? — Ela estranha minha pressa em tirar o aparelho de suas mãos.

— Nada.

Afasto-me destravando o celular e deleto o histórico. Vejo então o horário. Está tarde, preciso me apressar se não quiser que o atraso pareça uma afronta. É com uma bigorna no peito que explico para ela que não sabia do evento, que a levaria se pudesse, que me perdoe. Ela não desconfia de nada, porque me ajuda a guardar a comida que preparou na geladeira e a me arrumar. Vejo-a, agoniado, colocar a roupa e partir, decepcionada. Eu só sei xingar Arthur e a tenente abusada em pensamento. *Não pode passar de amanhã, digo a mim mesmo.*

Amanhã conto tudo para ela.



Entro na festa com um único objetivo: confrontar a chefe de Relações Públicas, a tenente Machado. O que ela está pensando? Como foi que conseguiu o contato de Francesca, e contratou sua firma para filmar o documentário na ilha? E porque tenho a impressão de que há mais dedos por trás dessa história?

Assim que entro na festa, vejo minha ex mulher entre os outros convidados. Ela continua a mesma, com exceção da cor de seu cabelo: antes castanhos, eles estão agora vermelhos. Sem dúvidas continua bonita, uma mulher que chamava - e ainda chama - atenção por onde passa. O vestido vermelho e decotado marca o corpo bem delineado, voluptuoso em todas as curvas. A idade lhe fez bem, pelo menos fisicamente. Está mais bonita agora que amadureceu.

Francesca me vê antes mesmo que eu a veja, mas antes de cumprimentá-la, procuro meu alvo: a mulher que começou toda essa história. É nela que pretendo descontar minha frustração. Acho-a ao lado de um grupo de pessoas que reconheço serem de seu departamento. Ao me aproximar a turma se dispersa, sabendo pela minha cara que não vim para socializar.

— Tenente. — Paro ao seu lado. A tenente se vira, surpresa.

— Capitão Eric Saldanha?! — Ela me olha sobre a borda do copo, dos pés à cabeça. — Que surpresa boa ve-lo aqui.

— Não tinha outra opção, tinha? — Resmungo pegando-a gentilmente pelo cotovelo e arrastando-a até um canto. Modero o tom e as palavras, para que nenhuma saia errada ou em tom grosseiro, mas deixo bem claro meu estado de espírito. — Não acha que me deve uma explicação?

Ela finge inocência: — Não estou entendendo. Explicação para o quê?

— Que história é essa de contratar a produtora da minha ex mulher para filmar o documentário?

— Ah, isso! — Ela dá um tapinha na testa, fingindo se lembrar. — Sabe que foi uma grande coincidência? — Como não me convence, ela olha ao redor, em seguida confidencia: — Ok, não foi bem uma coincidência.

— Você a procurou de propósito para me tortura um pouco mais? — pergunto, incrédulo.

— Não, capitão. Pra falar a verdade a licitação não passou pelos trâmites normais.

— Como assim?

Ela torce a boca, em desagrado.

— Oras, Eric, não seja inocente. A indicação do documentário veio de cima. Foi político, como tudo nesse país.

— Está dizendo que *escolheram* a produtora de Francesca? Especificamente a *dela*?

— É isso aí.

— Por quê? — Eu não entendo. — Por que alguém teria interesse em enfiar a minha ex esposa na mesma viagem que eu?

— Sei lá, oras, isso só você pode responder. Alguém que quer causar em você exatamente isso que está causando: stress. — A tenente reclama para a própria taça: — Como se você já não fosse estressado o suficiente.

— Isso não faz sentido. Quem quer me causar stress? — O que ela está dizendo não faz sentido, e ao mesmo tempo *faz*. — Qual é o intuito de colocar minha ex na viagem? Alguém acha que protagonizaríamos um barraco para ser televisionado?

— Eu torceria mais para que rolasse uma *química* entre vocês, e não um barraco — ela responde — Barracos são populares, mas romances dão mais ibope.

Arrasto a mão pelos cabelos, irritado: — Isso é patético. Sou comprometido, a história com Francesca é passado. Quem a desenterraria de

lá?

— Não sei, mas adoraria saber. Seja lá quem foi, é alguém muito influente na corporação, disso tenho certeza. E como sei que os holofotes estão sobre você no momento, meu empenho está em levá-lo até aquela ilha custe o que custar. Independente se o que está custando é a sua paz.

Olho-a com desprezo, mas a mulher é tão raposa que meu desagrado sequer a atinge.

— Você é um homem difícil de se abrir, capitão. E cá entre nós – e com todo respeito – tudo que mostra para o mundo são olhares duros e carrancas pesadas. Talvez alguém ache que Francesca possa *descontrai-lo*.

Ela recebe de mim outra carranca pesada.

— É isso que pretende? Me *descontrair*?

— Não é o que pretendo, e duvido que isso possa acontecer. O que pretendo é trazer Trindade até o cidadão brasileiro. E quero o seu rosto bonito associado a isso tudo.

Esfrego o rosto com as mãos, sem acreditar que estou no meio disso. *Como Stella receberá a notícia?*

A tenente olha para os lados e abaixa o tom de voz para não ser ouvida:

— Capitão, não vou negar que o documentário impulsionará minha carreira e que sua presença nele garantirá o sucesso. O povo comenta até hoje sobre a sua entrevista, você virou *trend* no Twitter. Mas embora vibre com tudo que está acontecendo, a contratação da produtora de Francesca não teve dedo meu. Para falar a verdade, acho que houve maldade nessa contratação. Não sei que tipo de inimigos fez na Marinha, mas seja lá quem for, está disposto a punir você. Viagens sempre foram uma punição para quem pede dispensa. Acho que a escolha da produtora também teve um toque de vingança.

Aquilo extrapola todos os limites. Ela confirma, ali, o que eu já suspeitava.

— Viu? É assim que você reage, mas não é bem sua fúria truculenta – com todo o respeito, claro – que queremos televisionar.

— Você acha que alguém colocou minha ex esposa no navio por *vingança*?

— Para mim está claro. Não está para você?

O nome Marina e seu pai lampejam dolorosos no meio da testa.

— Vou pedir dispensa dessa missão, Tenente — aviso massageando o ponto dolorido. — Espero poder ver sua decepção quando isso acontecer.

A tenente beberica o champanhe e sorri.

— Ninguém pode dissuadi-lo de tentar.

Dou-lhe as costas, ouvindo-a enquanto me afasto: — ...se me colocassem no mesmo navio que meu ex, um de nós viraria comida de tubarão.

Caminho entre as pessoas sem acreditar que Marina seria capaz de fazer isso. Por que ela se interessaria em se vingar de mim? Soube que casou e que está feliz. Porque seu pai se meteria em assuntos tão tolos só para me punir?

Mas então me lembro que ninguém se esquece de nada na corporação. Namorar a filha do Almirante e não colocar no fim da história um anel em seu dedo jamais seria esquecido. Arthur me avisou, eu me lembro de seu alerta. A corporação é um ambiente machista, e um namoro que não terminou em casamento pode ser malvisto. Ajeito o blazer, incomodado com a situação. Alguém na cúpula decididamente está de olho em mim.

Francesca acena adiante, nada surpresa ao me ver. Caminho até ela, observando as pessoas que tem em volta. Ela pede licença ao grupo e me encontra no meio do caminho.

— Eric — diz sorrindo — Quanto tempo faz que não nos vemos?

— Francesca, como vai? — Recebo dela um beijo na lateral do rosto. Com sua proximidade chegam as lembranças, mas não as melhores. Ela usa o mesmo perfume que usava durante os anos de casamento.

— Estou ótima — ela responde pousando a mão livre em meu braço, alisando o tecido da jaqueta até as insígnias sobre o peito. — Tinha me esquecido como fica bem de farda.

— Você também está ótima. — Tiro sua mão de meu peito. — Soube que sua empresa cresceu nos últimos anos.

— A *Francesca Saldanha* vai muito bem, obrigada — responde aludindo à firma, que leva seu nome e o *meu* sobrenome. Com o desconforto que o nome causa, não lhe resta opção senão comentar: — Eu sei. Eu sei o que te traz até a mim, e o que acha disso tudo. Você entende que não podia mais mudar o nome da produtora, não entende? A empresa cresceu no mercado, seria suicídio mudar o nome.

— Nunca pedi que mudasse o nome — respondo, e pouco me interessa que ela mantenha o Saldanha — O que eu *realmente* não esperava é que viesse trabalhar para a Marinha.

Ela abre um sorriso deslumbrante: — Ah, Eric... como recusar um *job* em Trindade?

Encaramo-nos por um tempo em silêncio. Não é preciso dizer muito

quando conhecemos todos os artifícios do outro.

— Você sabia que eu estaria nessa operação.

— Oh, estará? — Ela finge surpresa. — Quanta coincidência.

— Coincidências? — Olho para trás, para a tenente que finge não observar nossa conversa, mas observa. — Engraçado como todos parecem gostar dessa palavra. Mas não está certo ainda que a comandarei.

Observo atento sua reação. Farei de tudo para não ir, e ficarei muito satisfeito de ver como ela e o Ministro Itaboraguy reagirão quando souberem disso.

— Com você ou não à bordo daquele navio, tirarei enorme prazer em filmar a ilha que destruiu nosso casamento.

Pronto. Eu sabia que em algum momento a ilha sofreria o primeiro ataque. Não entro no mérito, aquilo foi discutido à exaustão anos atrás, quando nos separamos. Ela culpou a ilha, o mundo, qualquer coisa pelo fim — menos a si mesma. Mas isso é passado. No momento me interessa saber como foi que a Marinha chegou até sua empresa.

— Como acabou contratada para essa filmagem? Quem procurou vocês?

— Acho que precisarei manter sigilo sobre isso, querido. Talvez tenha sido o sobrenome, não sei. — Ela pisca. — Você ficou famoso depois do incidente do Japão.

Observo-a por uns instantes.

— Por quê? — pergunto por fim. *Por que está agindo como se ainda tivéssemos algo a ser discutido ou debatido?* Por que aceitaria um trabalho para me confrontar?

— Você está mais interessante hoje do que era no passado, capitão — ela responde à pergunta da maneira que a entende. — Talvez eu queira relembrar os velhos tempos, oras. E o pagamento também não é nada mau.

— Não temos mais nada para conversar. Não sei se você se lembra, mas quando terminamos não havia mais nada a ser dito.

Terminamos com ela me traindo com um amigo em comum, e na época fiquei quase aliviado pelo relacionamento ter chegado ao fim. O sentimento da minha parte havia acabado, e ela parecia ter cansado de pedir afeto. Foi melhor assim.

— Você amadureceu, querido, e eu também. — Ela dá um passo adiante e sua voz se torna mais quente, assim como a sua postura mais ousada. — Temos muito que conversar.

Ela tenta me tocar, mas seguro seu pulso.

— Não, não temos.

— Uau. — Ela arregala os imensos olhos azuis. — Você continua direto. Onde estão os preâmbulos, as mensagens dadas pelos lados, as indiretas que não ferem ou machucam?

— Você me trocou por um cara que supostamente oferecia tudo isso, esqueceu-se?

Ela suspira.

— Aquilo foi um erro, você sabe.

— Foi? Que pena.

Dou um passo para trás, indicando que estou de partida. Mas antes que parta, Tenente Machado se aproxima com um fotógrafo a tiracolo: — Esses dois, por favor — ela informa ao homem.

— Não tiro fotos — aviso — mas Francesca é mais rápida. Enlaça meu braço, enquanto a tenente me segura pelo pulso.

— Eric, por favor fique parado. É só uma foto, pelo amor de Deus. E não faça a cara de quem está calculando o imposto de renda. Sorria!

— Francesca, passe as mão ao redor da cintura dele, por favor. Isso. Obrigada.

O Flash dispara.

— Eric, não fique tão bravo — Francesca diz sorrindo, sem me encarar. — É para o bem da ilha. E do Brasil.

Não respondo. Sequer me despeço delas.

— Vejo você em breve, capitão! — ela grita de longe.

QUE FESTA?

STELLA



Desde o festival de vômito na minha casa, dias atrás, estou enjoada. Dou aulas com um balde na mão, acordo como se tivesse sido atropelada por um caminhão e sinto uma constante vontade de esmurrar quem me deseja bom dia. Há dias tento marcar um gastro para ver o que está acontecendo com meu estômago, mas acho que, mal como estou, deveria reservar uma vaga no jazigo da família.

Eric tenta me visitar duas vezes, mas só de pensar na sua pele com cheiro de chocolate tenho vontade de vomitar. Dispenso-o antes que entre no apartamento, dizendo pelo interfone que não vou conseguir recebê-lo sem vomitar. Ele aceita, fazer o quê? Agradeço aos céus pela sua paciência, mas estaria mentindo se dissesse que senti sua falta: falta, falta mesmo eu senti de não enjoar.

Coitado, ele não faz ideia do que está acontecendo. Somos dois.

Recebo uma mensagem de Eric:

Stella, você precisa ver um médico

Estou providenciando um, fique tranquilo - respondo.

Mas dias se passam sem que eu melhore.

De volta ao departamento depois de um dia de provas (tendo que lidar com o emocional de alunos apavorados com a perspectiva de sentirem o cheiro do meu vômito), encosto a testa na madeira da porta e lamento meu mal. Gemo dramática, sem entender o que pode causar tanto estardalhaço na barriga. É um vírus? Uma bactéria? Eu preferia sentir dor à sentir isso!

Cláudia entra entre um gemido e outro.

— Ê, cachaça.

— Não é cachaça — gemo sem vontade.

— Tequila, vodca, vinho ... tudo causa ressaca.

Levanto a cabeça. O cabelo desprende do coque frouxo e cai desordenado ao redor da careta. Penso se isso que estou sentindo pode ter sido excesso de bebida, mas a última vez que bebi foi no dia que Eric me despachou cedo para casa, mais ou menos cinco dias atrás, porque tinha um evento da Marinha. Desde então não tenho me sentido muito bem, nem ando bebendo nada.

— Não foi bebida. É só um enjôo sem explicação, uma vontade constante de vomitar, sabe?

— Sei. Tive três episódios desses na vida. O nome disso é gr...

Antes que ela possa terminar, Rafael invade a sala. A cena parece saída de um melodrama mexicano, naquele momento em que surge a mulher maluca em posição de ataque. Mas ao invés de uma faca ele tem papel e caneta na mão.

— Para tudo, departamento! Stella, você precisa ver isso agora.

Cláudia franze a cara para o menino. O que poderia justificar o desespero? Pela vermelhidão do rosto e os fios de suor escorrendo da lateral do rosto, ele veio correndo do ponto até ali.

— O que foi, Rafael?

— A *Friends of the Sea* me ligou! Eles querem você – você! – na missão! Estão surpresos que você não se candidatou à vaga, querem que você estude com carinho a possibilidade de ir conosco. Stella, acorda! Você está sendo *convidada* a ir!

Eu deveria ficar feliz, mas uma onda de enjôo chega na frente. Mostro a língua e solto um *argh*.

— Que baixo astral! Olha que ainda nem contei o pior: o *deadline* para a autorização de embarque para a Marinha é hoje!

— Esquece, Rafael. — Tomo o papel das mãos dele. — Já disse que não dá pra ir. Além de precisar de um médico – talvez de um exorcista – combinei com Eric de ficar no Rio, lembra?

Leio o e-mail escrito em português precário, onde um homem chamado Storr, diretor-presidente da ONG, elogia nosso trabalho e questiona o porquê de não embarcar com eles. Suspiro, desanimada. Ao final do e-mail ele comenta sobre o prazo e repete o que eu já sei: que a Marinha é burocrática quanto a embarques e que não prorroga prazos.

Abaixo desanimada o papel. Agora, além de enjoada, estou aborrecida. Devolvo o papel a Rafael. É muita maldade encher a cabeça de sonhos não realizáveis.

— Amiga, tenta — ele insiste.

— Vou na próxima — brinco, mexendo no mouse para acender a tela do computador. É mais fácil encarar a tela que encarar a vontade de viajar.

— É uma pena que não vá, Stella — Cláudia fala — Nunca tivemos tantos mestrandos capazes de nos substituírem em aula. Isso é raro, e eu *já já* vou usar essa benção para pedir o meu sabático.

— Eu sei, mas fiz uma promessa.

— Você e Eric acabarão brigando por causa disso, anota o que estou dizendo.

— Ou estaremos juntos mais tarde por causa de decisões como essa — revido.

Pelo resto do dia passo mal, mas dessa vez não é de enjôo. Sinto o corpo pesado e de má vontade. Os minutos passam e a cada um deles eu penso que em breve uma porta se fechará. A Marinha não aceita pedidos fora de hora - não que eu fosse fazê-los, é só uma constatação – mas se quisesse ir, teria que solicitar a ida *hoje*.

Quando o expediente acaba, Cláudia e Rafael se despedem. Eles ainda me

chamam para tomar uma cerveja no boteco ao lado do apartamento de Rafael em Copacabana, mas tenho medo de passar mal. Acabo ficando sozinha – eu e o e-mail enviado pela *Friends of the Sea* - na sala infestada de mosquitos.

O papel olha para mim e juro que posso ouvi-lo sussurrar com sotaque nórdico: *vacilona*.

Amasso-o e jogo-o no lixo. Em seguida ligo para Eric. O telefone toca algumas vezes, mas ele não atende. Uma voz automática pede que eu deixe um recado.

— Oi, amor. Me liga. Estou me sentindo um pouco melhor, como sempre o enjôo passa à noite. Mas só por desincumbência vou dar uma passadinha na clínica. — Aliso a barriga. — Não deve ser nada grave, não se preocupe. Quando sair de lá, tento falar com você outra vez.

Desligo o celular massageando o estômago, quando noto que não é ele que sinto pesado: é o peito.

Estou quase chegando na clínica 24 horas quando o telefone toca. Atendo sem ver o número, acreditando ser Eric retornando minha ligação.

— Stella!?

Rolo os olhos. Mais uma vez, Rafael.

— Rafael, menos — digo no viva voz. — Não vou viajar, não dá agora. Passei o dia inteiro mal por causa daquela droga de e-mail. Por favor, me deixa quieta, ok? Estou à caminho da clínica pra ver essa...

— Não vá para a clínica, venha para cá!

— Pro boteco?! Era o que me faltava.

— Amiga, vai por mim, vem pra cá primeiro. Você vai precisar voltar à clínica depois que vir *isso aqui*.

Exalo ruidosamente, para que ele ouça meu completo desinteresse.

— É sério, Stella! — Dessa vez é a voz de Cláudia ao fundo. — É melhor você vir.

Faço o retorno e dirijo até o bar onde os dois estão. É bom que seja realmente importante o que têm para me mostrar, ou vou ficar muito brava.

Estaciono perto do bar e caminho devagar em direção aos dois, sentados em uma mesinha de quatro lugares. Eles têm uma revista nas mãos, e a folheiam estranhamente sérios.

— Estou aqui.

Puxo uma cadeira e me sento, lendo o nome da revista.

— É bom que o que tenham para falar seja mais interessante que as reportagens da revista *Bocas*.

Eles abaixam a revista. Os dois têm os olhos arregalados, e me encaram como se tivessem um fantasma à frente.

— O que foi, gente? Vocês estão me assustando.

Cláudia deita a revista na mesa, e, de cabeça para baixo, vejo fotos de uma festa. O olhar é rápido, não dura mais que um segundo, mas na periferia da visão o serviço é completo.

Giro a revista. A chamada da página diz:

Marinha rodará documentário em Trindade. Confira as fotos da festa.

Documentário em Trindade? Essa é a festa que Eric foi semana passada, no Clube naval. Pelos trajes, certamente um baile Nababesco, de gala.

O clube, fundado na década de 40, é um oásis no meio do Rio, um local de lazer para os oficiais e suas famílias. O que eu vejo pelas fotos é que ele foi transformado na recepção do Oscar. Mulheres de rostos conhecidos sorriem para as câmeras, seus rostos ultra-maquitados mostrando sorrisos abertos e generosos. Homens posam orgulhosos ao lado delas, com seus uniformes.

Meu coração, que bate mais forte desde que peguei a revista, ameaça falhar. *É Eric*. Um metro e noventa de homem dentro de uma jaqueta azul cheia de botões, insígnias e medalhas no peito, tomando um quarto da página. Não foi assim que o deixei antes de sair, ele não estava vestido com a casaca de gala, nem as medalhas. Ainda assim as pernas fraquejam: se já o vi tão lindo antes, me esqueci.

Cláudia e Rafael trocam olhares. Pela minha cara, eu realmente precisarei passar na clínica depois dessa.

— Essa foi a festa que ele foi? Mas o que ele tem a ver com o

documentário?

Não pode ter sido aquele dia. Eu achei que era uma reunião, um coquetel, sei lá. Ele não falou que seria um baile de gala, que envolveria um documentário, que ...

O dedo de Cláudia se insinua entre as folhas da revista e ergue uma delas até que ela vire. A folha assenta, a próxima página fica visível.

Eric – *meu* Eric – está ao lado de uma mulher deslumbrante, que traja um longo vermelho e salto-agulha. Ela empina os ombros e faz pose para fotos ao seu lado, como se fosse uma profissional. Leio a legenda da foto: *Capitão Eric Saldanha e a jornalista responsável pelo documentário, Francesca Saldanha.*

Uma corrente gélida desce pelas vértebras e se assenta nos membros. Eu reconheço esse nome.

— Quem é essa, Stelinha? — Rafael coloca o dedo sobre a cara da moça.

Balanço a cabeça que não. Não pode ser ela. Eric teria me dito. Teria contado que a festa foi enorme, que foi fotografado com sua ex. *Que a ex ainda mantém o seu sobrenome!*

Que a ex é ruiva!

O traje de gala denuncia Eric. Ele saiu de casa sabendo direitinho para onde ia.

— Maldito, ele se encontrou com a ex e não disse nada! Ele nunca falou que ela era ruiva!

— Acho melhor você ler o resto, colega. A situação piora *um pouquinho*. — Cláudia avisa.

Já não sei se o que corre pela espinha é frio ou eletricidade. *Por que ele não me disse nada?* Leio com a respiração pesada como uma equipe de cinegrafistas e jornalistas embarcará para Trindade em poucos dias para rodar um documentário sobre a ilha. Querem trazer Trindade para perto dos brasileiros, alegam. Francesca Saldanha, cabeça do projeto, estará na ilha com "a nova cara da corporação".

A cabeça recebe as palavras mas não sabe o que fazer com elas. Elas correm soltas sem gerar imagens ou significado. Viagem? *Nova cara da corporação?*

Olho para a ruiva belíssima e seu ex marido, ao lado. Ela é alta, longilínea e tem pernas tão compridas quanto as de uma garça.

— Olha essas pernas — Rafael diz — Parece que colocaram a mulher naqueles artefatos de tortura da idade média, sabe? Aqueles que esticam as

pessoas?

Eu simplesmente não entendo. Os dedos de Eric seguram tímidos a cintura da moça. Por que estão juntos na foto?

— Diz para mim que isso aqui não são os dedos de Eric — peço trazendo a revista até o rosto.

Cláudia a toma da minha mão e a afasta das vistas para ver melhor.

— São, amiga.

Olho de volta para eles. Tem alguma coisa errada comigo, e eles sabem. Até eu sei que tem alguma coisa errada comigo. É como se eu estivesse em choque. Paralisada por um daqueles venenos que nos imobilizam. A rua passa ao meu lado em câmera lenta. Não pode ser.

— Tá tudo bem? — Cláudia pergunta.

— Não está não — respondo tranquila, fechando a revista. — Eric está em uma foto ao lado de sua ex mulher e eu fiquei sabendo por uma revista.

Cláudia suspira. Seus dedos abrem novamente na página, e ela aponta para o trecho que não li.

"A produtora F.Saldanha viajará para Trindade sob o comando do oficial Eric Saldanha, Capitão Tenente da Marinha", explicou a chefe de Relações Públicas, Tenente Aurora Machado."

As palavras enfileiram-se formando imagens. As imagens trazem com ela sentido: produtora F.Saldanha? A realidade me chacoalha pela gola: *acorda, imbecil!*

E, simples assim, o raio da compreensão cai sobre mim. Sofro um apagão, e por segundos tudo que me envolve é escuridão. É impressionante como nessas horas, quando tudo escurece, as vistas se transformam em uma lente monofocal; um círculo limitador da visão onde no centro só existe *a mão dele na cintura dela*. A lente se ajusta e se corrige: a mão de Francesca Saldanha, a ex que manteve seu sobrenome, é a produtora do documentário na qual Eric será um tipo de cicerone. A cereja do bolo fica para o fim: Eric será o capitão dessa pernada.

Ele acompanhará sua ex mulher até a *minha ilha!*

— COMO ASSIM???? — eu berro, assustando as pessoas ao redor. — Como assim?! — Amasso a página da revista.

Já não ligo que as pessoas me olhem, aquilo é demais para mim. Não sei nem como explicar o que toma conta do corpo. Um misto de raiva, ódio, vergonha, impotência, ranço e nojo. Raiva de mim, dele, do prazo esgotado para me infiltrar nessa droga de viagem, dor no peito pelo segredo e traição.

Eu disse *nãos* por causa dele! Eu fiz de tudo para cumprir a minha parte! Ele está indo para Trindade com a ex?!?!

— Eu vou matar Eric com as minhas próprias mãos!

Quero me levantar mas Cláudia e Rafael me seguram. *Eu fui feita de estúpida! Meu namorado está ao lado da ex esposa em uma revista!*

Cláudia parece sofrer por mim, como se aquilo estivesse acontecendo com ela. “Namorar homem bonito é o inferno na terra”, ela sempre disse (embora tenha sido um inferno para ela namorar um horroroso também), mas uma coisa eu sei: namorar um mentiroso é pior.

O assento parece ter formigas. Sinto o corpo latejar de calor interno, de nervoso.

— Eu vou matar aquele homem. Vocês não estão entendendo, hoje foi o último dia para pedir autorização para o embarque! — Arrasto as mãos pelo cabelo. — Eu perdi a chance de embarcar!

— Embarcar para rolar no chão com a ex de Eric no navio? — Cláudia pergunta. — Ainda bem, né?

Quero morrer um pouco mais.

— Calma, amiga. — Os dois tentam me trazer de volta à razão. — Você precisa se acalmar antes de falar com ele.

— Me acalmar? — Labaredas escapam pelas minhas órbitas. — Não vou me acalmar!

Eu sou uma chaleira em ebulição, e só falto soltar silvos devido à pressão. Eu vou encará-lo agora, enquanto tenho forças. Mais tarde posso cair no choro e então não direi tudo que ele merece ouvir. Sou apaixonada, mas não sou boba. O que Eric fez *não tem perdão*.



Meu assistente coloca a terceira pasta sobre a mesa e sai, fechando a porta. Agora são três pilhas de providências a serem tomadas antes do embarque, e eu só consigo clicar no botão de *redial*.

— Atenda, Arthur, pelo amor de Deus.

A cada segundo fica mais difícil me livrar da missão. Desde que a viagem foi formalizada e ridiculamente celebrada em uma festa ostentosa, venho tentando pedir dispensa da missão. Já tentei com meu superior imediato, com Arthur, e agora, por fim, através de uma solicitação pessoal ao contra-almirante.

O nome Arthur surge na tela outra vez, ao lado do irritante barulho de toque intermitente. Nada.

Desligo o celular e por um tempo olho para ele, sem saber o que fazer. Como vou consertar o estrago?

Na pasta sobre a minha mesa leio o nome *Friends of The Sea*. Penso em Stella e o coração, já comprimido, some do peito. Os olhos fitam a pilha de

papeis mas não a enxerga. Ela ficará tão aborrecida. Sei que abriu mão de viagens por mim, e em seu lugar eu estaria louco. Comedido por fora, claro, mas enciumado por dentro. Se fosse ela a embarcar para a ilha e eu a ficar em terra, me chatearia por ela ter quebrado a promessa. Mas embarcar com seu ex? Eu enlouqueceria.

É melhor não pensar nisso. Há uma esperança de eu não ir, e é Arthur que tem essa resposta.

Os olhos voltam a enxergar a pilha e o foco retorna. Sento à mesa e abro a primeira pasta, assino autorizações, separando o que só precisa ser lido para ler mais tarde – o que espero não ter que fazer. Despacho a papelada sobre a inspeção de segurança e a da manutenção do navio, assino e encaminho para o departamento de controle; separo os documentos e instruções sobre os meios de salvamento a bordo – tudo precisa ser revisado. Passo tudo adiante para o subcomandante: as tarefas de supervisão e fiscalização de contrabando. Mesmo tendo a esperança de que não levarei o navio, as tarefas precisam ser cumpridas no prazo.

Aos poucos a pilha vai diminuindo. Em certo momento, algo que jamais chamaria minha atenção chama. Tiro uma pasta fina que o departamento de serviços gerais sempre envia e eu assino sem alterações. Dessa vez, abro a pasta. É tarefa do capitão decidir o uniforme do dia, cumprindo e fazendo cumprir o que determina o regulamento para uso de uniformes a bordo da embarcação. Usualmente os macacões azuis são obrigação dos civis, mas quando o comandante permite, roupas pessoais são liberadas. Geralmente liberamos para que civis à bordo possam usar o que lhes apraz, mas hoje sinto um prazer diferente ao abrir a pasta.

Pela primeira vez assino com gosto a documentação de Abastecimentos e Reparos, adicionando em nota que seu departamento deve providenciar uma leva extra de macacões. Será interessante vestir a turma de Francesca com o brim áspero do macacão durante toda a viagem. Quem sabe assim o calor do brim não restringe sua criatividade e seus ânimos?

Tudo pelo bem da missão, claro. — Finalizo a assinatura.

Com os documentos para despacho encaminhados, olho o relógio. Hora de me dirigir ao porto para vistoriar a manutenção e detalhes da docagem do Hipo. Enquanto ando em direção à doca, um "plim" acende o celular. Trago-o imediatamente às vistas. É a resposta de Arthur. Sem coragem de ler a mensagem em meio aos outros, ando até um galpão e abro seu recado.

Eric, não deu certo. A pernada é sua.

A negativa me atinge como um soco no estômago. Não aceitaram minha carta? Ela foi entregue em mãos ao Contra-Almirante, homem com o terceiro posto mais alto da corporação e amigo de Arthur! Era uma carta informal - uma carta formal seria prontamente negada e me colocaria em péssimos lençóis - mas foi recusada. Segundo Arthur, na continuação do texto, *não apresentei motivos plausíveis que justificassem minha liberação*. Eu não estava doente, não estava ferido. A possibilidade de me liberarem não foi sequer considerada.

E quanto a essa história de ser a cara da corporação?

– digito freneticamente. Não posso ser obrigado a incorporar uma figura que não sou, ser fotografado e ter o rosto compartilhado em campanhas institucionais pelo país.

A resposta de Arthur vem em áudio. O círculo giratório do áudio baixando dura uma eternidade:

Eric, o Contra-Almirante foi taxativo! Ele está surpreso com a sua atitude! “Como assim, ele não quer nos ajudar a fortalecer a imagem da Marinha em um momento tão crítico?” – estas foram as palavras dele! E disse mais, disse que se você aspira ao cargo de Capitão de Corveta, é bom que esteja naquela guarnição. Espero que tenha entendido a mensagem.

E é com essa negativa em mãos que preciso finalmente conversar com Stella.

Não quis falar nada antes, aquilo tudo poderia ter sido apenas uma ideia imbecil de uma profissional de Relações Públicas. Eu não precisaria ir, caso meu pedido tivesse sido aceito. O assunto estaria encerrado. Mas agora a viagem é real.

Meus planos de contar primeiro que viajaria por um mês para Trindade e só depois, com ela mais calma, mencionar a ida de Francesca, foi por água

abaixo. Não vai dar tempo de digerir a mensagem – elas terão que ser dadas juntas. Ando para lá e para cá com o estômago torcido. Pego o telefone para ligar para ela, mas vejo que há uma ligação perdida. Tento ligar, cai na caixa postal.

"Oi, amor. Me liga. Ando meio desanimada, acho que vou dar uma passada numa clínica. Não é nada grave, não se preocupe. Quando sair de lá, tento falar com você outra vez."

Porra, ela está doente. Estalo a língua, puto. Não posso aborrecê-la pelo telefone, é melhor dar a notícia pessoalmente. Decido encontrá-la na clínica, sei onde ela fica. Ajudo-a no que precisar e mais tarde conversamos.

Na próxima hora passo na clínica, mas ela não está. Toco o interfone de sua casa, nada. Ligo outra vez mas ela não atende. Começo a ficar preocupado, então resolvo ir para casa, ela pode passar por lá. Por horas aguardo notícias suas.

O coração começa a bater rápido quando ouço a chave na porta. Olho para o relógio: dez e meia.

Desde as oito estou tentando encontrá-la. Já liguei mais de mil vezes, pensei até mesmo em dirigir até o Fundão. As horas passadas em casa foram pura agonia. Não sei o que houve, se foi internada, se foi sequestrada, se foi para casa ou está vindo para cá depois da aula. Imagino por alguns instantes que esteja evitando minhas ligações. Será que ela soube da pernada? Não há como saber.

— Stella? — Atravesso o corredor escuro. Estou vestido apenas com um short de pijama. Encontro-a na porta, bolsa pesada no ombro, sinal de que veio direto da aula.

Ela me olha de um jeito estranho. Está vermelha e suada, com um rubor colérico que a faz parecer uma montanha prestes a cuspir fogo.

Alguma coisa me diz que estou encrencado.



Por um segundo ele não sabe se anda até onde estou ou corre e se tranca no banheiro. De uma coisa ele sabe: se tentar se aproximar sou capaz de mordê-lo, porque está tudo louco dentro de mim. Olho-o com as narinas dilatadas e os dentes travados. Toda a minha postura é de quem chegou para brigar.

— Precisamos conversar — falo entre os dentes.

Ele concorda mas recua. Afasto as contas, o molho de chaves e a carteira da mesa para jogar a bolsa sobre ela. A bolsa tomba fazendo um estrondo.

Quero gritar. Bater em seu peito, xingá-lo de todos os nomes que conheço. Não consigo conceber que vá perdoá-lo jamais, e isso é um problema, porque sem perdão não temos relacionamento e isso significa que meu romance de novela das 8 acabou. Minha confiança em Eric morreu e *não estou sabendo lidar com isso*.

Como ele ousa? Como pode estar de partida daqui a cinco dias para Trindade, ao lado da ex esposa, e não me dizer nada?!

— Stella, eu estava mesmo precisando...

— Como pode fazer isso comigo? — eu rosno.

Eric ergue as mãos: — Calma, eu ia contar tudo.

— Calma? — repito, agora mais nervosa. — Calma? Você está de partida

para Trindade!

Ele abaixa a cabeça. Leva as mãos ao rosto e esfrega a pele.

— Eu tentei ser dispensado, mas não consegui.

Jogo em um gesto de fúria a revista amassada sobre a mesa. Ela está úmida pelo suor das mãos e das lágrimas. Ele olha para a revista sem entender, mas então algo estala. Seu olhar muda e ele abre a revista, procurando algo ali dentro, e lá está ele. Vestido com honras, ao lado da ex que não teve o *trabalho* de tirar seu sobrenome!

Ele ganha a cor das paredes. Olha para mim, em seguida para a foto. Minha agonia é que o peguei no pulo, mas ele continua calado. Os músculos do corpo estão repuxados, a boca está trincada, mas ele não se explica. Exijo uma explicação, já.

Ele lê a legenda sob sua foto. Olho outra vez para a mulher bonita – e ruiva – que ele abraça. Meus olhos marejam de novo. *Como pude ter caído nessa cilada outra vez?*

— Eu... — Ele mexe a boca mas não sai nada.

Meu Deus, ele está indo para Trindade com ela e sou a última a saber. Sua ex estará com ele, e tudo na foto – da mão na cintura até o sobrenome igual – indica que já são um casal. Foram. Talvez nunca tenham deixado de ser, não sei.

Levo a mão ao bolso e coloco o celular sobre a mesa. Existe uma única coisa que ele pode fazer por mim: uma única coisa. Se tudo ficará bem se ele passar pela prova que tenho para ele? Não sei. Não consigo ver minha mágoa sumindo com um telefonema, mas exijo que me convença de que não é um idiota completo.

— Eu posso explicar.

— Quem é você? — minha voz sai num fiapo.

— Como assim, meu amor. Deixe-me explicar o que foi isso, o que aconteceu.

Faço que não.

— Você entende que eu nunca mais vou ser capaz de confiar em você? — Encaro-o, detestando que ele seja tão alto, bonito e musculoso. Por que ele não é um pesadelo de homem – barrigudo, fedorento ou flácido? Seu rosto bonito está crispado de dor. *Você não deveria sentir dor, seu canalha. Você não está em posição de sentir a dor!*

— Stella, pare com isso.

— Você pensou que eu não descobriria? — Aponto para a revista — Que

eu não notaria a sua falta por um mês? Quando pretendia me contar? No dia do embarque?

Faço uma pausa para respirar. Respiro fundo, tão fundo que o pulmão chega a arder.

— Você sequer contaria? — A pergunta sai quase inaudível.

Ele tenta me abraçar mas eu aviso com o dedo erguido que não deve fazer isso se quiser continuar vivo.

— Ligue agora para o seu superior na Marinha — demandando sem qualquer planejamento ou razão. — Para Arthur, para o Almirante, para o presidente da república, que seja. Se você for nessa pernada eu juro, Eric, eu nunca mais olharei pra você.

Ele parece em choque, sem acreditar no que estou pedindo. Olha para o telefone, em seguida para mim. Tudo dentro da minha cabeça gira muito rápido. A situação, a decepção, a raiva. Não sei se o que peço é idiota, mas é isso ou o fim.

— Não dá, meu amor. — Ele tenta arrancar de mim algum bom senso. — Eu tentei, juro que tentei, mas recebi uma negativa dos meus superiores, não posso deixar de ir! Olhe, posso mostrar pra você. — Ele procura seu celular, mas a essas alturas não há um grama de bom senso em mim. Eu sou só raiva e lágrimas.

— Eu já entendi tudo! Você "é a cara da nova corporação"! — soluço — Por que não me disse que foi convidado para ir à ilha? Por que embarcaria em segredo?

— Não foi em segredo, Stella, até há pouco eu tinha esperanças de não ir! Ele deve estar muito louco, porque dá um passo em minha direção.

— Por favor, sente-se. Eu vou te contar tudo.

— Não quero me sentar!!! — grito, e ele recua.

Tremo e choro ao mesmo tempo, sem entender o que é esse sentimento desvairado que tomou conta de mim. Minhas mãos doem, de tão fundo que as unhas cravam nas palmas.

— Eu sei que deveria ter te contado antes — ele fala — mas tinha a esperança de ser dispensado!

— Você não me contou que ela era ...

Tampo a boca sem coragem para continuar. Ele nunca falou que ela era ruiva também. Me sinto de súbito tão idiota. Todas as vezes que me chamou de garotinha ruiva, que brincou sobre o meu cabelo... *Achei que era única no seu mundo.*

— E o documentário produzido pela sua *ex*? — Eu o empurro sem deixar que fale nada. — Vai dizer que não sabia? Que é uma coincidência?

Ele se deixa empurrar: — Eu não sabia até alguns dias atrás que ela estava envolvida nisso.

Balanço a cabeça que não. *Não, não, não.* Não existem coincidências. Ele nunca contou que ela era ruiva. Eu perdi chances de viajar por ele. Abri mão da minha vida para acreditar na nossa. *E ele? Do que ele abriu mão?*

— E no mais, a pernada será de apenas três semanas. Em questão de dias estarei aqui de volta!

Olho pela janela do andar alto, para as luzes da Urca em contraste com a negritude do mar. Existem tantas coisas que quero jogar na sua cara. Por que me escondeu sobre a festa, sobre Francesca, o que nunca me contou sobre a sua vida?

Por que precisou ser confrontado para me contar? Qual é o problema desse homem com a comunicação?

Dou dois passos de volta a mesa e bato a unha na tela do celular.

— Ligue para Arthur. Diga que não vai.

— Você não está sendo sensata, Stella. Acabei de dizer que as ordens vieram de cima...

— Você não quer ficar mal com seus superiores, é isso? Você me disse que tinha pedido dispensa das viagens! Você mentiu, não foi? Me fez prometer que ficaria no Rio pra me segurar! Pra me puxar para trás! *Você pode zarpar mas eu não? Quem você achou que eu fosse, Eric?*

Ele não responde.

— Ou você aceitou a missão porque ela estará lá? A mulher com quem não teve a chance de se resolver, a mulher que, segundo me contou, "perdeu para Trindade"? É isso que você quer? A chance de se redimir?

— Você está falando besteira, Stella.

As lágrimas descem grossas pelo meu rosto.

— Meu amor, não há nada entre mim e Francesca, ela sabe disso e você sabe disso. Infelizmente ela estará na pernada, mas eu juro: não existe mais nada entre nós. E eu não sugeri que ficássemos no Rio para te segurar: eu fiz esse pedido porque amo você!

Afasto-me dele, empurrando a revista em sua direção.

— Estou vendo que me ama. A pergunta é: por quê?

Ele arrasta as mãos pelo rosto, irritado.

— Você é um cínico — digo enciumada ao ver pela milésima vez a foto

da ruiva ao seu lado. Ela é linda, eles formam um casal perfeito e eu me sinto uma vira-lata perto dela.

Eric me dá as costas e anda pelo cômodo em silêncio absoluto. Ele poderia se defender, pedir desculpas, tentar ligar para Arthur na minha frente, mas opta, mais uma vez, pelo silêncio. A minha vontade é desaparecer para que o coração não doa mais.

— Stella, tudo que peço é que confie em mim. Em um mês estarei de volta, prometo manter distância de Francesca.

Surge não sei como, e vinda de não sei onde, uma ideia: é um sopro de esperança, um modo de salvar o que dificilmente pode ser salvo a essas alturas. Estendo o celular para ele.

— Já que não tem coragem de pedir dispensa, ligue para o seu superior e peça minha inclusão na missão. A *Friends of the Sea* está precisando de uma especialista.

Por uma eternidade ele me olha. Sei que pensa no que sugeri porque o conheço, e reconheço a forma como seus lábios se mexem quando considera uma ideia. Mas então ele desce os olhos até meus dedos, em seguida endurece o rosto de forma brutal. Torna-se distante de um jeito que mal reconheço.

— Não.

— Estou falando sério, Eric! — Minhas mãos tremem. — Ligue para alguém agora ou não quero mais ver a sua cara.

Ele se inflama pela minha ameaça.

— Você não está fazendo o menor sentido. Prefere imaginar situações a acreditar em mim. E parece que não me conhece: jamais incluiria minha namorada em uma missão de trabalho!

— Você está com *medo* ou só sendo um babaca? — eu rosno.

Ele afia os olhos em minha direção.

— Certamente os dois — concluo, embora saiba que o que teme é ter duas mulheres disputando sua atenção na ilha, novamente. — Essa é a prova que peço a você .

— Não. O que está fazendo é me ameaçar com o fim do namoro caso não aceite suas condições. Ela é minha ex mulher, não tenho mais nada com ela. Quanto à viagem para Trindade, sinto tanto quanto você ter que partir.

Abaixo o celular e o recoloco na bolsa.

— Confie em mim — ele diz distante, como se algo o mantivesse longe.

— Nunca mais confiarei em você, Eric.

Dou meia volta e ando até a porta. Ele desperta para o que está acontecendo ali.

— Stella, espere. Eu amo você, não faça isso.

— Já fiz. — Pego a mochila sobre a mesa e deixo seu apartamento com o coração esmagado de dor.

O QUE? COMO?

STELLA



Pareço ter levado um soco nos dois olhos pela manhã. Eles estão inchados e vermelhos do choro noturno, e o nariz está entupido. Eric liga 2.348 vezes, mas não atendo. Não estou sabendo lidar direito com o fim. O tempo inteiro só me faço uma pergunta: *o que foi que eu fiz?* Ao simples pensamento, volto a chorar.

Dirijo para o trabalho sentindo o bolo no estômago, essa porcaria matinal que agora bate ponto sempre à mesma hora, como um funcionário *caxias*. Preciso parar o meio da Linha Vermelha para vomitar, só então sigo viagem.

Chego no departamento vazio de gente e cheio de mosquitos. Fico sem vontade de borrifar o veneno ao redor, preferindo morrer picada a sentir o cheiro daquilo. Tombo na cadeira e ligo o computador, fazendo tudo no automático. Então olho perdida para a pilha desorganizada em cima da minha mesa e vejo entre os papéis um *logo* conhecido. É o projeto da *Friends of the Sea*, bem no comecinho, quando ainda sonhávamos em trabalhar com eles. Tiro a pasta da pilha. Folheio o formulário de contato, a carta resposta, o

nosso trabalho - lindinho, todo escrito.

Por que não dei uma boa olhada nisso antes? Penso, irritada. Fecho a pasta, imaginando nós dois, eu e Eric, no mesmo navio outra vez. Nós três, eu me conserto: eu, ele e sua ex.

O bolo no estômago se transforma em uma pedra.

Leio a carta resposta para Rafael em que eles agradecem seu interesse e questionam se eu não gostaria de me juntar a eles. Onde eu estava mesmo com a cabeça quando não considerei essa viagem? Eu sei onde minha cabeça estava: no moreno de olhos verdes deslumbrante, musculoso igual o Hulk, capitão da porra toda. É lá que a cabeça estava.

Volto a chorar.

Então uma pequena luz se acende no fundo da cabeça. Uma ideia que eu imediatamente negaria, mas que não vai acontecer agora.

Pego as folhas do projeto e leio-as em alta velocidade, pulando as partes desinteressantes. Sei que li algo a respeito de uma cláusula de urgência, algo que pode ser usado para um plano ainda não bem pensado. Os olhos vão de linha em linha, parando nas palavras que realmente interessam. A mente persegue um objetivo único: uma brecha. Qualquer brecha. Qualquer serviço crucial, imprescindível que a *Friends* ofereça e que possa justificar a inclusão de uma pesquisadora no último minuto.

Os dedos comicham em contato com o papel. *Tenho cinco dias antes do embarque e é isso o que me move.* Não faz o menor sentido, mas ao mesmo tempo, faz. É isso ou deixar que Eric parta livre, leve e solto ao lado de sua ex esposa rumo à nossa ilha.

A leitura continua: *Plano Nacional de espécies ameaçadas... apresentação de projetos científicos... ambientes protegidos da pesca predatória...* Mas como saber disso agora pode adiantar? Muitas coisas me impediriam de ir, a aprovação da Marinha é só uma delas. E o meu trabalho? Quem daria minhas aulas? Quem poderia aprovar a minha ida? Será que a *Friends* já não achou alguém que me substitua?

Continuo atenta às palavras até que encontro algo que faz os olhos faiscarem de emoção:

"Vagas abertas para seleção de projetos sobre estudo de impacto ambiental de atividades pesqueiras ao redor da cadeia de montanhas de Trindade. Prioridade para pesquisas com ênfase em animais endêmicos do

arquipélago."

E lá está a minha brecha. As *Chelonia Mydas* — *minhas tartarugas* — são consideradas endêmicas por nidificarem nas praias do arquipélago. E quem é a maior especialista do país no assunto? *Eu!* Sinto o corpo borbulhar. *Eu!*

Rafael chega no momento em que estou quase pulando de alegria.

— Rafael! — berro assim que ele aparece na porta. — Liga pro Tuco agora! A gente precisa entrar em contato com a *Friends of the Sea*. Vou aceitar o convite deles, e com essa brechinha aqui vou solicitar entrada na pernada! — Chacoalho os papéis na sua frente. — Olha! Tá escrito que pesquisas de animais endêmicos são prioridade! Se não acharam alguém que estuda a nidificação das tartarugas, posso ter uma chance de ser colocada fora do prazo!

Rafael se recupera do susto de olhos fechados, dramático. Em seguida une os dedinhos em um "o" e diz, com voz de quem leciona para crianças de dois anos de idade:

— Stella, amada... a Marinha não vai abrir exceção pra incluir você. Passou, amiga. E no mais, quem vai *te* substituir aqui se é você quem vai *me* substituir?

— Cláudia pode substituir nós dois. São só três semanas fora!

— Stella, eu sei que você tá sofrendo igual joelho de romeiro, mas pensa bem: eu vou estar lá. Eu vigio ele pra você. Daqui a pouco ele estará de volta, vocês vão reacender esse namoro e tudo vai ficar para a história.

— Rafael, vou falar só uma vez: ligue para o seu namorado, agora. Não há mais relacionamento para "reacender". O mentiroso só pretendia me contar sobre a viagem na véspera. Ele e aquela... a sua... — Não consigo dizer o nome de Francesca. — Enfim: se Eric esperava uma viagem idílica à ilha, está muito enganado. Eu vou entrar nessa pernada, você está me ouvindo? Eu vou acabar com a paz daquele sem vergonha!

— Peraí, não consegui ouvir mais nada depois que você disse que "não há mais relacionamento para acender." Vocês terminaram?

E a conversa, que deveria ser breve, se estende.

— Rafael, mãos à massa. Imprima para mim o formulário de interesse que você preencheu para a ONG.

— Stella, o que você...?

— Na verdade, abra o arquivo. — Ando até ele. — Enquanto você digita, eu dito. A gente vai mandar essa proposta pra ONG hoje. O Tuco fala norueguês?

— Claro que fal... O quê? Não! O que está tentando fazer?

— Se ele entregar a proposta para o chefe gringo, ele consegue explicar tudinho pra ele? Porque esse papel não pode ficar parado sobre a mesa de ninguém, ele precisa ser *lido*. Eu sou a pesquisadora que eles precisam pra essa viagem.

Rafael começa a se desesperar.

— Stella, que você é a pessoa certa todo mundo sabe, o problema aqui é outro: você já pensou no que Eric pode fazer quando vir você no navio? Ele vai ficar furioso!

— Essa é a intenção.

— Não!! A intenção é voltar *todo zen* à Trindade! Você não pode fazer isso, você sabe que eu tenho medo daquele homem! Deixe ele ir e voltar, a ruiva não é *assim* essa Brastemp!

Ele olha pra mim, mas nem ele mesmo está convencido do que fala. A ruiva é uma Brastemp, e já foi casada com o bofe. Como não arredo pé, ele volta a olhar para tela, comendo uma unha enquanto procura o arquivo.

Por minutos intermináveis aguardamos seu computador abrir, entre rancos e gemidos, o arquivo que procuro. Adequamos nos próximos minutos a proposta para enviar à ONG – nada muito elaborado, devido ao caráter de urgência da situação. Com minha pesquisa ainda acontecendo, com os dados parciais coletados na minha última viagem e a vaga em aberto, é possível que ela seja aceita. Se a proposta for recusada, não sei o que farei. Ela não pode ser recusada. Uma hora depois, com errinhos revisados e o arquivo já na minha caixa de mensagem, olho pela última vez para Rafael.

— Ele vai ver só, Rafael. — O dedo pousa sobre a tecla *enter*.

— Não faça isso, Stella. O homem vai ter um *piripaque* outra vez. Ele vai estragar a nossa viag...

Rafael não consegue terminar a frase. O dedo desce, a tecla abaixa e o e-mail desaparece da caixa de saída. Está feito. Destino? O escritório da *Friends of The Sea – Norway*. Tenho poucos dias para conseguir ser aceita, arrumar um jeito de embarcar e mostrar para Eric com quantos paus se faz uma canoa. A esperança está próxima de zero, porque são necessários muitos paus para se fazer uma canoa, mas uma fagulha de esperança foi acesa.

Infelizmente, a tal fagulha revira meu estômago e o que comi de manhã termina na lixeira ao lado. Antes mesmo que a comida aterrisse no fundo da lixeira, Rafael dá um salto olímpico até o outro lado da sala, contorcendo a cara de nojo.

É nesse momento delicado que Cláudia chega. A visão da minha amiga de minissaia e gladiadoras é tão atraente quanto o conteúdo do meu estômago.

— Stella? — Ela anda até a mim. — Vomitando outra vez?

— Acho que é gastroenterite. — Ajeito o cabelo no coque, exalando sem forças ao sentir o cheiro ácido que toma a sala. — Preciso ir ao médico.

Cláudia anda desconfiada até sua mesa, me olhando de lado.

— Desde quando está vomitando assim?

— Deve ter uns dois minutos! — Rafael grita de longe, indignado.

Cláudia recosta na mesa, sorridente: — Acho que teremos um bebê por aqui...

Ergo o rosto limpando a boca com o braço. Rafael e eu perguntamos ao mesmo tempo: — Você está grávida?

Cláudia estala a língua, sem paciência.

— Não eu, seus bocoiós. Stella! — Ela aponta para mim.

— Cruzes, vira essa boca pra lá! — Rafael bate três vezes na madeira. — Por que não vai chutar as muralhas de Jericó com essa sandália e para de *urubuzar* a menina?

De súbito não sinto mais o ar nos pulmões. Um elefante parece ter tomado assento sobre meu peito. *Grávida? Não, não dá, impossível.* Não posso estar grávida.

— Não pode ser um bebê — a resposta vem curta e direta. — Eu me cuido.

— A-ham — ela responde.

— Tem que ter outra explicação.

— Pode ter, claro. Você está verde como uma tartaruga, emocionalmente instável e vomitando há dias. Ou você está grávida, ou *muito* doente.

— Vamos torcer para que seja doença, né, Stellinha. — Rafael volta ao lugar arrancando o canto das unhas. Só uma pessoa nessa mesa tem mais medo de bebês do que eu: ele.

— Ora, pare de besteira. — Levanto, expulsando o pensamento. — Tenho mais com o que me preocupar. Agora é assim, Rafael. A gente nem pode passar mal, que já acham que engravidamos sem querer.

— Eu, hein. — Rafael volta à mesa tapando o nariz. — Isso é o século XXI, essas coisas não acontecem mais.

À noite, o tão esperado *plim* indicando nova mensagem chega. Abro o aplicativo e leio, parte assombrada, parte fora de órbita, a resposta da *Friends of the Sea*:

Prezada Stella,

Foi com grande alegria que recebemos sua carta. Seu trabalho com as Chelonya Midas e seu conhecimento sobre o habitat do arquipélago a transformam em um grande "asset" para a nossa missão. Por nós, considere-se dentro. Precisamos apenas arrumar um jeito de convencer a Marinha a incluí-la na operação. Você conhece alguém que pode ajudá-la lá dentro?

Até breve,

Storr Alexanderson

AJUDA ACEITA COM TODO AGRADO

STELLA



Cláudia para no meio do corredor do supermercado e olha para mim.

— Você definitivamente não está certa das ideias. Sabia que ainda sou sua chefe?

Ela não gostou *nadinha* da minha decisão de contatar a ONG Norueguesa.

— Seu ciúmes está atrapalhando a conversa, Cláudia. Para o *meu* problema virar o *seu* problema, ele precisa primeiro de solução. Como convencer os oficiais da Marinha que preciso estar nesse navio? Sequer sei por quem começar, e Eric não vai me ajudar.

— Você não tem um único parafuso no lugar, Stella! Se aquele homem encontrar você de novo no navio, vai jogar você no mar. Desista. E no mais, não é ciúmes o que estou sentindo, é bom senso: eu nunca deixaria o departamento na mão para passar outro mês em Trindade. Alguém precisa ter juízo naquele lugar.

Paro na frente das pastas de dente, pensativa.

— Acha que Arthur contaria a Eric se eu o procurasse?

— O tio de Eric jamais moveria uma palha para embarcar você.

— Por que não? Eric não é o dono do navio, nem de Trindade.

— Eric mostrou sensatez ao não mover uma palha para ajudar você, também.

— O cachorro filha da mãe deveria fazer questão que eu fosse com ele!

— Sim, claro. — Cláudia rola os olhos. — Porque na imagem hipotética que sua mente delirante formou, levar a namorada para passar um mês ao lado da *ex* mulher não acabaria em desastre.

— Você está realmente *urubuzenta*.

Continuo a andar, empurrando o carrinho enquanto leio o rótulo da pasta que peguei. Se foram testadas em animais, não levo.

— Se não ele, quem poderia me ajudar? — pergunto desanimada.

— Não gaste seus neurônios procurando milagres, amiga. Sua ideia é louca e a Marinha sente cheiro de loucos de longe. Você jamais conseguirá embarcar em quatro dias, essa autorização jamais virá.

Paramos finalmente na frente da seção de testes de gravidez. Olho para aquele monte de caixinhas e gemo, sem vontade.

— Vai. Coragem. — Cláudia incentiva.

Pego qualquer um e jogo dentro do carrinho.

— Não estou grávida. Mas estarei definitivamente mais pobre depois que pagar vinte e cinco Reais por isso.

— Faça por desencargo de consciência — ela diz virando em direção à sessão de bebidas alcoólicas. — Como conseguirá beber em paz se não souber?

— Não faz sentido eu estar grávida. Esses vômitos devem ter outra causa.

— Você é a bióloga, ache uma explicação biológica.

Continuamos a caminhar, ela reclamando de mim, eu estalando os dedos, atenta ao telefone dentro do bolso. Não espero que ele toque, mas os dedos comicham para não ligar para Arthur. *Eric definitivamente iria surtar se eu ligasse.*

— Ah, não. — Cláudia para no lugar.

— O que foi?

— Vem por aqui.

Ela dá praticamente um cavalo de pau no carrinho, disparando pelo corredor. Preciso correr para acompanhá-la.

— Por quê? — Olho ao redor, sem entender.

— Sabe o que eu mais odeio em supermercados? — ela pergunta curvada, para parecer menor.

— Pessoas? — respondo. *Quem gosta delas?* Elas entopem os corredores, estacionam no meio da pista – ou exatamente na frente do que você quer – e transformam a "passadinha no supermercado" em programas que duram horas.

— Claro que são as pessoas! A humanidade me deprime, Stella, em especial no supermercado! Encontrar conhecidos, então, é um inferno, a gente cumprimenta o sujeito num corredor e um minuto depois precisa cumprimentá-lo de novo no corredor seguinte. Ninguém merece!

— Sabia que essa condição tem nome? *Supermercadofobia*. Também tenho.

— Não é exatamente esse o problema — ela olha furtivamente para o lado.

— É Jonas? — Olho para a mesma direção que ela, mas não vejo ninguém.

— Pior.

— Quem, oras!

É então que a vejo.

A princípio sinto só um certo mal estar tomar o corpo. Daqueles que sentimos quando topamos com um desafeto no corredor vazio do supermercado, e um minuto depois topamos com ele outra vez, e outra vez, até que alguém vai embora irritado. Mas então olho para o corpo da pessoa e o mal estar dá lugar a riscos elétricos que se ramificam pela coluna e barriga. *Não é possível*.

Do outro lado do corredor está ELA. *Ela!* Minha agulha sob a unha, meu prego na sola do pé: Marina.

Alta, loira, linda, a própria Legolas do Senhor dos Anéis. Ela passeia despreocupadamente entre as gôndolas, chamando atenção pela roupa leve, longa e vaporosa, pelos cabelos soltos e bem tratados e pela enorme barriga redonda.

Marina está grávida. Mais do que isso: ela está *super grávida*. Grávida em estado avançado. Tipo, grávida de alguém com quem transou *meses atrás*. Seguro no braço de minha amiga.

— Cláudia, olha o tamanho daquela barriga.

— Estou tentando não olhar, mas tá difícil. A barriga não deixa ela encostar no carrinho... Você entende porque odeio supermercado? O que a gente faz? Fala oi? Finge demência?

— Ai meu Deus ela está vindo em nossa direção. — Começo a tremer.

— Disfarça!

Pego o primeiro produto que vejo na prateleira – um pacote de Bombril – e finjo analisá-lo. Não há nada escrito na embalagem muxibenta, a não ser um enorme BOMBRIL. Cláudia olha para cima com as mãos na cintura, como se não desse pra ignorar o sistema de refrigeração do supermercado. Uma voz melodiosa traz nossos rostos pra horizontal.

— Cláudia? Stella?

Eu e Cláudia nos viramos, erguendo as sobrancelhas em falsa surpresa. Surpresa mesmo seria encontrar as palavras, que sumiram.

— Ooooooi! — Claudia arrasta a voz. — Marina, quanto tempo!

Beijinho pra lá, beijinho pra cá, sorrisos e silêncios constrangedores para todo lado. Por três segundos apenas sorrimos para as outras, os olhos bem fixos no rosto para não descenderem até a barriga. Como se fosse fácil ignorar uma gravidez avantajada como aquela.

Finalmente a própria incorporação da Afrodite olha pra mim e pergunta: — Stella, como vai?

Odeio até a alma que ela seja tão linda, e que seus dentes pareçam ter sido ariados com palhas de aço.

— Vou bem, e ... você? — Não adianta, os olhos acabam descendo até sua barriga.

— Uau, grávida. — Cláudia se intromete, constrangida por nós. Quebrando todos os protocolos sobre distância pessoal e polidez, ela se aproxima de Marina e acarinha o topo da barriga. *Para saber se é verdadeira*, ela me diria mais tarde.

— Pois é — Marina abraça a bola de basquete que parece ter sob a roupa. — Quem diria... O mundo dá voltas, não é mesmo?

Balançamos a cabeça que sim. O mundo dá voltas. Definitivamente dá.

— Está de quantos meses? — Cláudia pergunta.

Seu sorriso enquanto alisa a barriga é uma afronta, de tão bonito. Lembra o arquétipo de alguma virgem primeva pintada por algum renascentista italiano.

— Oito — ela responde.

Eu e Cláudia – que embora não sejamos de Humanas, também não somos exatamente de Exatas – contamos nos dedos quantos tempo faz que desembarcamos.

Oh, não. Arregalo os olhos.

Por um segundo acho que Marina aprecia o resultado da matemática. Ela

observa, divertida, como o sangue foge do meu rosto e toda minha postura colapsa. Esticando a mão até a minha, diz: — Calma, Stella. O pai do bebê não é Eric.

Meu suspiro sai tão alto e de tão fundo que certamente é ouvido três corredores adiante.

— Ele é advogado, eu o conheci assim que desembarquei — diz sorrindo, observando a cor voltar às minhas bochechas.

— Você quase me matou de susto — confesso, levando a mão ao peito.

Ela sabe. E sabe que estou com Eric, ou estava.

— Eu e o pai nos casamos logo que soube da gravidez, meses atrás. Estamos felizes.

Eu e Cláudia a congratulamos pelo casamento.

— Ele também é da Marinha? — Cláudia pergunta.

— Não, nada a ver com a Marinha. Eu o conheci quando fui à Brasília para a posse de meu pai.

Nós a congratulamos outra vez, desta vez pelo cargo do pai, atual ministro da defesa. A impressão é que poderíamos congratulá-la por qualquer coisa, do cabelo à vida por inteiro.

Por alguns minutos conversamos sobre o marido, quartos de bebê azuis — ela espera um menino — o alto cargo que seu pai ocupa, como a gravidez tem se mostrado uma benção para ela. Mais uma vez a parabenizamos por estar tão bem durante esse período. Nem todo mundo é uma Viking Nórdica quando grávida. Ela é a prova de que não estou grávida, ou a natureza poderia ser considerada partidária. Seria muita injustiça fazer algumas mulheres reluzirem enquanto outras vomitam os bofes todas as manhãs.

— E Eric, como está?

Eu poderia jurar que há malícia em sua pergunta.

— Não sei — respondo seca. — Deve estar bem, preparando-se para embarcar novamente para Trindade.

Marina percebe a raiva em minha voz, e conferindo as unhas perfeitas, comenta: — Eric, Eric... o que você aprontou dessa vez...?

A princípio não quero contar, mas então passo a me lixar para qualquer coisa e explodo. Conto sobre o nosso estúpido pacto de não viajar no início do namoro, sobre sua partida iminente à ilha, sobre sua ex esposa, produtora do documentário que rodarão em Trindade. Cláudia limpa a garganta e parece inquieta com meu desabafo, mas no momento não estou nem aí. Conto tudo. Marina, muito mais esperta que eu, me ouve em silêncio.

Então sorri. Um sorriso de quem sabe bem mais do que deveria saber, e tem mais ajuda a oferecer do que eu jamais poderia imaginar. Ela desce os olhos tranquilamente até o carrinho, onde o teste de gravidez repousa sobre os outros produtos. Sobe as vistas e pisca deslumbrantemente.

— Ah, Stella ...

Quando ela diz *Ah, Stella*, estremeço da cabeça aos pés. Ela viu o teste.

— Como você sabe, ainda trabalho na Marinha — diz. — Sei sobre essa pernada, sobre a ida da equipe de Francesca, até mesmo sobre os planos estranhos de transformar Eric "na cara da corporação." Sei também que é muito conveniente para Eric que você não vá. Tenho certeza de que não contou antes sobre a viagem porque queria garantir que as coisas acontecessem dentro de seus planos. A atual e a ex no mesmo navio? Drama demais para ele gerenciar. Conveniente para ele, não?

Fecho os olhos e balanço a cabeça que sim. É isso. Ela não disse mentira alguma.

— Mas sabe... — Marina infla o peito, como se no ar pairasse algo que a rejuvenescesse, e ela estivesse amando esse encontro. — Acho que Eric está numa posição muito, *muito* confortável. É tão fácil ser homem nesse mundo, não é, meninas?

Eu e Cláudia balançamos obedientemente a cabeça que sim.

— Ele é suficientemente ignorante desse privilégio para entender que suas escolhas, oferecidas durante toda a vida de bandeja, limitam terrivelmente as nossas. Ele embarreiraria sua ida só para não ter que lidar com o drama, querida. Ele está sempre na confortável posição de dizer 'sim' e 'não' para as mulheres da sua vida. Tenho certeza que pediu que você esperasse por ele, afinal *é só um mês*. Estou errada?

Faço lentamente que não.

A despeito de minha expressão boquiaberta, ela continua, apoteótica.

— Mas como você sabe, meu pai é da mais alta patente na Marinha, e se você quiser, posso pedir para incluí-la nessa pernada. Em sigilo, claro, porque todos adoramos uma surpresa.

Seus olhos brilham, e não sei dizer se *diabolicamente* ou não. Ela está ajudando outra mulher a conseguir o que quer ou espezinhando o ex que lhe deu um fora?

Talvez os dois.

Comigo à bordo as coisas pegarão fogo, e desconfio que Marina estará de camarote, observando tudo de seu trono.

Minha resposta vem à galope: — Concordo em gênero, número e grau.
Pode falar com o seu pai. Aceito sua ajuda com todo agrado.

EMBARQUE

STELLA



O navio Almirante Sabóia – cinza, imenso e robusto – contrasta contra o céu azul. Ele em nada se harmoniza com o mar calmo e reluzente ao seu entorno, nem ao povo colorido que aos poucos se assenta sobre sua estrutura pesada. No entanto, ele mostra íntima sintonia com a eletricidade que paira no ar. É como se ele dissesse, em sua estrutura, que aguenta o que está por vir. E só Deus sabe o que a estranha mistura de elementos à bordo poderá trazer.

Chego ao convés carregando minha mala enquanto Rafael vem arrastando o equipamento. Cláudia vem atrás, mãos livres porque segundo ela "essa viagem não é minha e não vou carregar peso para vocês". Ela tira os óculos escuros e inspira o ar morno e salgado do porto, sorrindo. Disse que não gostaria de estar ali, mas sei que adoraria ir também. Infelizmente, para ela, "a viagem de última hora é para aventureiros sem-noção, como vocês."

Rafael e eu olhamos à volta, procurando o pessoal da ONG. Não sabemos como são, só que falam mal português, provavelmente são loiros e estarão com o uniforme da organização. Tuco foi evasivo ao descrevê-los, mesmo

quando Rafael pediu que ele desse mais detalhes. Fingiu-se de bobo e disse apenas que saberíamos quem são quando os víssemos. Por que facilitar a vida das pessoas se podemos complicar, não?

— Pela mensagem de Tuco, eles já devem estar chegando. O vôo deles atrasou — Rafael informa, voltando a enfiar o celular no bolso.

— E depois nós, brasileiros, é que somos despreparados — Cláudia resmunga.

Rafael cruza os braços, olhando para a tripulação que passa atarefada por nós.

— *Du-vi-deodó* que Eric aguardará a chegada deles para partir.

Inspiro o ar, feliz, adorando toda aquela desanimação.

— Isso não causa em você uma espécie de *dèja Vu*? — pergunto, excitada.

— Sim. *dèja Vu* daquele treinamento sob o sol, sendo fuzilados pelos olhos pelo seu namorado mal-humorado — Cláudia responde.

Eu a acotovelo.

— Ah, vai, você mesma está aqui para não perder a surpresa de Eric.

Ela finalmente ri.

— Não perderia a cara dele por nada desse mundo. Além disso não tinha nada para fazer em casa. É impressionante como sobra tempo quando não temos mais que cozinhar, passar, lavar e limpar de graça para maridos.

Concordamos, sem saber direito sobre o que fala.

— Aliás, você refez o teste de gravidez, Stella? — Cláudia puxa novamente assunto.

Não aguento mais ouvir sobre isso, por isso respondo sem vontade: — Refiz, Cláudia.

— Mas do jeito certo, pela manhã, como instrui a fazer?

Ela me olha para ver se estou mentindo.

— Claro que fiz! — Sua paranoia está me deixando louca. — E mais: antes de embarcar fiz um teste de sangue por causa desses vômitos estranhos. Pedi que entregassem na sua casa. Se tiver alguma coisa errada comigo, você me avisa. Aliás, desde aquele dia nunca mais vomitei. Era mesmo alguma coisa no estômago.

— Coisa mais primitiva, aquele teste — Rafael reclama pra ninguém em especial, tremelicando como se expulsasse algo ruim do corpo. — Tinha cheiro de xixi.

Cláudia sussurra perto do meu ouvido: — Não foi boa ideia deixar Rafael

te ajudar.

— Cláudia, relaxa! Lemos as instruções, saiu tudo direitinho. Todos os pauzinhos azuis que tinham que aparecer, apareceram. Não estou grávida.

Ela volta a fechar a cara. Não gostou que fiz o teste com Rafael, sozinhos e animados com a notícia de que Marina ia me incluir na pernada. Ela encrencou com o fato de que fizemos à noite, e nos fez prometer que repetiria o teste no outro dia, na parte da manhã.

Melhor não comentar que esqueci de refazer.

Rafael ri, interrompendo nossa discussão.

— Eric vai saltar daquele convés superior quando vir você.

Ninguém quer perder a cara de surpresa de Eric. E é compreensível, porque estamos todos muito putos com o que ele fez comigo.

— Depois agradeça a Sérgio por ter me deixado entrar — Cláudia diz. — E pelo macacão emprestado. Jamais conseguiria ver o circo pegar fogo se não fosse por ele.

— Acho que Sérgio queria ver o circo de incendiar também — respondo.

Por um tempo fazemos silêncio, observando a equipe de Francesca, que se coloca sob uma tenda montada no deque.

— Fala sério que eles têm uma tenda — Rafael reclama.

Eles têm, e cada centímetro daquela tenda me enerva. Chacoalho o macacão pra ver se chega algum ar ao corpo. A ansiedade de encarar Eric e mostrar que estou ali está acabando com os meus nervos. Mantive-o à distância desde que nos falamos pela última vez, e embora tenha sentido falta dele, ainda estou com muita raiva e ele merece sofrer.

Não sei de onde saiu tanta raiva, tanta energia para me colocar ali. Na verdade, não pareço ser a única ali plugada no 220: há uma eletricidade estranha no ar. Uma hostilidade, um desejo de vingança. Moderado, mas existente - e desconfio que não seja só meu. Eric vai se ver comigo por ter me feito passar por isso. E por ter permitido que montassem uma tenda sobre o deque para esconder Francesca e seus ajudantes do sol, entre tantas outras coisas. Até seus oficiais estão desconfortáveis com aquilo – foi uma exigência? Uma demanda? – e ninguém está fazendo muita questão de esconder o fato.

Essa vai ser uma viagem e tanto.

— Aquela é a ex de Eric? — Cláudia pergunta olhando na direção deles.

Olho sem vontade para a mulher que desponta alta e longilínea dentre os outros. Um metro e vinte de perna, corpinho que vestiria um canudo, ruiva

como um *troll*. Ela parece irritada dentro do macacão áspero. Chacoalha a roupa, resmunga no ouvido do acompanhante. Do outro lado os marinheiros, acostumados à dureza dos procedimentos pré-partida, encaram de cara feia a tenda improvisada. Não demora para Sérgio, zero-dois da guarnição, mandar fechar a tenda e coloca a trupe para se alinhar como os outros, para que o capitão possa dar as boas vindas à tripulação.

Eu a mantenho tempo inteiro na periferia da visão. Ela não parece nem animada nem desanimada com a viagem. Na verdade, passa boa parte do tempo ao celular, digitando freneticamente.

— E esses noruegueses que nunca chegam? — Rafael olha para o relógio.
— Eles já deviam estar aqui. O navio vai sair daqui a pouco.

Cláudia olha preocupada para o convés, em seguida para a saída.

— Preciso vazar em breve. Sérgio foi claro quando disse que preciso sair assim que Eric anunciar as boas vindas. Só não arredo o pé daqui antes de ver sua cara.

Precisamos segurar a risada enquanto entramos em fila.

— Tuco faz um mistério danado sobre esse pessoal — Rafael diz, vendo ao longe uma movimentação indicar que o pessoal da ONG chegou. — Nunca me deixa visitá-lo no trabalho quando o diretor está aqui. E ficou todo *assim-assim* quando consegui a vaga na expedição.

— Ciúmes, é? — Cláudia pergunta.

— Claro, oras. Por que Tuco esconderia o chefe de mim? Responda: por quê? Já fuzei na internet, já procurei a foto do homem, e nada. Um mistério.

Antes que Cláudia desfie sua negatividade, ouço um bzzz no bolso do macacão.

— Olha aqui. — Estendo o celular para eles verem. — Outra mensagem de Eric.

Não ficarei em paz em Trindade se não me perdoar, Stella.

Lemos a mensagem e por um segundo nos olhamos em silêncio. No próximo segundo, caímos na gargalhada. Eric não sabe ainda, mas paz em Trindade não é o meu perdão que vai trazer.

Embora o céu esteja limpo e não haja prenúncio de mau tempo durante o

trajeto, as tormentas não estão exatamente nas mãos da Mãe Natureza. O antigo navio de guerra onde pisamos volta hoje a desempenhar sua função inicial: *ir para a guerra*.

— Você é malvada demais — Rafael diz.

— Apenas o tanto que ele merece que eu seja.

E em meio à eletricidade pulsante da vingança, unida ao calor dos infernos, ouvimos um barulho de vozes potentes e masculinas. O que acontece a seguir deve evocar a mesma sensação que aqueles que visitam a África sentem quando os animais da savana estrondeiam em suas migrações. Penso em manadas de gnus varrendo a terra e levantando a poeira; em hordas potentes fazendo tremer o chão – com a diferença de que o que se aproxima é algo mais interessante que gnus.

Homens. Homens com H maiúsculo, e todas as letras seguintes também. O mais baixinho dos cinco deve ter dois metros de altura. A turma, loira como imagino que só os nórdicos conseguem ser, aproxima-se causando mudez coletiva.

O óculos de Cláudia escorregam pelo nariz. Rafael se encolhe ao meu lado, acompanhando a movimentação com o coração batendo mais rápido que o de um passarinho contra o meu braço.

— Amiga, você tá vendo o que eu estou vendo? — ele pergunta.

Se o que ele está vendo são os noruegueses da Friends of The Sea, então sim. E as nossas pernas bambeiam igual.

Eles chegam de uniforme próprio, descabelados pela viagem exaustiva, carregando o equipamento pesado como se fosse pluma. Olham ao redor procurando alguém: provavelmente a gente. Aceno para eles e Rafael me belisca, mas então entende que esses são os caras com quem nós vamos trabalhar.

Cláudia acerta os óculos na frente do rosto.

— A gente divide material genético com isso?

Embora pareça biologicamente impossível, a mesma natureza que criou *aquilo* criou, por exemplo, Rafael.

Ouçó uma voz chorosa atrás de mim. Quando olho pra trás, Rafael está com os olhos cheios de lágrimas.

— Agora eu entendi tudo! Tá explicado por que Tuco escondia a foto do chefe!

Sinto pena de Rafael, mas se fosse Tuco teria feito o mesmo. Eric teria enlouquecido se me visse trabalhando ao lado de Thor.

E enquanto os olhos de Rafael incham-se de lágrimas, o meu reluz de brilho diabólico. *Thor é bom*. Mas então as mãos de Rafael ficam frias demais pra aturá-las atrás de mim, e ele soluça.

— Para com isso, Rafael, você acha que *isso* ia dar bola pra *Tuco*? — Cláudia ralha. — É como se o *He-man* resolvesse dar bola para o *Gorpo*!

Embora Rafael não entenda a referência da década de 80, o estrago emocional já foi feito. O menino dispara, desatinado, entre os passageiros aglomerados enquanto segura os olhos para não dar vexame.

— Cláudia, francamente — é minha vez de repreendê-la. — Vá atrás dele e desfaça o estrago!

Ela sai ao encalço de Rafael, e o Viking nórdico se aproxima, sob olhares da plateia.

— Você é Stella Bittencourt? — a torre alta e sólida pergunta com sotaque carregado.

Preciso subir os olhos para olhar para seu rosto, e o sol que incide em seu cabelo traz tanta luz que preciso semicerrá-los.

— Como sabe quem eu sou?

Enquanto ele aperta vigorosamente minha mão, aponta com o queixo — um senhor queixo — para Francesca, mais adiante.

— *Tuu-Cooou* disse que você era ruiva. Quando perguntei à *senhorrita* ali atrás se ela era Stella Bittencourt, ela fez uma *carreta* e disse que não.

Olho para Francesca, que disfarça fingindo olhar para o telefone.

— Sou Storr Alexandersen. Oceanógrafo e diretor da *Friends of The Sea* — o norueguês fala.

Ele me apresenta aos outros, mas não consigo guardar o nome de nenhum. Aviso que Rafael precisou se ausentar um instante mas que já volta, e aos poucos os procedimentos ao redor vão indicando que é hora de zarpar.

Um séquito de oficiais sobe as escadas que levam ao púlpito para dar as boas vindas aos cientistas e ao resto da tripulação. Storr se posiciona ao meu lado junto com sua equipe de gigantes. Sérgio, já no púlpito, olha tenso para mim. Não gostou quando ontem, ao checar a listagem de passageiros, deparou-se com o meu nome. Ligou imediatamente para mim, para saber por que raios o próprio Ministro havia me incluído da missão.

— Porque sou importante para as tartarugas — foi minha resposta. Mas adicionei, para não estragar a surpresa: — E o ministro recomendou que meu embarque fosse sigiloso. Ou seja, nem pense em contar para Eric.

Sabendo que Eric surtaria (e temendo que eu pudesse estar falando a verdade sobre a ordem do ministro – eu não estava), Sérgio fez o que a prudência mandou: não contou. Isso não o exime da culpa, no entanto. Se Eric souber que ele sabia, vai matá-lo.

Volto ao calor mormacento do convés. Sérgio olha fixo para mim, temendo o que vem por aí. Ele procura Cláudia ao redor, mas não a encontra. Movimentando os lábios, pergunta lá de cima: — Ela já foi?

Ergo o polegar, respondendo que sim. Acho que foi. Cláudia não é criança, não tenho que tomar conta dela.

Estalo os dedos ao pensar que está chegando a hora de encontrar Eric. Foi cruel esconder dele que eu viria, e fazer uma surpresa exatamente no embarque. Mas cruel, mesmo, foi ter programado uma viagem sem me contar, e esconder que estava vindo acompanhar sua ex. Feliz ele não vai ficar, mas eu também não estou feliz, então seremos dois infelizes nesse navio.

Olho por cima do ombro para a mocreia ruiva, sentindo-se miserável dentro daquele macacão. Pelo jeito, *três infelizes*.

O Capitão de Corveta, um homem pouco mais velho que Eric, inicia seu discurso. Os garotos vestidos de cinza que antes passavam velozes embolando cordas e ajeitando o deque se alinham para saudar o capitão.

— Para todos que estão embarcando para mais uma missão da Marinha do Brasil com destino ao arquipélago de Trindade e Martim Vaz, quero desejar as boas vindas...

Enquanto o Capitão saúda a tripulação, vejo Eric. Ele está um passo atrás do seu superior, vestido de cinza. Meu coração sobe à boca. Seu porte é reto, potente, digno. Seu queixo está erguido e os olhos estão escondidos atrás de óculos escuros ao estilo aviador. Derreto de todas as formas ao vê-lo tão distante e bonito. *Que cachorro você foi*. Tiro os óculos escuros, mantendo-os sobre a cabeça. *Você só não contava com a minha perseverança, nem com a dor de corno de Marina*.

Enquanto o Capitão de Corveta continua o discurso pré-embarque, avalio a postura do *meu* capitão. Dá pra saber um monte de coisas pelo modo como alguém se porta, e Eric – normalmente uma estátua de feições e mente impenetráveis – não seria exceção. Ele está como sempre, cara fechada, braços cruzados atrás do corpo, mente perdida enquanto olha o horizonte. Não escaneia o convés a procura de rostos conhecidos, porque acha que não encontrará muitos, e é um deleite observá-lo sem que ele saiba que está sendo

observado.

Ele abaixa brevemente a cabeça. Seu nariz romano aponta para algum lugar fixo, próximo aos pés. As feições quadradas do rosto estão trincadas. Ele está pensando, mas no quê? Não sei.

— Em nome do Comandante do 1º Distrito Naval, e sob a responsabilidade do Estado Maior da Marinha, saúdo a tripulação e os convidados dessa pernada: a equipe da Produtora F. Saldanha...

Olho para Eric. Ele ergue brevemente os olhos até a equipe. Parece perdido em pensamentos, à milhas náuticas daquele lugar e daquele discurso.

O Capitão limpa a garganta e continua: — Agradecemos também a presença da equipe da *Friends of The Sea*, ONG de colaboração brasileira-norueguesa que participará dessa pernada. Principalmente aos pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro que se uniram à missão: o doutorando Rafael Durval e as Dras. Cláudia Martins e Stella Maris Bittencourt.

Meu nome é como uma colher arranhando o fundo metálico de uma panela. Encolho vendo o rosto de Eric levantar. *Quem?* Ele olha para Sérgio, mas Sérgio só consegue olhar para baixo e fingir que não ouviu nada.

A partir daí é uma caça: o peito largo de Eric fica mais largo, o rosto duro mais duro. Seus olhos varrem o deque como *lasers*, correndo de rosto em rosto atrás de mim. Tudo em sua carranca indica espanto. Raiva. Possessão demoníaca. Embora semi-escondida entre gigantes, sou capturada pela periferia de sua visão, e me torno uma bandeira vermelha acenando para um touro bravo. Seus olhos encontram os meus: verdes, irados e arregalados. Sua raiva chega a ser obscena, de tão exposta.

— Stella? — pergunta entre os dentes, e um caroço desce pela minha goela.

Aceno timidamente. *Eu mesma.*

NO COMANDO DA SITUAÇÃO

ERIC



Filha de uma mãe! Maldita mulher teimosa! TEIMOSA!

Não dá para fazer discurso de boas vindas com a mandíbula travada. A vontade é mandar todos desembarcarem aos palavrões, levá-la até o cais, chutar a rampa de embarque no mar e partir. Mas não dá pra fazer isso. Minha namorada — ou ex, não sei — está ali, me desafiando, no *meu* navio.

Como pode ela estar aqui?

Por longos segundos não reajo. Não sei como reagir! O Capitão para de falar e me passa a palavra. Olho para ela dizendo um milhão de coisas entre as chamas do olhar: ela sabe que estou *muito puto*. Pego o microfone do capitão e limpo a garganta:

- Obrigado por estarem aqui. Bem vindos.

Devolvo o microfone sob olhares de espanto do meu superior. *Que raios de apresentação foi aquela?* , ele se pergunta, mas não estou prestando atenção nele, e sim *nela*.

Sua presença é um desafio particular. Sua presença é uma afronta à minha posição de capitão. Sua presença é... *Quem são aqueles cabeludos ao lado dela?*

Saio do deque enlouquecido, falando com Sérgio atrás de mim: — Quero

saber quem são aqueles homens ao lado de Stella.

Sérgio me entrega uma folha arrancada às pressas da sua pasta de documentos, mas não quero ler. Eu enxergaria tudo vermelho na folha. Ouço meus próprios passos enquanto ando em direção à cabine de controle, batendo portas e bufando alto. Sérgio vai lendo os nomes da planilha de embarcados, atrás de mim: — Sven alguma-coisa que termina em seis consoantes, *Martin Lu...* não, *Luk...* não, peraí, *Lubj...*

— Continue, Sérgio! — *Não me interessam sobrenomes!*

— ...e por fim *Storr Alexandersen*, diretor da *Friends of the Sea*. Além de, claro...

Ele pausa e eu me viro paro para olhá-lo. Conheço esse tipo de pausa: — Quem mais?

Ele coça a cabeça.

— ...Bem, os nomes seguintes da lista você já conhece. Rafael Durval, Cláudia Martins e Stella Maris Bittencourt.

Reinício a contagem até dez: um....dois....três....

Sérgio fecha a planilha e me encara. No segundo seguinte, antes mesmo que chegue ao 8, dou um soco na lateral de ferro do navio. O som do soco no metal soa estridente e alto, e Sérgio olha ao redor, certificando-se de que ninguém testemunhou minha ira crua, mas não estou preocupado com isso — estou na verdade possuído. Estar ali, naquela situação, é não só inimaginável como também *impossível*. Como foi que eles pararam ali? Quem colocou Stella naquele navio?

— Tem certeza que eles estão legalmente aqui? Que passaram pelos órgãos competentes?

Sérgio faz que sim.

Meus olhos, tenho certeza, estão vermelhos de ódio: — Como?

A pergunta é simples: como ela poderia estar ali? Como pode ter passado por mim, por Arthur, pela burocracia da Marinha em míseros cinco dias? Até poucos dias atrás nem eu mesmo sabia que viria! Agora estou em um navio com ela. Sua presença ali implica em milhares, milhões de pequenos problemas!

— Você precisa se acalmar, Eric. Stella está legalmente embarcada nessa pernada.

— Como!? — bato novamente a palma da mão na lateral do navio — Como? Como?! Ela terminou comigo, Sérgio! Que diabos a mulher pretende vindo aqui?

Arrasto as mãos pelo cabelo. Em que momento a vida tranquila virou *isso*? Uma viagem imbecil acompanhando civis despreparados à Trindade, o papo maluco sobre virar um tipo de garoto-propaganda da corporação. E esse *encosto* que chamam de equipe de filmagem que mandou erguerem uma tenda sobre o *meu convés sem a minha autorização!*

Limpo a boca, arrasto as mãos pela garganta, afrouxo o macacão do peito.

— O departamento inteiro de biologia está embarcado? — pergunto sem acreditar que eles estavam todos preparando-se para esse embarque.

— A autorização dos três chegou há dois dias.

— Como assim? Eu não entendo!

— A ordem do embarque veio de cima.

— Arthur? — pergunto. Talvez meu padrinho tenha acreditado que incluir Stella na pernada fosse uma boa ideia para o relacionamento.

— Mais alto que Arthur. Bem mais alto.

Sérgio espera que eu adivinhe, mas então a mente une alguns pontos. Só uma pessoa na corporação teria motivos para me ferrar, e poder suficiente para incluir três pessoas no último momento na pernada. Mas não é possível que Stella tenha procurado o ministro para isso. Ou Marina.

Seria?

— Foi o pai de Marina?

Sérgio faz que sim.

Mas que merda! Que MERDA! Tento socar novamente a lateral do corredor mas Sergio segura meu braço: — Hora de partir, capitão. Ela está legalmente embarcada, não há o que fazer.

Bufo, desorientado, sem saber que caminho tomar.

— Na verdade, apenas ela e Rafael embarcarão. Cláudia foi autorizada a vir mas parece que não veio.

Uma parte minha quer marchar até a cabine de Stella e jogá-la ao mar; outra parte quer se jogar ao mar. Por que ela está fazendo isso? *Por que, se estava com tanta raiva de mim?*

— Mulher dos infernos! — xingo, retomando o caminho em direção ao centro.

— Qual delas? — Sérgio pergunta atrás de mim. Há tantas mulheres infernais na minha vida que já não sei mais a qual delas me refiro.

— Stella está sonhando se acha que receberá tratamento *vip* à bordo porque entrou por ordens do Ministro — aponto o indicador para meu zero-dois. Sérgio assente em silêncio. — Ela não opinará sobre minhas regras e

seguirá à risca absolutamente tudo que eu disser! — resmungo outra vez. — Da última vez ela me desobedeceu, quase morreu sob meu comando. Isso não vai acontecer outra vez!

— Stella agora conhece os perigos da ilha, capitão — Sergio diz de forma mecânica — E agora ela conhece *você*.

Faço que não. Stella acha que tudo pode ser resolvido na brincadeira. Que meu trabalho pode acomodar sua teimosia. Ela está em uma quebra de braços infantil comigo. Só porque viajei, ela mostrou que pode viajar também.

— Não pretendo me aproximar dela a viagem inteira — digo entre os dentes, não que ele tenha perguntado algo. — Não darei um único espaço para que receba tratamento especial — continuo, soando mais magoado do que intendia.

Sofri como um cachorro nos últimos dias por ela. Senti sua falta enlouquecidamente quando a maldita gastroenterite a afastou de mim, e perdi completamente o chão quando ela disse que não acreditava em casamento. *Eu comprei até um anel!*

— ...Dificultarei tanto as coisas para ela que ela vai jogar a toalha. Ela vai se arrepender por ter vindo!

— Você está sendo extremo, Eric.

Sim, eu estou. Minha raiva precisa diminuir, mas não sei como controlá-la. Deve ser isso que chamam de *estar fora de si*. Estou fora de mim. Se pudesse me ver, veria de longe um homem atormentado pelo *fora* da mulher que ama. Alguém ao mesmo tempo profundamente irritado pela mesma mulher.

— Mas que merda! — Chego à síntese da situação.

Sérgio apenas pressiona os lábios e concorda, olhando para baixo: — Uma merda, mesmo.

Abro finalmente a porta da Cabine de Comando: — Preciso lançar esse navio ao mar.

— Você terá tempo o suficiente para conversar com ela — ele diz entrando atrás de mim — Por ora, apenas esfrie a cabeça. O navio é pequeno pra tanta tensão.

Ah, mas eu sei disso.

Os procedimentos da partida tomam meu tempo e minha concentração. Após autorização do porto, o *Hipo* parte. Por todo o tempo em que renteia a baía, o foco está nas manobras para levar o navio em segurança até o oceano aberto.

Veza ou outra a cabeça retorna à situação.

Será possível que Stella tenha entrado em contato com Marina para pedir que fosse incluída? Que ambas estejam em contato agora? E porque o Almirante Itaboraguy faria isso? Será que ele quer me ver em apuros? Mostrar que quem manda é ele, e eu pagarei por ter terminado com sua filha?

Por outro lado, enquanto o mar me acalma, decido que isso no momento não importa. Tenho várias situações para contornar — entre elas, a presença de minha namorada no navio, assim como da minha ex esposa. Mas tudo que preciso fazer é separar minha vida pessoal da profissional. Quando dois não querem, dois não brigam. Quando dois não querem, dois não se encontram. Estou no comando tanto do navio quanto da situação, e nada — *nada* — me tirará do sério.

Mal concluo o pensamento, ouço a confusão fora da sala. Alguém bate irritado com os punhos no metal.

Sérgio olha para mim e liga a câmara externa. Do outro lado da porta, a visão é confusa.

Olho para Sérgio, que tem a mão na frente da boca e olhos arregalados: — Você não disse que um deles não tinha embarcado?

RISQUE O FÓSFORO

STELLA



Storr está falando há cinco minutos comigo e ainda não entendi uma palavra. Seu português não é lá dos melhores, mas é a sua fisionomia que atrapalha a compreensão. Não tenho culpa se sua beleza embaralha meus neurônios e atrapalha meus pensamentos.

Ele é mais que bonito, ele é tipo *Eric-bonito*. Ele mencionou as palavras "baía", "Noruega" e "calor" algumas vezes, mas não consegui transformar as palavras em imagens coerentes. *Acho que é por causa do seu físico de Thor*, constato diante do seu peitoral.

Mas então olho por cima dos ombros, para o púlpito: talvez minha lerdeza seja devido à expressão bélica de Eric.

Touché, penso suprimindo um sorriso.

Ah, se Cláudia estivesse aqui. Poderia passar um mês ao lado desses colírios exóticos e sarar suas feridas, enquanto encho seus ouvidos com os meus problemas. *O que tinha de tão importante para fazer no departamento? Nada!* Com o novo sistema de administração itinerante, seu cargo já não era

exatamente seu há muito, e ninguém sentiria sua falta por poucas semanas – com exceção apenas dos mosquitos. Ela poderia trabalhar daqui, despachar pepinos pelo computador, usufruir do frescor para os olhos cansados. *E que frescor.*

É enquanto penso em frescos que vejo um oficial se aproximar. Ele se dirige a mim, olhando de rabo de olho para o brutalizado ao meu lado.

— Sra. Stella Bittencourt?

— Sou eu.

— A senhorita poderia vir comigo?

— E eles? — Aponto para os cinco homens que dependem do meu português para se comunicar.

— Eles também. Vocês ficarão todos no mesmo corredor.

Storr me ajuda a levar os equipamentos e as malas de Rafael – que, a propósito, desapareceu. O oficial vai na frente, nós vamos atrás. A sensação é que montanhas se movem atrás de mim. Eles começam a conversar animadamente, jogando aquelas cabeleiras de lado e estufando (talvez não propositalmente) seus peitos, híbridos de remadores com halterofilistas. É uma pena que Eric não esteja vendo isso.

Ao mesmo tempo, é inquietante que eu não saiba onde está Francesca, e em que parte do navio foi colocada.

— Sabe me dizer onde ficará a equipe de filmagem do documentário? — pergunto ao jovem que nos guia por corredores estreitos, no interior do navio.

O oficial não responde imediatamente; está concentrado em passar por uma porta de cantos arredondados, abaixando a cabeça para não bater no ferro. Faço o mesmo, espremendo o corpo contra a mala e impulsionando o corpo adiante. Tanto eu quanto o menino paramos, do outro lado, para assistir como os noruegueses passarão por ali. Dali vemos apenas parte de seus corpos, ainda parados do lado de fora. A porta parece estreita para tanto corpo.

— Será que eles passarão? — pergunto ao garoto.

— Espero que não danifiquem os anteparos, — o rapaz retruca.

Não precisamos de um abridor de lata, os noruegueses couberam na passagem. Seguimos pelos corredores, passando por sargentos e tenentes que precisam se espremer para cruzar conosco. O encarregado de nos mostrar as cabines vai acomodando os rapazes de dois em dois, acomodando-os em cabines tão estreitas quanto caixas de pasta de dentes. O marinheiro para na frente de uma porta e indica que Storr fica ali.

— Sem companheiros de quarto para mim? — Ele brinca.

O homem checa na planilha: — Seu companheiro de viagem será Rafael Durval.

Mordo os lábios, sem coragem de encarar o norueguês. Rafael vai precisar de um desfibrilador quando souber disso.

— E a senhorita ficará aqui. — O homem aponta para a porta seguinte.

— Sozinha?

— Sim.

Storr pisca para mim: — Sorte a sua.

O norueguês se despede e some na latinha de sardinha. Sou deixada no corredor, acalorada pela piscadela.

— Não vi outras mulheres no embarque — comento olhando para o compartimento. — Além de Francesca Saldanha, claro.

Jogo verde para colher maduro. Quero saber onde ela estará.

— Francesca Saldanha fez uma solicitação pra ficar sozinha — ele responde.

— Onde?

O oficial não sabe, e sequer me despeço do rapaz, tamanha a raiva.

Não entro na cabine, estou inquieta demais. Se a *fresca* pediu para montarem uma tenda no deque para protegê-la do sol, o que não exigiu na hospedagem? Um quarto com vista para o mar? Almoçar no refeitório particular que o comandante almoça? A vontade é andar até o centro de comando, bater na porta de Eric e acusá-lo de um infinito de coisas. Claro que não faço isso, Eric não terá esse gostinho.

Coloco as coisas na cabine minúscula e saio andando pelo corredor. Cumprimento os oficiais que passam por mim, relembrando os dias passados ali. Não tenho rumo, sequer sei se procuro alguma coisa. Estou com muita raiva de Eric por mexer tanto comigo. Mas à medida que ando, o coração se aperta ao lembrar da loucura que senti entre aquelas paredes há pouco mais que oito meses, quando o conheci. O desejo insano de revê-lo, a sensação de insaciabilidade do corpo, da mente e do coração. Quero mais dele, desde aquele dia. Sempre quis. E por querer mais e muito, fiquei profundamente magoada com sua decisão de partir em segredo para Trindade.

A cabeça volta à ruiva. *E se eu estiver aqui atrapalhando algo que eles quiseram forjar? Onde está o meu amor próprio?* Enquanto seguro a agonia e tento não pensar demais, ouço batidas em uma porta e uma voz conhecida. Não uma conversa ou um sussurro, mas um verdadeiro quebra-pau.

Viro à esquerda e me deparo com uma porta fechada. As vozes vêm de um banheiro. Mexo na maçaneta quando reconheço-as, sem acreditar que uma coisa dessas seria possível. *Não, não é.* Não há a menor chance disso estar acontecendo.

Alguém rosna do outro lado.

— Abra! Estamos trancados aqui dentro!!!

Forço a porta, sentindo um risco gelado correr pela coluna.

— Cláudia?! — Mexo tanto na fechadura que ela ameaça quebrar na minha mão. A porta finalmente abre com um solavanco, e a visão não consegue achar espaço entre as orelhas: *o que ela está fazendo ali?*

— Cláudia!?

Ela sai do banheiro esbarrando em mim, bufando como um touro enfestado. Está suada e irritada, e não sei se acompanho sua desorientação ou se olho para Rafael, que assoa o nariz, sentado na privada.

— Pelo amor de Deus, alguém me explica o que está acontecendo?

— Graças a Deus fomos salvos — Rafael choraminga.

Cláudia marcha de volta até nós.

— Esse imbecil correu desatinado até aqui e eu, idiota, vim consolá-lo! Aí o que ele faz? Chora tanto que não ouvi o anúncio de que o navio estava de partida! Quando finalmente entendi que estávamos partindo, ficamos trancados!

— Não foi minha culpa! — O menino balança a cabeça. — Você encostou na porta e ela travou!

— Vocês perderam a hora do desembarque! — eu grito.

Ambos olham para mim. Isso é bastante óbvio.

Cláudia aponta o dedo para Rafael.

— Era tanto drama e tanta reclamação e tanta choradeira que quando vi pela escotilha, já tínhamos deixado o porto!

— Eu disse pra ela ficar calma, que Eric daria um jeito de voltar!

— Ah, é? E você acha que Eric dará ré nesse trambolho? — Claudia berra.

Olho para um e para outro. Se Eric ficaria puto comigo antes, agora ele vai surtar de vez.

— Isso não pode estar acontecendo — digo sedada. — E agora, Cláudia? O que você vai fazer?

Meu cérebro parece que só vai voltar a funcionar quando conseguir essa resposta. Onde eles vão ficar? Quem vai dar aulas no meu lugar? Como o

departamento vai se virar sem Cláudia? Era ela quem seguraria durante esse mês a minha barra!

— Claudia, nós vamos ser demitidas!

Claudia segura no meu pulso.

— Precisamos achar Eric. Reportar que fiquei trancada!

— Seus filhos vão surtar! — digo como se aquilo já não tivesse passado por sua cabeça. — E no trabalho? Quem é que...

Cláudia me olha com tanta fúria que dou um passo para trás.

— Como vai parecer essa viagem? — gaguejo.

— Como vai parecer que largamos tudo para viajar de graça pro fim do mundo? — ela entoa entre os dentes. — Como vai parecer quando descobrirem que você se incluiu em uma viagem sem a autorização do departamento? Quando souberem que estamos no mesmo navio que o seu namorado? Você estava contando com a minha camaradagem para suas maluquices, mas adivinhe só: por causa delas quem podia te ajudar está aqui! E sim, seremos todos mandados embora por abandono de emprego!

Tombo ao lado de Rafael na privada.

— Ex — falo sedada, sem saber como contornar a situação.

— Ex o quê? — eles perguntam.

— Você perguntou como vai parecer quando souberem que estou no mesmo navio que meu namorado. Ele não é mais meu namorado. É meu ex.

Cláudia sai de perto para não me encher de tapas, mas um segundo depois ela está de volta.

— Nós vamos agora até a cabine do Capitão. Ele vai colocar aquele helicóptero pousado no convés no ar, para levar a gente pra casa. Vem.

A princípio parece uma boa ideia e eu a sigo. Rafael vem atrás de mim, reclamando em voz baixa.

— Não vai ter a mínima graça se ela for com a gente, Stella! Imagina repartir a cabine com Cláudia!

Guardo por enquanto a informação sobre a pessoa com quem ele compartilhará o quarto. É muito drama para o momento.

E a confusão entre Cláudia e Rafael continua até a cabine de Eric. Somado ao constrangimento da situação entre nós no momento, posso dizer que não estou nada bem. Minha barriga dá voltas e a náusea retorna. Eric está logo ali, atrás da porta de ferro, puto até a última célula por eu ter embarcado de surpresa e eu estou aqui, com mais um pepino para colocar em suas mãos. Ajeito o uniforme pedindo a eles que falem baixo. Ajeito o cabelo, tento

parecer comedida.

O homem que abre a porta está furioso. Cláudia e Rafael param de bater boca ao verem a cara de Sérgio, a quem Cláudia prometeu que desembarcaria logo depois que visse a cara de Eric. *Surpresa! Ela não desembarcou.*

— Você deveria ter desembarcado — Sérgio fala baixo.

Cláudia cruza os braços, emburrada.

— Fiquei trancada no banheiro e não consegui sair. Quero falar com o capitão.

— Sinto muito. Ele não pode receber vocês agora.

A hierarquia da Marinha nos proíbe de entrar na cabine ou mesmo nos aproximar de Eric por qualquer motivo. Qualquer demanda precisa ser tratada primeiramente com Sérgio, para só então ser levada ao capitão. Sinto de longe a presença de Eric na cabine. Não consigo vê-lo de onde estou, mas sei que ele observa as imagens da câmera sobre nossa cabeça.

— Preciso do helicóptero para me levar à costa. Não posso ficar.

Sérgio não se move.

— Sérgio, é sério. Meus filhos não sabem que estou aqui, ninguém no meu trabalho sabe que estou no navio.

— Eles saberão em breve. Avise-os por rádio.

— Rádio? Não! Você vai levantar vôo com aquela merd...

Coloco-me entre Cláudia e Sérgio, amenizando o tom hostil.

— O que custa levá-la de volta à terra? — pergunto, delicada. — Em minutos vocês estão de volta, e ninguém precisa viajar a Trindade sem querer, não é?

Sérgio responde à minha pergunta detalhadamente, em tom bem menos cordial que o costumeiro. Aparentemente, custa uma nota preta acionar o helicóptero. Ficamos com cara de tacho, não sabíamos. Segundo, Sérgio alega que a desculpa dos filhos não funciona, porque ela mesmo, na última festa em que se encontraram – *aquela em que ela excedeu na bebida*, ele adiciona –, contou que os filhos estavam adolescentes e já não precisavam mais dela. O oficial dá também outros motivos, como o nome de Cláudia estar na lista de embarcados, ou seja, legalmente alocada na viagem. Sugere, na cara dura, que procuremos os serviços médicos e peçamos alguns calmantes.

Rafael precisa segurar Cláudia para que ela não avance sobre ele.

— O que quer dizer "estou alocada na viagem?" Que história é essa? — ela pergunta aos gritos.

— Quer dizer que, ao pedirem ao Ministro que embarcasse Stella, ele autorizou a vinda de todos.

Cláudia faz uma careta desoladora.

— Vocês três fazem parte da expedição da *Friends of the Sea*. Agradeçam a quem incluiu vocês na pernada por terem feito a trapalhada completa. Quanto ao diretor da ONG, sugiro avisá-lo que tem mais pesquisadores em sua equipe do que acredita ter. Se me permitem, preciso fechar a porta. Ordens do comandante.

Minha temperatura, que já vinha subindo, atinge a estratosfera.

— Quero falar com Eric.

— O Capitão está no comando do navio, Srta. Stella.

Tento vê-lo ali dentro, mas Sérgio barra minha visão.

— Corta essa de senhorita, Sérgio! Diga a ele que se ele não vier aqui, pode esquecer que eu existo!

— Acha que ele deve esquecer os setenta e seis tripulantes do navio para vir escutá-la? — pergunta com falsa inocência. Estreito os olhos em sua direção, possuída de ódio, mas ele não se abala. — Tenham uma boa viagem, senhores. Com licença.

E a porta de ferro bate na nossa cara.

Por um segundo fico parada de frente para a porta. Estamos em choque, paralisados no lugar. Rafael está puto, Eric está puto, eu estou puta, mas Cláudia está com sangue nos olhos. Apontando o dedo para o meu peito, diz espumando pela boca:

— Se precisar de ajuda para jogar gasolina em Eric e tacar fogo, tenho o direito de riscar o fósforo!

SURPRESINHA

STELLA



Cláudia e Rafael estão sentados na minha frente no refeitório de civis, amuados. Longe da animação com que começamos a viagem passada, dessa vez só ouço bufadas e reclamações. Rafael começou a reclamar que seu namorado escondeu dele quem era seu chefe assim que saiu do banheiro, e não parou desde então. Cláudia está com cara de pouquíssimos amigos (na verdade, amigo nenhum) e está por um fio de perder a paciência com Rafael.

— De onde você tirou que eles estavam tendo um caso, Rafael? — pergunto. Não há qualquer bondade na pergunta, nem tentativa de apaziguar seu coração. Tudo que quero é que ele pare de reclamar.

— Claro que estavam, Stella! Tuco fazia de tudo para que eu não soubesse quem é Storr! Você acha que não rolou um chifre?

— Se rolou só um foi desperdício — Cláudia diz, cansada de empurrar as ervilhas no prato. — Por que aquilo ali —, ela assobia — é um pedaço de mau caminho.

— Isso foi venenoso, tá? — ele reclama.

Como se não bastasse a arrogância de Eric e sua recusa em falar comigo há pouco – aliás, como se não bastasse o ódio mortal de Claudia por ele, por mim, por Rafael e todas as outras criaturas vivas da terra, além de Francesca Saldanha deslumbrantemente sentada mais à frente, rodeada por TODOS os oficiais desse navio – como se não bastasse tudo isso, Cláudia e Rafael estão na *minha* cabine. Cláudia por motivos óbvios e embaraçosos; Rafael por se recusar a ficar no mesmo quarto que Storr. Somos três sardinhas apertadas dentro de uma lata, onde, para o sol entrar, um de nós precisa sair. Três sardinhas que a propósito estão usando as roupas que *uma* sardinha – eu – trouxe para passar um mês no mar.

Olho para trás, para a mesa dos noruegueses. Eles ocupam um pedaço considerável dos bancos, de modo que lotam, sozinhos, uma mesa onde caberiam oito pessoas. O brucutu-mor, a figura loura e corpulenta de olhar letal me lança um sorriso amigável.

Ergo o copo de suco em um gesto de amizade para eles. Volto a olhar para mesa, vendo as sobancelhas de Rafael enrugarem-se sobre o nariz e Cláudia suspirar.

— Eles parecem tão ... selvagens — ela diz.

— Selvagens? — Rafael faz uma careta. — Fala sério gente, isso é romantização do macho alfa, do protótipo machão halterofilista. Eu, hein.

— Praticamente Vikings bárbaros. — Claudia olha para mim, provocando Rafael.

— Bota *bárbaros* nisso — concordo bebericando meu suco.

— Se vocês continuarem com isso eu vou embora, tá? — Rafael reclama.

Cláudia e eu caímos na risada. Ainda rimos quando as portas do refeitório se abrem. Todos se voltam para a porta, inclusive eu, e o coração quase sai em uma golfada pela boca.

Eric.

Ele veste o maldito uniforme branco que o deixa como uma visão do paraíso, e tudo debaixo e em cima da minha pele começa a formigar. Sua entrada é triunfal, magnânima, um Deus surgido dos portais do Olimpo – mas só por um segundo. No próximo é como se o Darth Vader tivesse entrasse na sala de comando da Estrela da Morte: tudo escurece e esfria. Consigo até mesmo ouvir a marcha imperial tocando ao fundo, trazendo dor e sombras à quem antes comia tranquilo.

Meu Deus grego/senhor do lado negro da força parece ter engolido um cabo de vassoura: entra rijo e severo no refeitório, me lançando o mais breve

dos olhares. Passa direto por nossa mesa, ignorando as narinas dilatadas e os dentes trincados de Cláudia. Ignora também meu aborrecimento – ou minha tentativa de parecer aborrecida – assim como a tromba de Rafael. Cumprimenta os oficiais à nossa direita e os da esquerda, e arrisca até mesmo um meio sorriso para Francesca. Tanta pompa e firula fazem parte da suposta "importância da primeira noite", quando somos enganados pela ideia de que seremos bem tratados durante todos os jantares. Até parece: embora hoje o refeitório tenha ares de celebração, minha dieta vegetariana continua um estorvo e a cara do cozinheiro ao me ver novamente ali é de quem poderia me jogar no mar.

Os oficiais se levantam. Eric faz um sinal para que descansem, mas as continências pipocam ao redor. Quando meu coração diminui as batidas, viro para olhá-lo. Ele para ao lado da mesa da equipe da produtora, quepe sob um dos braços e mãos cruzadas na frente do corpo, e os cumprimenta:

— Boa noite senhores. Boa noite, senhora.

— *Aff* — Claudia solta ao meu lado. — Não tenho paciência.

O problema não é ter paciência, um sentimento nobre e elaborado demais para o momento. O problema é de ordem mais profunda e instintual: muita raiva, muitos ciúmes. O aborrecimento é tanto que vinhas geladas parecem se espalhar pelo estômago. A indignação pelo cumprimento só vai surtir efeito no segundo seguinte: Eric comenta algo com Francesca, e ela sorri, desmilinguida. Tudo dentro de mim enegrece.

— O que ele falou? — pergunto irritada — Não dá pra ouvir!

Eric responde ao comentário de Francesca de forma contida. Ele nunca é atencioso demais em público, reserva seu interesse e pouca simpatia para as conversas particulares. Talvez por acreditar nisso eu quase caia da cadeira quando o vejo sorrir para ela.

Filho de todas as putas do mundo! Das minhas orelhas já saem vapor.

Francesca não tem medo dele como eu tinha, no início. Tampouco parece deslumbrada como eu fiquei. Ela sabe quem é, e sabe quem ele é. Talvez ninguém o conheça tão bem quanto ela. Mas existe uma coisa em sua postura que me lança ao teto: tudo nela age com a certeza de que é questão de tempo até que o comandante esteja preso em sua rede. Essa é a cara que ela faz, a mensagem que emana.

Ela pisca dengosa e os homens ao redor suspiram. *Isso é ridículo!* Tenho vontade de levantar e andar até eles.

— Eu vou lançar essa mulher ao mar — aviso.

Rafael aponta para uma plaquinha na porta de saída do refeitório: "Não jogue lixo no mar." Cláudia ri da piada sem graça, mas eu não vejo graça nenhuma. *Qual é a da atenção despropositada a Francesca, Eric? Você quer me fazer ciúmes?*

Ele termina a conversa com a trupe da produtora e se dirige até a equipe do *Friends*. Sei que seus olhos estão fixos em Storr, porque esse é o homem que me acompanhará à praia das tartarugas à noite. *Desculpe, Eric. Você tem Francesca, eu tenho esse norueguês de dois metros de altura.* Não queria usar o pobre biólogo para fazer ciúmes em ninguém, mas seu porte de montanha transforma a situação em algo inevitável. O capitão os cumprimenta, e eles conversam polidamente em inglês por alguns segundos. Ouço Storr agradecer a viagem e trocar ideias sobre o navio. Também os ouço falar sobre a pesquisa e, sem que espere, dizer meu nome:

- Yes, yes, estamos em boas mãos — Storr diz. — A Dra. Bittencourt está aqui para nos ajudar.

Como todos olham para trás, Eric se vira a contragosto também: dá de cara comigo. Encaro-o com o queixo erguido e sorrio para o norueguês. É revigorante ver que a musculatura do rosto de Eric dá um nó. Também consigo ouvir daqui seus dentes rangerem. Bem feito.

Para minha surpresa, Eric rebate a frase de Storr.

— O embarque da equipe da UFRJ foi uma surpresa para a tripulação. Se não me engano, não havia requisição até semana passada para estarem aqui.

— A Dra. Bittencourt deve ter uma boa influência dentro da Marinha — Storr responde, sem hesitar. — Ficamos agradavelmente surpresos quando nos informaram que ela embarcaria.

Eric olha para trás, me chamuscando com os olhos.

— *Surpreso* é a palavra.

— *Influência* é a palavra — respondo de volta.

Os noruegueses ignoram a troca de farpas e continuam a conversa. Ele pede licença após alguns segundos e parte, seguido de Sérgio. Talvez cogite, pela desaceleração da caminhada, parar em nossa mesa, mas a animosidade entre nós é tanta que ele simplesmente segue adiante.

Os oficiais continuam a comer, a equipe de Francesca continua a reclamar da comida e os noruegueses reclamam que não há cerveja à bordo. Eu fecho a cara, e pelo resto da janta não troco mais palavras com ninguém.

Ao virarmos no corredor que nos leva à cabine, vemos Sérgio parado em frente à porta. Ele aguarda nossa aproximação com uma papelada enorme nas mãos, e está tão sério que nem se parece com o mesmo Sérgio que conheço dos botecos do Rio.

— Dra. Cláudia? — diz sem tirar os olhos da planilha nas mãos.

Cláudia o ignora.

— Abre logo essa porta, Stella. Não tenho nada a falar com esse babaca.

— Você e Rafael precisam vir comigo — ele diz, ignorando sua hostilidade.

Rafael e Cláudia se entreolham.

— Por quê?

— Precisamos pegar o depoimento de vocês sobre o embarque não autorizado.

— Não autorizado? — Ela ergue uma das sobrancelhas. — Até onde sei, o *Ministro da Defesa* autorizou meu embarque.

Ele sobe os olhos.

— Autorizou sem saber a besteira que estava fazendo.

— Vamos fingir que essa é a história, né? — Claudia rosna entre os dentes.

— Vai demorar? — Rafael pergunta.

— Vai depender de vocês.

— E eu, preciso ir? — pergunto.

— Não. Só quem *embarcou de gaiato no navio* — ele alfineta Cláudia enquanto olha para Rafael. — E quem é testemunha da trapalhada precisa vir também.

Os três partem discutindo sobre quem é o culpado e eu abro a porta com o meu cartão.

Ainda não acredito que aqueles dois desmiolados não conseguiram sair do banheiro a tempo e agora Cláudia segue, contra a vontade, rumo a uma ilha no meio do nada. O que ela vai dizer para Jonas? Para seus filhos? Para o departamento?

Ao entrar sinto frio. Pela penumbra vejo que uma das básculas está aberta. *Estranho*. Deixei tudo fechado antes de sair para jantar. Bato a porta atrás de mim e tateio a parede ao lado, procurando o interruptor. Ao acender a luz, tomo o susto da minha vida: Eric está me esperando no quarto.

VOCÊ VAI VER SÓ
STELLA



Meu coração ameaça parar, e um calor incendiário toma meu rosto.

— Eric?

Ele me olha duro. Lembra, assim, um bloco de pedra inacabado e áspero. Mas quando sua voz vem, baixa e grave, sua dureza sobe na escala de rigidez: atinge um nível ainda mais duro.

— O que você está fazendo aqui, Stella?

Ele faz a pergunta bem devagar. Sua voz deixa escapar algo violento por entre as letras, como se ele segurasse uma matilha de cães bravos, loucos para saltar sobre a presa. A impressão é que à mínima faísca ele os soltará *sobre mim*. Sua raiva me recompõe. *Oras, o que poderia estar fazendo ali?*

— Faço parte de uma expedição, não te informaram?

E aí está a faísca. Os cães raivosos disparam sob sua pele, avermelhando-a. Uma veia de aspecto perigoso começa a pulsar em sua testa. Céus, ele fica lindo com essa tonalidade de tomate no rosto. E essa veia, se não for um aneurisma, é um charme.

— Como foi que embarcou, Stella? O-que-está-fazendo-aqui? — Ele abre as palmas, repetindo a pergunta, atordoado.

— Você pode viajar sem me dizer nada e eu preciso te dar satisfações sobre minhas viagens? — revido, ácida. — Quem você acha que é, meu dono?

Ele arrasta as unhas no couro cabeludo, irritado.

— Como pode ter se enfiado nessa pernada, no *meu navio* sem me dizer nada?

— Não me lembro de ter lido seu nome no casco. Estamos no *Eric Saldanha*, e não no *Almirante Sabóia*?

Se ele não salta sobre mim agora, o momento não pode estar longe.

— Achei que estava namorando uma mulher adulta, não uma adolescente impulsiva!

— Marcar uma viagem às escondidas para acompanhar a ex esposa à ilha não me parece uma atitude adulta. Talvez de *adultos safados*!

— Você entendeu tudo errado — ele exala, muito puto e muito vermelho.
— Achei que poderia ser dispensado da pernada! Quantas vezes vou precisar dizer a mesma coisa?

— Poupe-me, Eric! Quando iria me ligar? Quando estivesse na segurança do mar aberto?

— Meu Deus, qual é o seu problema? Você está entendendo tudo errado!

Dou-lhe as costas e ando até a escotilha, fechando-a.

— Olha, Eric, se veio aqui pra me dizer que não premeditou essa viagem, perdeu seu tempo. Quanto a mim, estou aqui merecidamente. Trindade precisa de mim.

Ele atravessa a cabine de um lado para o outro. Sua presença toma todo o espaço livre, toda a superfície vazia ao redor. Mantenho a postura de combate: de pé, mãos na cintura. Se ele acha que sua presença fenomenal me abala, está redondamente *enganado*.

— Não é questão de merecer, como não é questão de esconder a vinda. Você se esqueceu que não posso negar missões? Eu achei que não viria, por que é tão difícil acreditar em mim?

— Vamos ver. — Começo a contar do polegar. — Porque foi a uma festa escondido de mim? Um. — Ergo o indicador. — Porque fiquei sabendo por uma revista de fofocas que você estava de partida? Dois. Porque esqueceu de mencionar que sua ex é ruiv...

— Eu fui pressionado a vir! — ele explode.

Minha mão continua erguida. Ainda estou no três.

— Você realmente não acredita em mim? — Seus braços tombam ao lado do corpo. Sua pergunta é genuína, e traz uma pitada de dor.

Dói balançar a cabeça de um lado para o outro, mas a verdade é que não acredito.

— Eu confiei em você, Eric, e veja onde estamos.

Ele fecha os olhos. Por um instante espero que diga algo, mas não diz.

— Não fui eu quem propôs que não viajássemos por um tempo — continuo. — Foi você.

— Eu só queria que déssemos certo, Stella. Que vivêssemos um tempo juntos em terra, só isso.

— Bem, estamos juntos. Só não em terra.

A ironia por trás da frase o inflama. Ele trava o maxilar e olha para a porta, disposto a partir.

— Como perdoar você, me diga? — Elevo a voz, torcendo para que ele tenha uma resposta para isso. — Por que não admite que o trato de não viajar valia unicamente para mim, e não para você?

Ele abre os olhos e duas esmeraldas frias pousam em mim.

— Você não está fazendo a menor questão de entender o meu lado.

— Que lado você quer que eu entenda? O que embarcaria para Trindade sem me avisar? Ou o que tem uma explicação para o abraço na ex em uma festa cuja existência fiquei sabendo por uma revista?

Se pudéssemos cuspir marimbondos, a cabine estreita estaria cheia deles. Minha voz está saindo trincada pela raiva, mas também há vergonha ali. Estou "atrapalhando" uma viagem idílica desse canalha e sua ex esposa? Fui enganada mais uma vez?

Se sim, o que estou fazendo aqui? Eu poderia me esbofetear por me rebaixar a isso. Poderia chorar um oceano por causa disso.

— Eu ia contar tudo, Stella. Por favor, tente entender que a situação com o Japão me colocou em uma situação muito complicada, eu...

— Tarde demais.

Passo por ele e abro a porta. Aponto para o corredor com o queixo erguido e o coração em frangalhos.

— Faça o que tem que fazer, seja a "cara da corporação", derreta-se por outra ruiva, eu não ligo.

Deve ter sido a última palavra, não sei, mas ele dá dois passos até a porta, espalma a mão no ferro e bate-a com violência. O estrondo me faz encolher.

— *Derreta-se por outra ruiva?* — ele repete, tão próximo que vejo o rajado verde de sua íris. — Você bebeu?

— Quem me dera.

Forço em vão a maçaneta para abri-la. A imagem dele e de Francesca na festa me corrói como ferrugem.

— Eu não ligo. — Giro a maçaneta outra vez, e outra, mas a porta continua fechada pela força de sua mão. *Mentira, eu ligo. Tanto que dói.*

Seu peito está tão próximo do meu rosto que posso sentir seu cheiro. A raiva é maior que a atração, por que em outra situação eu mandaria tudo às favas e deitaria o rosto ali. Mas ainda bem que é raiva o que eu sinto; a raiva é um escudo protetor. Ela é maior que o desespero e me dá forças para não cair no choro. *Mas céus, como ele cheira bem.* Sândalo, madeira, sal, oceano — tem de tudo ali.

— Você não *quer* me escutar — ele conclui.

— Eu escuto você muito bem. Só não confio mais em você.

Seu pomo de Adão se move para cima e para baixo, e acho que seus olhos brilham mais agora que a um segundo atrás.

— Achei que tínhamos ...

Ele prende o ar, sem conseguir terminar a frase. *Algo bom? Algo profundo?*

— Nós tínhamos, mas só até você trair minha confiança — respondo por ele.

Uma nuvem cruza seus olhos, mas esse momento dura uma fração de segundos. No momento seguinte suas veias do braço estufam e o risco azul que corre em sua testa incha.

— Não traí sua confiança. Se não a tenho por causa de uma foto estúpida, você realmente não sabe de nada.

— Eu deixei de viajar por sua causa! — encosto o dedo em seu peito, e ao simples toque levo um choque. — Perdi oportunidades por você!

— Fui um idiota mesmo — diz para si, sem tirar os olhos dos meus. — Achei que você estava com ciúmes de Francesca, mas entendo agora o que está acontecendo aqui.

Estreito os olhos.

— Se queria viajar ou fazer pós doutorado do outro lado do mundo, deveria ter ido, Stella. Não posso ser culpado por decisões que deixou de tomar.

Meu rosto avermelha. Em seguida ele afasta minha mão da maçaneta e

abre a porta.

— Pense melhor sobre suas raivas.

Abro a boca, indignada. Ele acabou de invalidar minha razão? Quer que acredite que não fez nada errado, e que a culpa é *minha*?

Tento fechar a porta com a mão, como ele fez, mas ele afasta meu braço como se fosse um fio de palha. Quero empurrá-lo, trancá-lo de volta comigo no quarto, quero beijá-lo e ao mesmo tempo arrancar seus cabelos, só não quero que ele parta. *O que está acontecendo comigo?*

— Está tudo terminado — solto com voz falha. Não sei lidar com essa raiva ebulindo no peito. E não estou preparada para abrir mão dos meus vãos por ele, e isso me entristece tanto quanto me dá forças no momento. Por outro lado quero que diga que me ama. Que me abrace e me chame de sua garotinha ruiva.

A sensação é que Eric esmagará a maçaneta entre os dedos. Suas sobrancelhas escuras estão unidas e os olhos de água, coléricos.

— Por que não me surpreendo? — ele pergunta fazendo um tour pelo meu rosto. — Acho que porque, desde aquele dia na sua casa, você deixou claro que não iríamos adiante.

Abro a boca, sem entender de onde veio aquilo. *Do que ele está falando?*

Mas Eric não fica. Parte corredor afora, despedaçando meu coração em mil.

CORRIDA

STELLA



A noite é passada em claro. Olho durante toda a noite para a base do beliche acima ou para o mar escuro, ouvindo à distância o som do casco cortando as águas. Os pensamentos estão em algum lugar entre essas paredes, no homem que nos leva rumo à ilha. Como o odeio nesse momento. Poderia *estraçalhá-lo* entre os dedos, esmigalhá-lo, amassá-lo, cortá-lo em pedacinhos. *Como ousa falar que previa o fim? Que nosso relacionamento não avançaria?*

Ao mesmo tempo, se isso não fosse tão descabido, eu rastejaria por esses corredores até sua cabine e imploraria perdão. É tudo tão confuso que apenas observo o mar, catatônica. Os únicos ruídos além dos esperados são os de Cláudia, que dorme um sono intranquilo na cama ao lado e o ronco de Rafael, no beliche de cima.

O céu ainda não perdeu a escuridão quando resolvo levantar. O silêncio é completo. Salto da cama sem fazer barulho, cansada de não conseguir dormir. Calço o tênis, o *legging* e visto um top de corrida. Quem sabe, se eu conseguisse correr, não espairesceria a cabeça?

Saio pelo corredor sem rumo, agoniada. Não há viva alma no navio. Não deve ser nem cinco da manhã, e todos dormem. Paro finalmente na frente da porta do porão e suspiro.

Lembro da noite em que corri ali, sem entender que tipo de química havia se apoderado de mim. Quando Eric apareceu, continuei correndo por pura adrenalina. Desço as escadas na penumbra, constatando que o porão está vazio. Fecho os olhos e posso senti-lo se movendo pelo espaço, aproximando-se de mim, me ultrapassando sem saber que carregava a cada volta um pouco de mim.

Entro no imenso galpão em silêncio, ouvindo os estalos secos do casco. Não há sinal dos caminhões que o navio pode carregar em tempos de guerra, com exceção de um pequeno veículo anfíbio ao fundo. Não trouxe toalha, não estou com o sutiã adequado, mas me movo no modo automático. Faço um rabo com o elástico que trago no pulso. Se eu não correr, enlouqueço. Botar Eric para fora, pelo suor, é o que resta.

Corro pensando no cachorro. Em como não o soquei o suficiente, nem explodi como deveria. Dou uma volta enxugando o rosto quente na manga da camisa. As lágrimas descem de raiva. Descem porque me lembro da revista, da foto, da covardia de fazer as coisas pelas minhas costas, pela proposta de não viajar, pela minha aceitação. Choro pela oportunidade perdida. E pelo fim.

Quando estou na terceira volta ouço a porta se abrir e bater. Dou mais alguns passos antes de olhar para cima, mas quando olho, estanco no lugar. Não pode ser, mas é quem eu não esperava ver ali.

Eric.

Ele está parado na frente da porta, olhos em mim. São cinco horas da manhã!

Tomo ar e volto a correr, ignorando-o. Não o ignoro realmente, na verdade sua presença estilhaça tudo em mim. O calor toma o pescoço e as pontas das orelhas. Olho com o canto de olho: o maldito está de short, sem camisa, o tronco trapezoidal – largo nos ombros, estreito na cintura – nu. Não é uma visão dos infernos, é o próprio inferno queimando em mim.

E ao mesmo tempo, fenomenal.

Amparado pela meia luz do lugar precariamente iluminado, seu corpo se torna uma tela onde sombras e luz acentuam e escondem músculos e elevações. Irresistível, inigualável, inesquecível.

Ele finalmente decide ficar. Desce as escadas degrau por degrau com os olhos fixos na camisa que segura entre os dedos. Em momento algum arrisca olhar para mim. *Não conseguiu dormir, Eric?*

Também não olho, estou brava além do que poderia imaginar, muito além

do que conheço sobre mim. Concentro-me em colocar uma perna na frente da outra, contar a respiração e fingir que não estou abalada. Minha cabeça meio pesa, meio levita sobre o pescoço, mas mantenho o queixo erguido. Ele se põe a correr, e eu finjo que sua presença não é um chute maldoso nas palafitas que me sustentam em pé.

Estalo o pescoço quando ele some das vistas. Sinto suas passadas duras em algum lugar do navio, sinto que fez a curva e em breve passará por mim. Inspiro estalando as costas. Na periferia da visão eu finalmente o vejo: ele passa por mim. Ele agora está na frente.

— Stella — ele me cumprimenta, seco.

— Capitão — respondo, igualmente seca.

O coração começa a bater de acordo com os passos da corrida. Meus dentes apertam-se com tanta força que quase afundam na gengiva. Dali vejo seu físico invejável: sua bunda primorosa, uma coisa redonda e apalpável. Em outras épocas teria corrido toda maluca, carente e infantil atrás dele e saltado sobre suas costas, mas hoje tenho vontade de empurrá-lo e pisotear sobre todos os seus músculos.

Ele faz a curva, olhando por cima do ombro. A olhadela é ínfima, não mais que a fração de um segundo. Não chega a desacelerar ou sorrir – ele jamais sorriria –, e não parece estar sofrendo nem um pouco pela minha presença. Tento colocar a respiração em ordem. *Calma, Stella.* Você precisará vê-lo todos os dias, e acostumar-se a ele.

Acostumar-se a ele sem estar com ele talvez seja a coisa mais difícil que já fiz.

Ergo o queixo e calibro a velocidade de acordo com a sua, de modo que estamos sempre à maior distância possível um do outro. Se ele acelera infimamente, faço o mesmo. Não há outro lugar para correr, e cheguei aqui primeiro. Se ele se sentir incomodado que vá embora.

Mas ele é maior que eu e corre mais rápido. Faz a curva e eu o perco de vista por um instante. Quando nos alinhamos na parte reta, ele ganha velocidade e se aproxima. Ele vai me ultrapassar outra vez, e posso sentir sua presença cada vez mais próxima, seu cheiro, e então, finalmente, seu toque.

Seu braço roça no meu, como daquela outra vez, meses atrás. As pernas fraquejam e eu tropeço. O ar escapa tremido da boca, alto, e as mãos tentam colocar o corpo novamente na posição em que estava. Levo um segundo a mais que o usual para me endireitar, talvez devido à eletricidade que risca o ar do galpão. O filho da puta me tocou de propósito.

Ele parece controlado, tenso e hostil. Suas passadas martelam o fundo metálico do navio. Nada em seu corpo indica que está relaxado, ele está rígido como as paredes à volta.

Odeio que esse seja o homem que dizia me amar, que me abraçava como se eu fosse seu mundo, que me trazia café de manhã e compartilhava o aperto da cama pequena noite após noite ao meu lado. Que se preocupava com o que eu comia e costumava me afastar do que não gostava - por exemplo, milho verde - como se entre o milho e eu existisse uma rixa, ou um caso de alergia grave.

Suspiro ao lembrar que acabou. Que ele está livre, agora.

E então ele me olha do outro lado do galpão, certamente perdido em seus próprios pensamentos, e enxergo neles algo que eu não esperava: calor. Não o olhar morno do carinho ou o fervente do desejo: seu olhar tem a ebulição dos olhos de uma ave de rapina. Garras de gavião. Eles agarram meu rosto como unhas, e eu, sua presa, não sou nada.

Tudo em mim queima a partir daí: viro uma usina e deixo de ser mulher. Não é possível que sinta seu olhar correndo minhas costas, minha bunda, minhas coxas, mas ele está lá: eu *sinto* a chama de seus olhos me lamberem por trás. Arrisco olhá-lo atrás de mim, trêmula, e o vejo subir os olhos. *Como ele ousa?* Ele estava olhando para minhas curvas sim, mas de maneira brutalmente séria. Como quem olha para algo que tem vontade de atropelar.

É uma questão de segurança sair dali, mas a possibilidade de um ataque me atia. Quero dar meia volta e esbarrar nele, senti-lo se chocar contra mim, quero arranhá-lo e depois beijá-lo no mesmo lugar, mas tenho medo da rejeição. *Não terminamos ontem? Por que me parece tão excitante a ideia de ser atacada?* Fios de suor escorrem por sua têmpora e também pela minha. Seu peito está encharcado e lustroso, e eu estou inteiramente molhada. Posso sentir seu calor daqui, o corpo quente como brasa colando no meu. Mas não viro, só sinto seu ombro roçar no meu, de leve, e seu cheiro masculino penetrar novamente e minhas narinas.

Olho para baixo quando ele passa: o inchaço na frente de seu short seria visível até na lua. O volume do short atia meus sentidos. Sinto tanta irritação por ele que mal ouço a razão: quero provocá-lo. Eu devia partir dali, mas quero ficar, e consumir toda a loucura que ele me causa. Sei que a raiva é mútua porque ele nunca me olhou daquele jeito antes.

Ele abre espaço entre nós. Seco o pescoço com a barra da camiseta, erguendo-a até a linha dos seios. Ele me procura atrás de si, então me localiza

mas finge não me ver. Mas vê. Continua a correr enquanto me seco. Olho para seu tesão, visível sob o short; ele olha o meu, visível sob o top.

Volto a correr atrás dele, as passadas ritmadas com as suas até que nos aproximamos do caminhão anfíbio. Ele desacelera um pouco, como se precisasse se acalmar antes da curva, mas sem aviso Eric estanca no lugar. Sem conseguir frear, colido contra seu corpo.

Seu suor cola no rosto e minha barriga bate contra a sua.

Ergo o rosto, fula da vida.

— Ficou maluco? — grito, e mais rápido que um raio seu braço me envolve. O susto é grande e as pernas, insuficientemente fortes para me segurar. Espalmo as mãos em seu peito sentindo a pele empapada; tento gritar, mas uma mão poderosa tapa minha boca.

— Shhh — ele faz perto do meu ouvido. Meu coração parece querer sair pela boca. Uma tremedeira incontrollável me toma inteira.

— Me solta — falo com a voz abafada pela sua mão. O corpo amolece ao dar de cara com seus olhos limpos, mas ele aperta mais a boca, quase rude. Minhas coxas colam às dele e finco as unhas em sua carne: cinco garras em um bíceps, cinco no outro. Seu coração bate em galope enquanto a mão que me cala hesita. Afrouxa, mas não me larga. Então sua outra mão me toca; tensa a princípio, firme em seguida, seguindo a linha lateral de meu corpo, do meio das costas até a bunda. Com um puxão, ele me aperta contra si.

Ele está tão próximo que se sua mão não estivesse entre nossas bocas, eu o beijaria.

O peito dele sobe e desce como se faltasse ar. Ele pondera o que fez e o que faz. O ataque foi espontâneo, impensado, não premeditado. Um reflexo que eu reconheço e aceito agora mole e entregue. A reação é uma surpresa pra mim, assim como sua *raiva*. Mas ela está lá, endurecendo seu corpo e movendo suas pernas - primeiro uma, depois a outra - até me levar para o canto mais escuro do porão. Ele quer um ajuste privado de contas.

— Eric...

— Quieta.

O corpo começa a formigar. O *Outro Eric* está ali; talvez um outro *Outro Eric*, porque não reconheço esse homem. O Eric das noites quentes está de volta, com o *plus* da raiva. Esse Eric está fazendo coisas inéditas.

Algo esquenta minhas vísceras. Latejo, em meu íntimo, sentindo sua falta. Roço a barriga na dele, encostando o corpo de leve em seu membro enquanto nos movemos. Sei que acha isso excitante, que está com raiva, que

quer me punir por estar aqui, que está bravo com o término, mas sei também que a mistura disso tudo o incinera.

Comigo colada ao corpo, ele me puxa para trás do caminhão.

Não sei como acontece, sei que ele me ergue no ar e estou após poucos movimentos na carroceria do veículo, deitada sobre lonas empoeiradas. Ele sobe e cai de joelhos em cima de mim – um joelho em cada lado do corpo, o peito subindo e descendo como se o ar no oceano fosse rarefeito. Seu cheiro de suor é inebriante e erótico; os braços, só músculos, fazem um jogo de cores claras e escuras. Um calor enlouquecedor toma meus membros, invade a carroceria e nos incendeia. *Isso não pode estar acontecendo, isso é loucura.*

— Eric, o que nós...

Ele desce o corpo sobre o meu, mãos ao lado da minha cabeça. Sua boca está a centímetros da minha, e pingos de suor caem de sua testa sobre meu cabelo. A primeira coisa que sinto é sua mão. Ele espalma minha barriga, sua mão fervendo ao contato com a minha e a desce: primeiro sobre o ventre, então pela barriga, até meus seios e por fim meu pescoço. Seus dedos somem sob a nuca, embrenhando-se no meu cabelo enquanto força a ereção contra a minha virilha. Procuro sua boca para um beijo ressentido, mas ele não quer me beijar.

Ele puxa meu cabelo forçando minhas costas a arquearem-se. Comigo nessa posição, ergue o top com o indicador e meus seios saltam para fora do tecido. Seus olhos tem um brilho estranho de fome e desejo incontrollável. Tenho medo do que pode fazer comigo, mas quero que faça.

Atento à minha reação, desce a boca e percorre com a língua todo o caminho do pescoço até o seio esquerdo. Os lábios se fecham em torno do mamilo, deslizando a língua em seu entorno e chupando-o de leve. Meu Deus, é tão bom. Estou explodindo, úmida e inquieta, porque está bom e porque sei que não vai parar por aí. Tento tocá-lo, ele não deixa, e como punição ele morde o bico.

— Ai — solto um grito.

Agarro seu cabelo me debatendo sob ele, mas ele retoma a chupada deliciosa que alivia a dor e eu o largo aos poucos. Estou alerta, atenta, na expectativa de outra onda dolorida, desconfiada que a delícia da sensação de agora é só um prenúncio do que vem.

Aperto as pernas contra seu corpo, tentando abaixar sua bermuda com a fricção. A pele úmida da barriga dele está colada à minha. Ele solta um mamilo observando sua textura, alheio a minha tremedeira e olha para o

outro. É como se um fio elétrico ligasse a pele sensível do bico até o meio de minhas pernas: assim que ele mordisca o outro até franzi-lo, travo as mãos no aguardo da dor. Mas ela não vem através de mordida, mas de uma chupada intensa, que deixa o bico moldado ao seu céu da boca e deixará marcas amanhã. Fecho os olhos sentindo sensações deliciosas se espalharem entre minhas coxas, misturando-se a uma agonia sem nome. Mas embora o tesão seja surreal, o medo parece estar na beirada da sensação. Aguardo a dor cortante, a mordida na parte mais sensível, mas ela não vem. Estou completamente louca, pronta, desejando que ele me tome agora, já, mas ele não tem a menor pressa.

Ele larga meu peito e antes que consiga tirar sua bermuda, ele abaixa minha calça juntamente com a calcinha. Fico nua e à sua disposição, às vistas de qualquer um que tenha curiosidade de saber o que são os gemidos que saem do caminhão. Por sorte não há ninguém ali embaixo. Só eu e ele. *Eu e meus outros Erics.*

Ele abre minhas pernas com os joelhos, olhos firmes nas junção das coxas. Sem aviso ou preâmbulo, dá um passo para trás. Desce até sumir entre minhas pernas, abocanhando a carne inchada, sorvendo tudo sem pressa. Solto um gemido comprido e espontâneo, mas sou punida com um apertão nas coxas. Eric enterra a língua em minhas entranhas e me suga de um jeito profundo e molhado, um beijo dado no lado errado, uma *delicatessen* saboreada à exaustão.

O prazer se intensifica, acumula, fica intenso demais. Não sei o que ele faz ali embaixo que oscila entre prazer e dor. Passo a lutar para me livrar da agonia. Mexo as pernas, tento fazê-lo sair mas ele me mantém firme. Não diz uma palavra, não fala, sequer me olha. Eric está me provocando porque terminei com ele ontem, mas sabe que não resisto a ele. *E eu não resisto mesmo.*

Esperneio até que ele não consiga me segurar mais. Me livro dele, de suas mãos-garras e empurro-o para o outro canto da carroceria. Ele cai sentado, arfando, os olhos correndo pela minha pele. Sento em cima dele. Ele se livra do short e me sento sobre ele, rebolando até que se encaixe em mim. Tento deslizar sobre ele, fazer com que me preencha mas ele não deixa. Tento beijá-lo, tento segurar seu rosto entre as mãos, mas ele não me beija. Com as mãos ele me move de um jeito que sempre tenho a sensação de que vai entrar em mim, que vou senti-lo deslizar eternamente até o fundo, mas ele não *quer*.

Que brincadeira sem graça é essa, Eric?

Subo e desço, desejando aquilo mais que tudo no mundo, em algum momento se torna uma queda de braços. Roço o mamilo em seus lábios para que me deixe senti-lo, respiro perto do seu rosto, ele sabe que gemo baixinho de vontade – eu sei que ele está morrendo de vontade também – mas ele não cede.

Ele cansa de me impedir. Inverte as posições; espalma minhas costas e com um impulso estou novamente deitada sobre a lona, ele sobre mim, seu pau forçando a entrada sem no entanto, entrar. Movo o corpo, sinuosa, sentindo uma falta louca de ouvi-lo sussurrar *minha garotinha*. Sinto falta do *Outro Eric* – o da pegada bruta, que não sabe medir direito a força, mas que me ama enquanto trepa. *Que trepa, pelo menos*. Não faço ideia de quem seja esse Eric.

Este Eric se recusa a transar comigo. Quero lutar contra ele porque estou com raiva, com tesão, porque sei que durante o sexo posso derreter em seus braços e então as coisas ficariam bem. Mas esse filho da mãe está me provocando e não vai entregar o que prometeu quando me jogou aqui dentro.

Ele quer morder meu pescoço, não deixo; mordo seu braço ao lado do rosto e ele tira rápido a mão, olhando a marca que deixei. Com fúria nos olhos sai de cima de mim e quem está agora puta sou eu: ele me vira como se fosse uma boneca de pano e me cola com a barriga para baixo, cara na lona, mão sobre minha cabeça pra não deixar eu me mover. Sinto a poeira entrar na boca, sinto sua mão pressionar minha barriga contra o tecido grosso quando tento espernear.

— Eric, seu filho da puta — digo, rouca, na insanidade do momento.

Ele cospe na mão e leva os dedos até o outro orifício. Arregalo os olhos. Faço que não, mas sua mão já percorre a fenda entre as nádegas. Tudo em mim acorda. Estou ligada em uma corrente elétrica quando ele enfia a ponta do dedo ali. Faço que não, não, não, sentindo tudo dentro de mim ser inundado por calor. Ele deita sobre mim, aquele corpo maciço e pesado me prendendo mais ainda ao chão. Seu outro dedo insinua-se onde o primeiro me massageia com maestria. Fecho os olhos, com medo e ao mesmo excitada pela massagem erótica que ele faz ali, com medo do que pode vir, da dor, da loucura que seria. Me sinto pequena e usada. Excitada, idiota por estar tão entregue. Ele move dois dedos, alargando a pele; as sensações, depois que a tensão se dissipa, são as mais intensas. Um tipo diferente de prazer se aproxima, e quase quero que ele me invada ali, mas ele não ultrapassa a linha que nunca chegamos a cruzar.

Ele troca de mão. Não gosto que me sinta tão presa enquanto seus outros dedos afastam minhas pernas e me penetram sem dificuldade, entrando e saindo, entrando e saindo, até que algo se acumula e aumenta, cresce e se expande, e quando estou prestes a explodir em milhões de pedaços...

Ele para tudo.

Simplesmente se afasta e coloca o short.

Sento sobre os calcanhares, sem entender. Ele vai *embora*? Como assim? Mas antes que me vire para perguntar o que foi que aconteceu – ou consiga socá-lo, arranhá-lo ou agarrá-lo de novo – ele salta do caminhão. Simplesmente deixa o veículo e se vai. Visto a roupa e deixo a carroceria, ajeitando o cabelo desgrehado e capengando dolorida entre as pernas. Eu me sinto uma imbecil, toda suja e confusa.

Eric já está no alto da escada, pronto para sair do jeito que entrou: como se eu não passasse de uma tripulante se exercitando no porão.

— Stella — acena brevemente com a cabeça antes de abrir a porta.

— Capitão — respondo atordoada.

Não faço a mínima ideia do que aconteceu. Sigo-o, mancando de leve e definitivamente frustrada, repetindo entre bufadas: *cretino, cretino, cretino!!*

Ele já está longe quando o vejo outra vez, e vira no corredor seguinte sumindo das vistas. Aquilo foi a coisa mais absurda que já fiz. Aquilo foi a coisa mais cretina que *ele* já fez.

Mal vejo a hora de fazer tudo outra vez.

CONCHA

ERIC



Sérgio coloca o café em silêncio na mesa à frente. Como não me movo, ele junta as cartas, o diário de bordo e empilha-os no canto. Dá bom dia para o oficial que monitora os radares e senta em sua mesa. Posso sentir seu olhar em cima de mim. Por três vezes limpa a garganta e acho que vai perguntar alguma coisa, mas ele não diz nada. Com o outro oficial ali dentro, ele guarda a pergunta que quer me fazer para outro momento.

Não mexo no café.

Os olhos estão no horizonte, na linha tênue que separa o mar cada vez mais azul e o dia alaranjado que raia sem pressa. Nuvens são poucas, e tingem-se da cor de nectarinas. A água parece um grande lago translúcido – um espelho do céu do início do dia.

Inspiro, pouco comovido com a beleza da hora. Pego o café ao mesmo tempo em que penso no encontro de há pouco. *Que porra aconteceu ali?* Foi indescritível, foi insano, foi impensado, e não me lembro de algum dia ter agido assim. Não sei o que me fez perder a cabeça – acho que ela – e nem

posso pensar muito nos detalhes sob o risco da calça virar uma barraca armada.

Então seu rosto assustado e corado vem à mente. O fogo que consumiu os dois, e minha estranha ideia de não dar a ela o que ela queria. *Sua turrona, é assim que você quer agir? Sei agir assim também.*

Esfrego as mãos no rosto. Eu poderia deitá-la sobre minhas pernas e bater em sua bunda, e ao simples pensamento minha calça estufa. Cruzo as pernas e bebo finalmente o café – por sorte ninguém está interessado na minha virilha por ali.

— Está tudo bem, Capitão? — ouço atrás de mim. Sérgio gira um lápis entre os dedos, me olhando como se não tivesse tentando descobrir nada. Se eu fingir tão mal quanto ele, sei que minhas ações da madrugada estão escritas em minha testa em três línguas diferentes.

— Tudo.

— Você e Stella se acertaram? — ele abaixa o tom.

Meu rosto endurece.

— Não.

O oficial que checa as planilhas ao lado sobe os olhos, mas ao ver minha expressão, volta ao trabalho como se tivesse nascido surdo.

Sérgio se aproxima.

— Vocês terminaram mesmo?

Bebo um gole da bebida quente, olhando para a borda do copo.

— Ela terminou comigo.

— Por causa de Francesca?

— Não sei. Sim, e não. Porra, como vou saber?

Céus, como odeio com todas as forças falar sobre isso.

— Ela é a sua ex esposa. E está aqui.

Olho para ele: *conte-me algo que eu não sei!*

Sérgio se levanta e olha para o oficial.

— Tenente Milton, poderia nos dar licença? — Sérgio aponta para a porta e o oficial desaparece em matéria de segundos. Sérgio fecha a porta atrás do rapaz e anda até onde estou. Senta-se na mesa, de frente para o meu posto e pergunta com imensa calma:

— Por que ela terminaria com você?

Meu cérebro ferve entre as orelhas.

— Por que terminamos com as pessoas, Sérgio? Por que terminei com Francesca anos atrás? Por que você terminou com aquela sua ex esquisita?

— Calma, Eric, isso aqui — ele aponta para si, então para mim — isso se chama conversar. Eu pergunto, você responde, você pergunta, eu respondo. Você não está sob ataque. Relaxa.

Passo as mãos pelo cabelo, detestando que ele coloque mais uma vez a culpa da péssima comunicação de nosso relacionamento sobre mim. O que ele espera que eu responda? Que terminamos porque não me comuniquei direito, que deixei de explicar as coisas, que a culpa foi minha por ter sido casado, e por minha ex ter sido escolhida para filmar à ilha? Mas EU SEI que foi porque Stella é insensata e infantil, ciumenta e age de maneira irracional grande parte das vezes. E porque não gosta de mim como eu gosto dela.

Miro o mar com raiva, sem responder. Ele que adivinhe por que terminamos. As coisas não são tão simples como ele pensa que são.

— Você não contou a ela que viria, não foi?

Não tenho coragem de olhá-lo. Odeio que ele tenha acertado de primeira.

— Eu achei que não viria! — digo em minha defesa.

— Você deixou que ela descobrisse sobre essa missão pela *revista*?!

— Qual é a sua? Vocês se falam escondido de mim? — falo levando o café à boca.

— Eric, você realmente precisa trabalhar na sua comunicação.

— Diga-me algo que eu *não sei*.

— Vocês vão se resolver. Mas puta que pariu, tente não errar mais. Tente entender seu lado. E tratá-la bem. Onde já se viu, não falar com ela da viagem?

A dor de cabeça volta a pulsar no meio da testa. *Tratá-la bem? Acabei de atacá-la no porão.* Arrasto os dedos na cabeça. Isso é loucura, não pode acontecer outra vez.

— Capitão?

E esse Norueguês, que tipo de comida servem àquelas pessoas pra serem tão imensas? Stella está louca se acha que vai passar a noite na praia na companhia daquele povo. Preciso criar um turno na noite, algo que faça que...

— Capitão?

Quanto a Francesca, preciso mantê-la longe, Não posso criar um drama onde...

— Eric!

Sintonizo novamente à voz de Sérgio. Ele aguarda que eu responda alguma coisa.

— Também Foi pela revista que ela descobriu sobre Francesca, não foi?

— Sim, Sérgio. Ela descobriu pela revista.

Claro que tem razão em terminar comigo, é o que sua cara diz.

— Stella não fez por mal. Está aqui por ciúmes, capitão.

— Você está enganado a respeito disso. Ela está aqui porque não confia em mim. Porque é tihosa e competitiva.

— Mostre que pode confiar em você.

— Para quê? Por que devo querer que confie em mim, se acabou?

Sérgio não entende como posso falar aquilo, mas o anel na minha mala sabe por que falo aquilo.

— Stella parou aqui porque entrou em uma queda de braços comigo. Não está aqui por que *gosta de mim* e sim porque eu acabei vindo para Trindade, e ela não queria deixar de viajar também.

— Você não pode estar falando sério. Vocês dois são...

Aguardo que ele termine, mas ele não é assim tão melhor que eu com as palavras. Somos o que? Um casal perfeito? Um encontro de almas? Isso é baboseira. Somos um encontro químico bom. Compatíveis na cama. Somos atraídos pelo outro. Isso eu concordo que somos. *Mas só eu a amo, e o sentimento não é recíproco.* Ele não precisa terminar a frase, eu entendi.

— Também achei que fôssemos.

Conto, em algum momento, sobre o pedido não feito de casamento. E como tive que ouvir, no lugar de um desejado sim, um discurso sobre a péssima ideia que casamentos são. Sobre as vulnerabilidades biológicas e financeiras de uma ideia tão *idiota*. Sobre a total falta de necessidade de se ligar para a vida a um homem. Finalmente Sérgio se cansa de tentar me convencer e fica em silêncio. Então somos só eu, a cabeça latejando e o bipe tranquilo dos sonares na sala.

— Não sabia que você estava pronto para dar esse passo importante com ela — ele murmura.

Nem eu sabia.

— Ainda bem que não cheguei a perguntar. Teria sido ...

Doloroso? Humilhante?

— Você deveria ter perguntado — ele diz. — Você só saberia a resposta se fizesse a pergunta. Aliás, se um dia quiser saber a resposta, faça a porcária da pergunta.

Penso a respeito, mas então faço que não.

— Stella não é como as outras garotas. Achei que ela poderia ter isso em

comum com outras, que gostaria de compartilhar a vida com alguém, mas estava enganado. Ela pode até ser, não sei.

Abraço o copo quente, olhando para o fundo enquanto considero a possibilidade de eu ser a pessoa errada para ela.

— Talvez eu não seja a pessoa que vai mudar sua opinião.

Sérgio não discute dessa vez. Concorde, no entanto, que estamos presos e juntos pelos próximos 19 dias, e que sob todos os prismas, a situação é catastrófica. Francesca me cercará a viagem inteira, Stella me provocará de todas as formas e eu ficarei pilhado 24 horas por dia. Prognósticos inquietantes, ambos concordamos.

Por isso decido que preciso colocar minha cabeça no lugar. Meu trabalho não me permite brincadeiras: é meu dever guiar essas pessoas em segurança até a ilha e voltar. Preciso controlar meu corpo e meus humores, ou serei um perigo não só para mim, mas para todos.

— Vai desistiria fácil assim dela? — ele pergunta e eu acordo.

Desistir? Desistir do quê? Não há futuro ao lado dela. Ela foi categórica ao afirmar que casamento é para tolos, e que jamais se casaria. Sexo é passageiro, hoje eu a excito, amanhã perco essa capacidade. Então a pergunta não é se irei desistir dela, e sim como farei para esquecê-la. Como posso proteger meu coração de quem só me vê como um bom parceiro de sexo?

O estômago revira e o aperto no peito, tão presente nos últimos dias, retorna.

— Esqueça o assunto, Sérgio.

Finalizo o café e me levanto.

— Fale com ela, capitão — ele repete seu mantra, e dessa vez nem me dou ao trabalho de mandá-lo à merda.

Não pretendo falar, porque não sei me comportar na sua presença. Hoje cedo foi a prova de que ela me enlouquece, e minha reação – imatura, para dizer o mínimo – foi negar a ela o que ela quer de mim. Não estou em pleno controle dos meus pensamentos e do meu corpo no momento, mas sei que meu trabalho importa, e que se ela acha que pode furar a hierarquia da marinha e se meter na minha missão, no meu trabalho e me roubar a razão, está enganada.

Não misturo as coisas. Trabalho é trabalho, sentimentos são mantidos à distância.

Ela não vai virar minha cabeça. Sexo não vai resolver as coisas entre nós, nem fazendo-o, nem deixando de fazê-lo. Por isso, nada de aproximações.

Ela não pode mexer comigo assim. Eu sou o capitão desse navio, e ela é apenas mais uma tripulante.

Você não vai mais abrir a guarda com ela, entendeu, Eric Saldanha? Não importa o quanto ela te irrite ou te excite.

Quando se trata de Stella, preciso seguir as leis do oceano. É o destino dos animais vulneráveis que o habitam esconderem-se em conchas e casulos. Se quiser sobreviver a esse fim – e à viagem – e trazer de volta essas pessoas em segurança, preciso estar concentrado na tarefa.

A segurança da tripulação vem em primeiro lugar. No momento me consola saber que estou protegido do oceano e que, na minha dureza, protejo meus homens.

Em silêncio, decido que me fechar em uma concha é o certo a fazer.

OU NÃO ME CHAMO STELLA MARIS

STELLA



Entro na cabine quando o céu está clareando. Me tranco no banheiro, investigando as marcas do estranho encontro com Eric no porão. Estou empoeirada e confusa, coçando em todos os lugares que encostaram na carroceria poeirenta, mas à simples lembrança do ocorrido, esqueço a coceira e começo a me abanar. *Meu Deus, o que foi aquilo?* Eu nunca tinha experimentado esse tipo de entrega: 100% corporal, não-emocional. Sem conversas, sem declarações, sem romance.

Eu fui atacada por Eric no porão!

Saltito no banheiro para perder a cara de sem-vergonha. Ruídos começam a pipocar aqui e ali, estalos, acionamentos de descargas, sons de vapores fluindo pelos canos ocultos nas paredes, e sei que em poucos segundos seremos acordados pelo alto-falante. Limpo os braços, passo uma pomada na alergia nas coceiras e troco a camiseta por uma limpa. Volto à cama sem fazer barulho, e assim que deito, um conhecido grito feminino explode no alto-falante, me fazendo encolher de gastura:

"Que tiro foi esse? Que tá um arraso ..."

Da cama ao lado da minha, Cláudia me olha com olhos arregalados. Acho que vai me perguntar onde estive, que me viu chegar, mas estou enganada.

— Que-merda-é-essa? — ela pergunta com voz de sono. Limpa os olhos e senta sobre a cama, quase batendo a testa no beliche de cima. Não foi um sonho ruim vindo das masmorras da mente? Não foi um pesadelo do qual ela achou que podia acordar? Não: ela está no navio rumo à Trindade. E sim, no mesmo quarto que a gente. Sendo acordada por clássicos da música brega brasileira.

De novo.

Olho para o teto do beliche, afastando o cabelo do rosto, atenta ao sapateado sobre nossas cabeças e ao nosso redor. Tinha me esquecido da *bateção* sobre latas matutina. A sensação é que estamos dentro de um tambor.

A cara de Rafael surge de cabeça pra baixo, cabelo caído pela gravidade e olhos sonolentos.

— Jojô Toddinho?

— Eric está regredindo — Cláudia resmunga. — Amanhã acordaremos com o quê? *Balão Mágico? Xuxa só para Baixinhos?*

Rafael deixa a cama se coçando, dolorido pelo colchão duro, e anda até o banheiro. Levanto atrás dele como se também tivesse acabado de despertar. Me espreguiço, escovo os dentes olhando para a caixa de som no canto superior do quarto, finjo sonolência. Cláudia e Rafael esfregam a pasta com o dedo nas gengivas, igualmente atentos à música, que chega ao final.

— Bom dia, Hipo! — finalmente a voz do Zero Dois chega até nós. — Aqui é Sérgio, segundo no comando desse navio! Temos hoje previsão de pancadas leves de chuva e céu encoberto. A temperatura do lado de fora é de 13 graus, e os ventos estão vindo em rajadas. Avisamos aos tripulantes que as estimativas de sobrevivência para quem cair na água é baixa, e que Hipos *não dão ré!*

Ele emenda a frase com uma risada camuflada e o *Melô do Marinheiro*, dos Paralamas do Sucesso:

*"Entrei de gaiato no navio... Entrei, entrei, entrei por engano....
entrei de gaiato no navio... entrei, entrei, entrei pelo cano..."*

O sangue injeta os olhos de Cláudia. Ela emburra a cara e volta ao banheirinho, certa de que a indireta foi para ela. Só então ela me nota.

— Por que seu cabelo está cheio de poeira?

Cuspo a pasta na pia, fazendo uma careta.

— Sei lá. Acho que não limpam os cantos do beliche.

— Hm.

Ela olha para Rafael, em seguida para o nosso beliche.

— Essa poeira deve ter te dado alergia. Seu rosto está todo corado.

Olho no espelho: se há uma cara de pós-sexo, é essa.

— Definitivamente alergia — concordo com ela.

Ela me esquece ao ver que o telefone dela, que carrega ao lado da pia, mostra treze ligações de casa.

— E aí, conseguiu falar ontem com o seu ex? — pergunto, mudando de assunto. — Ele deve estar se descabelando com as crianças.

Ontem, assim que Cláudia e Rafael voltaram da enrolação que Sérgio inventou para afastá-los da cabine, Claudia ficou de ligar para Jonas. Como estava abalada pela visita de Eric, fingi estar dormindo e acabei não perguntando sobre a conversa.

Cláudia suspira. Hesitou uma eternidade em ligar, mas enfim ligou.

— Falei que aconteceu um imprevisto. Ele entendeu.

As treze ligações dele para o telefone dela mostram que talvez não tenha entendido.

Segundo Rafael me contou mais tarde, a troca de palavras com o futuro ex, parceiro de tantos anos, foi breve e cheia de raiva. Havia tanto sentimento não dito na conversa, tanta mágoa, que seu coração chegou a apertar. Rafael ouviu Cláudia dizer a Jonas que acabou embarcada sem querer por causa de uma porta e que se ausentaria pelas próximas semanas. Ele perguntou se foi por querer, ela disse que não. Perguntou se tinha outro homem na jogada, ela o mandou à merda. Ele tentou trazer à tona o assunto da mulher com quem ela o pegou, mas ela o mandou à merda outra vez. Conversaram sobre arranjos práticos - como ele buscará o filho na festa do fim de semana, como vai buscar a menor no cursinho noturno, etc. Assim que desligaram, Cláudia foi chorar no banheiro

Hoje, uma noite mal dormida depois, ela voltou a ser o poço de mau humor de sempre.

Ouvimos três batidas na porta.

— Quem será? — Rafael pergunta.

Abro a porta e dou de cara com o sol: Storr. Cláudia deixa o azedume de lado e sorri. Atrás da porta, enfia as mãos dentro do sutiã e puxa os seios para cima – primeiro um, depois outro. *Vai que, né?*

— Café? — o norueguês pergunta, acompanhado dos amigos.

— Café — respondemos.

Subimos para a cafeteria em fila indiana – eu, Cláudia, Rafael e os cinco

noruegueses, que aproveitam nossa subida para subir também. Perdidos, não encontraram a cafeteria e nem entenderam a piada contada no alto-falante. Nisso podemos ajudá-los.

A cafeteria está cheia de oficiais. É um alívio saber que Eric não toma café com a tripulação, seu café é no centro de comando. Pelo menos não precisarei dar de cara com seu azedume. Storr, por outro lado, parece animado. Gira a cabeleira comprida a todo momento para lá e para cá, enquanto troça os amigos por estar sozinho no quarto, já que seu companheiro decidiu dormir conosco, as *ladies*.

Cláudia está hipnotizada pelo homem. Sequer dá ouvidos a Rafael, que jura com um ranço inigualável que o loiro é gay e deu em cima de seu namorado. Demoro a formar minha opinião sobre ele devida à carreta que atropelou meu coração noite passada, mas preciso admitir que o norueguês é um choque para os olhos. Claro que minha visão particular está acostumada com Eric, que não fica atrás em nada para nenhum deles, mas algo no diretor da *Friends of the Sea* é de bambear os joelhos.

Talvez sejam os olhos que parecem cravar a gente na parede, ou a cara de Viking assassino e sanguinário. Rafael quer nos puxar para a outra mesa, mas eu e Cláudia nos sentamos com eles. Eles conversam em uma mistura de norueguês e inglês, às vezes soltam alguma coisa em português ruim. O especialista em cópula das tartarugas-pente, Alexander-alguma-coisa, e eu temos muito em comum. Nossa conversa sobre sexo vai deixando aos poucos a mesa desconfortável, mas é muito bom encontrar alguém que ama o assunto tanto quanto eu. Logo viramos a piada da mesa:

"Quanto dura o sexo entre tartarugas?" "O bilau delas é flácido igual o pescoço?", e por aí vai. Mal sabem eles – e é claro que Alexander e eu explicamos – que a vida sexual das tartarugas é bem movimentada, pra lá de selvagem, e que seus "bilaus" (ou aquela palavra estranha que falaram em sua língua) não tem nada de flácidos ou pequenos.

— Stella, você já esteve em Trindade, certo? — Storr pergunta, entre as risadas. A voz do homem é a própria batida do martelo de Thor sobre a terra. Preciso parar de vê-lo como um membro do panteão nórdico, ou posso me colocar em encrencas.

— Sim, estive. Eu e Cláudia.

Storr sorri para Cláudia.

— Você é pesquisadora também?

— Sim. Sou chefe dela. — Ela aponta para mim. — E caso não saiba,

estou aqui pela *sua* ONG.

As sobranceiras truculentas do homem se erguem. A história é longa, mas vale a pena ser contada.

Nos próximos minutos contamos como paramos ali. Conto sobre como Cláudia veio para me ajudar a embarcar, e acabou trancada no banheiro com Rafael. Conto como ela agora precisa participar da viagem. Que, na verdade, seu nome já estava na pernada, porque uma certa "amiga" nossa, cujo pai calha de ser ministro, não sabe dizer não à filhinha. E que a filhinha tem raiva do capitão, que calha de ser meu namorado.

A princípio Storr não acredita na história, mas então põe-se a traduzir febrilmente tudo aos amigos. Assim que ele termina a tradução, as risadas explodem ao redor. Os ecos das gargalhadas podem ser ouvidos longe, e gente de três andares diferentes aparece na porta para ver o que está acontecendo. Cláudia não acha tanta graça em ser motivo das risadas, mas está sedada pela visão do norueguês. Só isso explicaria porque ela ainda não xingou Eric mais um pouco. Só Rafael não ri.

Com o bom humor semi restaurado no navio, solto a indireta.

— Mas e você e Tuco? — pergunto a Storr. — Trabalham juntos há muito tempo?

Rafael quer morrer ao meu lado. Torce as mãos nervosamente, quer levantar e sumir, mas a resposta de Storr faz suas mãos finalmente ficarem imóveis.

— Tuco, *yes*. Tuco é um irmão pra mim — diz pronunciando *irrrrmáo*. — Sempre pede conselhos. Acho que o namorado é meio infantil e muito ciumento, não sei.

O norueguês não faz ideia de que o namorado está ali, na sua frente, e que digere letra a letra suas palavras. Storr recosta na cadeira, o peitoral-muralha-de-Asgard estufado dentro do macacão apertado. Leva as mãos à cabeça e faz um coque sobre a cabeça, emudecendo o nosso grupo inteiro.

— Acho que me molhei — Cláudia sussurra no pé do meu ouvido.

— Eca, você está usando a *minha calcinha*!

— Quer dizer que Tuco e você... — Rafael pergunta.

Storr se inclina sobre a mesa, as mãos em punho e um sorriso divertido.

— Eu e Tuco? *No way, Jose*.

E é só então, quando a turma está rindo alto, que o menino respira feliz.

Nesse exato momento Sérgio entra no refeitório. O coração se prepara para ver Eric entrar atrás dele, mas é Francesca que o segue. Ela vem sozinha

com Sérgio e não há sinal do povo descolado que sempre a acompanha.

— E aqui é o refeitório dos oficiais e restante da tripulação — ele diz.

Ela olha ao redor. Sua boca repuxa em um sorriso desanimado quando nos vê.

— Uma simpatia. — Ouço de um dos noruegueses dizer, e sei que se referem à Francesca. As gargalhadas altas e masculinas explodem outra vez.

Cláudia e Rafael fecham imediatamente a cara quando Sérgio entra. Sabem que Eric apareceu no quarto e que não estamos bem, mas não contei que terminamos. E, claro, que entre ontem e hoje, outras coisas aconteceram. Para eles, Eric e Sérgio são agora inimigos que precisam ser evitados.

Assim que passam por nós, Francesca solta: — Acho que vou preferir almoçar hoje com o capitão. Será bom trocar algumas ideias com ele sobre a ilha, e por onde podemos começar a rodar o documentário.

Sérgio olha para mim. Sabe que ouvi a frase.

— Vamos ver se o capitão poderá recebê-la — responde. Eles se afastam e eu fecho imediatamente a cara.

Cláudia balança a cabeça, como se já esperasse a criancice de Eric.

— Tão cartilha. Almoçar com a ex para te fazer ciúmes.

Rafael rola os olhos.

— Como ser emocionalmente retardado, *nível 1*: caso Eric.

Os dois começam a rir. Acham que Eric está tentando me fazer ciúmes, mas não sabem que terminamos. E que depois nos atacamos. Mas não voltamos. Rafael tira um lenço de papel do bolso e me estende ao ver que meus olhos estão empapados de lágrimas.

— Dê um esporro nele quando o encontrar, mas não o deixe estragar sua manhã.

— Isso é ciúmes — Cláudia cochicha em minha direção. — Analfabeto emocional que é, deve ter achado que o norueguês vai querer ciscar no seu galinheiro.

— Vocês não estão entendendo — falo baixo para não chamar atenção dos noruegueses — Eu terminei com ele ontem.

Cláudia estica o ouvido em minha direção.

— Você o quê?

— Nós terminamos. Formalmente.

Rafael e Cláudia me olham. Olham para a porta, para as paredes, para o navio – acredito eu, tentando achar um jeito de fugir dali. Sim, eu terminei com meu namorado-capitão-dessa-joça em alto-mar. Isso implica várias

coisas, entre elas que, se o clima não está bom, tende a piorar.

— Ai meu Deus — Cláudia finalmente diz — Já vi esse filme antes. Você vai irritar Eric, que por sua vez vai irritar você com a ex, sua versão anterior, e nós vamos todos nos ferrar. Stella, pelo amor de Deus, tente ser profissional pela primeira vez na vida. Alguém nesse relacionamento tem que ser adulta, e só sobrou você, OK?

— O que você faria em meu lugar?

— Não sei, graças a Deus não sou você! — ela fala alto, atraindo os Noruegueses de volta à conversa.

Rafael concorda com ela.

— Stellinha, o tempo pode fechar para o seu lado. Vai entender os circuitos mal encapados que correm dentro daquela cabeça de ameba do seu ex. Eric tem histórico de se atrapalhar com as palavras, é bicho bravo e agora sabemos, está machucado. Podemos esperar só mau-humor naquela ilha.

— Não há mais motivos para mau-humor — digo decidida. — Sem relacionamento, não há com o que se preocupar. Sou livre para fazer o que quiser com minha equipe da *Friends*, e não devo satisfação alguma a ele ou a ninguém.

Storr acompanha minhas palavras sem entender a metade.

— Não é mesmo, Storr? — pergunto ao meu companheiro de futuras *carebadas*, que não parece estar entendendo nada. — As tartarugas precisam de nós, e ninguém poderá se meter nas decisões que eu tomar.

Storr concorda, a turma brinda com café e eu bebo o líquido sentindo-o mais amargo que o usual. *Eric vai se ver comigo nessa ilha, ou não me chamo Stella Maris.*

CHEGADA

STELLA



Nos aproximamos de Trindade no fim da tarde e por causa disso não a vemos crescer no horizonte, como da última vez. A sensação de se aproximar da terra, mesmo não a vendo, traz ao mesmo tempo alívio e tormento. É ali que ficaremos, e finalmente chegamos - esse é o lado bom.

Mas é ali que terei que dar de cara com Eric, todos os dias, sem entender direito o que está acontecendo entre a gente. Essa é a parte ruim.

Foram momentos estranhos, os que se seguiram à noite do caminhão. Eric cruzou comigo duas vezes, e nas duas me ignorou. Como sou bem menor que ele, a impressão é que ele só enxerga o que está acima da linha do metro e setenta, e isso me exclui. Mas não exclui Francesca.

Alheio à minha presença ele não está, disso eu sei. Ele está incomodado e parece ter um porco espinho dentro da roupa. Anda pelo convés como um general marchando para a guerra, pisoteia os corredores metralhando ordens e só solta monossílabos com as pessoas com quem conversa. No terceiro dia já foi eleito o babaca da viagem, e a equipe de filmagem se questiona se a

Marinha quer ter uma cara *assim*.

Preciso aceitar que será assim de agora em diante: ele me ignorando, eu ficando louca por ser ignorada. Também tenho que aceitar que ele está com raiva e eu também. Que os próximos dias serão de hostilidade, raiva e afirmação de poder.

Se eu tiver sorte, um ou outro sexo incidental.

Mas infelizmente ele não apareceu nenhuma outra vez no porão.

Eric

O desembarque é a pior parte da operação. O mar revolto que circunda a ilha impede que o navio se aproxime da costa, e a travessia, feita de helicóptero e barcos infláveis, já custou vidas. A tensão é tanta que poucos conversam durante a hora. Embora a ilha resplandeça em tons de dourado, marrom e ocre no horizonte – como um iceberg colorido e árido saltado em meio ao oceano – sobra pouco tempo para o deslumbre. No convés acumulam-se cada vez mais civis e esse é sempre um momento caótico devido à excitação da chegada.

Não procuro Stella entre as cabeças, estou em modo automático. O coração perde uma batida à simples menção do seu nome, mas quando lembro que ela *está ali*, volto a ficar putó. *Teimosa, turrona, infantil*. É uma droga que esteja no meu local de trabalho, e que sua presença me tire do eixo. Um capitão não pode perder o rumo; o norte é tudo que alguém na minha posição *não pode* perder.

Minha vontade é colocá-la sobre a coxa e dar umas palmadas na sua bunda. A ideia faz surgir uma imagem, e a imagem me agrada. Faço uma anotação mental para não deixar a ideia sumir; criarei uma chance disso acontecer quando estivermos todos seguros em terra.

Volto ao convés sob um ruído ensurdecedor. As pás da hélice começam a girar enchendo o ar com o cheiro de gasolina e remexendo cabelos e mochilas. Meus oficiais vão encaminhando os primeiros civis até o helicóptero, e o piloto me chama para fazer as perguntas sobre direção de vento, tempo estimado de permanência no heliporto, ângulo do navio para o retorno. Sérgio avisa pelo rádio as informações que preciso e passo a

informação para o piloto. Está ventando mais que de costume naquela manhã gelada. Eu deveria estar no centro de controle, mas nunca deixo de inspecionar os preparativos para o desembarque.

Os noruegueses ainda não estão no alinhamento. Inspiro fundo o ar tomado pelo cheiro de combustível e viro para o outro lado. No helicóptero sobe o *cameraman* e o assistente de Francesca. Francesca aparece no último minuto do esconderijo onde tentava evitar as rajadas de vento, mas não adiantou muito ter se escondido para proteger o cabelo: assim que se aproxima do helicóptero, o vento lança suas mechas para o alto.

Ela começa a girar, tentando segurar o cabelo e o lenço que amarrou ao redor do pescoço. Dou dois passos até ela. Preciso intervir antes que ela, no desespero de manter o cabelo na vertical, acabe caindo pelo alambrado e vire a estatística que estou tentando evitar.

Ela pouisa as duas mãos sobre os meus braços e sorri, lânguida: — Obrigada, Eric.

Ajudo-a a subir no helicóptero e mando-a afivelar o cinto. Que ela ainda insista em querer parecer mais íntima do que é me aborrece, mas logo esqueço aquilo. Observo os três lutarem contra o vento como se o vento pudesse matá-los simplesmente por *ser vento*. Pela careta de desagrado, eles não conseguem sequer reconhecer a beleza do mar aberto, a ilha a distância, a aura exótica do lugar. Eles deveriam estar filmando, encantando-se pela ilha. Francesca não tem o menor interesse nela.

Abaixado devido às hélices que aceleram em velocidade cada vez mais veloz, dou três passos para trás e me junto a turma que aguarda a vez. É então que dou de cara com *ela*. Ela está saindo por uma porta, escoltada pelo norueguês, e ao vê-los algo se remexe nas entranhas. Ela vira o rosto e me ignora. Faço o mesmo, mas por dentro sou um incêndio descontrolado.

Ela ajuda os homens com os equipamentos. A maioria deles ri de alguma situação que Rafael conta, mas ela continua a olhar para algum lugar perdido no oceano. Acho que olha para os picos pontudos e estéreis que recortam o horizonte azul, e se pergunta se um dia achou que retornaria à ilha.

Não tenho tempo de me perder nela. O primeiro bote está para descer ao mar e precisa atingir a estreita faixa de areia na praia. O problema? O mar não está nada calmo, e a costa incrustada de pedras.

Os mais experientes já estão na ilha, amarrados a fios de aço, aguardando os que aos poucos descem até o bote. Até que cheguem sãos e salvos na areia, minha respiração fica retida no corpo. Já soube de homens que, na década de

70, caíram no mar e nunca mais foram vistos. Isso não vai acontecer com ninguém sob meu comando.

Verifico cada uma das boias, cada um dos remos, proteções, fios, cabos, equipamentos de segurança suplentes. Com o primeiro bote ao mar, pego o binóculo pendurado no pescoço e aponto para eles. A essas alturas o helicóptero retorna para seu segundo *round*.

O bote sacoleja até a costa. Mãos fortes tentam firmá-lo, mas um dos homens cai no mar. A respiração de todos fica suspensa até que ele é puxado para a terra, e os outros desembarcam em segurança. O navio, sob comando de Sérgio, tenta manter-se firme na posição para receber o helicóptero que retorna. Hora do segundo carregamento humano.

Após três ou quatro viagens chega a hora de Stella e sua equipe embarcarem. Até o dia anterior as tentativas de não pensar nela tinham funcionado, mas na noite passada, com tudo preparado para o desembarque, precisei ficar na companhia dos próprios pensamentos e senti sua falta como louco. Sua imagem caiu sobre mim como aquele homem caiu no mar: sem cabos de aço ou mãos que a aparassem. Achei que fosse enlouquecer. Que fosse bater na sua porta. Fechei-me ainda mais, escondi ainda mais fundo meus sentimentos por ela. A capacidade de lidar com eles foi destruída anos atrás, quando minha irmã tirou sua própria vida. Da desgraça ficou uma lição: *sentir mata*.

Stella sempre foi um mundo novo, uma caminhada por um campo minado. Tive medo de explodir, me afogar, sucumbir, me perder, me machucar. Medo de um dia sorrir e não vê-la sorrir de volta. Medo de não saber ser suficientemente bom pra ela. Por fim, medo de não tê-la ao lado para o resto da vida. Não adianta dizer a mim mesmo que é assim que se vive, sem certezas, que *amar é isso*. Cada passo que dava ao seu lado era uma prova de que eu estava tentando. Mas o medo tira muita coisa da gente.

Vejo de relance que ela sobe no helicóptero e que se senta na borda externa. Quando percebo meus pés estão se movendo em sua direção. É mais forte que eu.

Ela toma um susto quando me aproximo. Cláudia e Rafael me encaram com os olhos arregalados, raivosos, com se achassem que eu fosse arrancá-la deles à força. Mas não é nada disso. Stella se assusta quando firmo a mão ao lado de sua coxa e me asseguro que o cinto está mesmo fechado.

Tão logo vejo com os próprios olhos que ela está firme e segura, me afasto. Ela me olha dar os passos para trás, sem dizer nada. Minha raiva está

intacta, mas assim também está o meu amor. *Você é a minha garotinha ruiva,*
falo com os olhos, e ela sabe.

PRIMEIRA NOITE NA ILHA
STELLA



Reconhecemos a confusão do desembarque com certa nostalgia. Oficiais cruzam as estreitas passarelas de cimento carregando malas e material; outros são responsáveis por descarregar os objetos maiores. Nós, civis, precisamos aguardar até que nos indiquem em que lugar ficaremos e qual será nossa casa. O sol está a pino, mas o vento sopra forte chacoalhando as ondas e amenizando o calor. Os noruegueses observam a tudo fascinados, esticando suas câmeras para todos os lados para registrar o momento. Aposto que estão loucos para cair na água. Coitados.

— Estou achando Eric muito estranho — Claudia diz, olhando-o por cima do óculos.

Finjo desinteresse.

— Ah é? Por quê?

— Mal chegou e já está gritando para um lado e para o outro, olha lá. Olha a cor do rosto dele.

Olho para Eric e, realmente, ele está da cor de salame. Fala no rádio com alguém sobre alguma coisa que *certamente* deu errado e indica sem paciência aos oficiais que param na sua frente para que direção vão as coisas. Faz isso com cara de puto até que um sargento baixinho para na sua frente. Com um

palito de dentes caindo pelo canto da boca, ele aponta para nós.

— O que faço com eles? — pergunta.

Eric é finalmente forçado a nos olhar, parados em uma bifurcação da passarela. Ele afasta o rádio da boca e estreita as sobrancelhas. A sensação é que somos o estorvo do mundo, que sem a gente ali, tudo estaria fluindo perfeitamente.

Cláudia fecha a cara.

— Babaca. Aposto que vai mandar a gente pro pior dormitório da ilha.

— Ele consegue ler seus lábios daqui — aviso.

— Ah é? Peraí.

Ela se vira para ele e diz, com todas as letras: — Você não tinha nada que me trazer para o meio do Atlântico, seu *psico*.

Eric a ignora como me ignora: com competência. Fala alguma coisa para o sargento e nos dá as costas, caminhando para a parte oposta da ilha. O sargento volta balançando o palitinho entre os dedos, assoviando.

— O capitão mandou separar vocês.

Cláudia olha para mim, possuída por alguma entidade azeda.

— Vou lá dar na cara dele se ele me separar de vocês!

— Os gringos vêm comigo, vocês três ficam aqui — o oficial diz para nós.

Ah, ok, Eric nos separou *dos noruegueses*. Tampo as vistas por causa do sol e procuro-o ao longe. Meu Capitão continua a gesticular para o rádio, desatento e desinteressado por mim.

Mofamos por mais um tempo ao lado de nossas malas à espera do retorno do oficial. Ele demora para ir e o triplo para voltar. Precisamos tampar as vistas para enxergá-lo ao longe, colocando os noruegueses tão distantes do POIT*, tão isolados de todos, que quase precisamos de um binóculo para enxergá-los.

Claudia balança a cabeça de um lado para o outro.

— Coitados desses gringos.

— Leva praticamente uma vida para chegar lá — Rafael concorda.

Minha irritação com Eric volta a subir. Que vergonha, que vexame. Com tantas casas vazias na vila, porque colocar os cinco – juntos! – no local mais ermo do posto. Ali, à noite, brotam caranguejos de todas as fendas!

Eu me inflamo.

— Vou reclamar com ele! Onde já se viu?

— Sim, vá. — Claudia me incentiva. — Eric está perdendo as estribeiras

e a noção de bom senso. Não que tenha muito dos dois.

— Vocês estão imaginando onde vamos ficar? — Rafael diz meio apavorado — Pelo que estou vendo, Francesca e a trupe ficarão na casa ao lado da sala de computadores.

— Sortudos miseráveis — Claudia resmunga.

Minhas narinas já estão alargadas. Falta pouco para eu quebrar o protocolo e ir lá reclamar com Eric. Mas o sargento volta naquela calma irritante e nos chama com o dedo.

— Precisava colocar os meninos tão longe? — Aponto para onde o mundo faz a curva.

— Ordens do capitão. Ele falou que se ficassem insatisfeitos, deveriam reclamar com ele.

— Ah, é? E você avisou isso aos noruegueses?

O homem tira o palito da boca.

— An-han.

— Em português?

— Sim senhora.

Cláudia rola os olhos e vamos arrastando nosso equipamento até o centro da vila, onde as casas ficam mais próximas. Passamos pela primeira, nada. Pela segunda: nada. Pela terceira: nada ainda. Vejo Francesca colocar seu equipamento na casinha mais nobre da ilha, ao lado da sala de computadores e do refeitório. Continuamos andando em direção ao lado mais oposto dos noruegueses.

Mais adiante está a casa do Capitão. Para minha surpresa, o sargento para do lado de uma casinha praticamente colada à de Eric. É para essa casinha que ele aponta o queixo.

— O quê? — Cláudia olha para ele e em seguida para o casebre branco.

— Você vai colocar a gente do lado do cara mais emburrado do planeta? Stella! — Ela se vira pra mim. — A gente não vai poder fazer nada! Não vai poder ouvir um radinho, tomar banho demorado, sair à noite sem ser vigiado, *nada!*

Até eu estou furiosa, e tenho meus motivos. Esta é a casa mais evitada da ilha, por todos os bons motivos: Eric em Trindade é o maior chato da galáxia. Estou indignada. E excitada. Estou as duas coisas ao mesmo tempo, o que deixam minhas bochechas vermelhas e muito quentes.

— Sargento... ?

— Andrade.

— Sargento Andrade, veja bem. — Eu me aproximo, cheia de tato. — Não poderíamos ficar um pouquinho mais distante, como por exemplo naquela casinha ali na frente?

Aponto para a primeira casa que vejo, à distância. É estranho pedir algo assim, mas com essa proximidade não poderei conversar com meus companheiros de quarto sem ter Eric ouvindo o que digo. Essa é a casa mais evitada de todas as pernadas *justamente por isso*.

— Reclama com o capitão. — Ele volta a colocar o palito na boca.

— Não quero reclamar com ele, quero evitar isso. Aquela casa ali embaixo não está vazia? Não podemos nos mudar pra lá?

— Infelizmente não. É aqui que vocês vão ficar.

E o homem vai embora mastigando seu palito.

— Isso vai dar merda. — Rafael cruza os braços na frente do peito franzino. — Estamos do lado do fiscalizador da alegria alheia. Ele vai bater aqui na primeira gargalhada que a gente der.

— Eric quer controlar seus passos — Cláudia avisa.

Aquieto os dois.

— Calma, nós vamos resolver isso. Hoje à noite, quando tudo amansar, falo com ele.

— Sei não, hein — Rafael comenta — Você perdeu seu "poder" sobre ele. Aliás, se você reclamar, é capaz dele nos colocar lá na gruta!

Coro imediatamente à palavra gruta. Eles parecem não se lembrar da tórrida noite de amor passada lá em cima, enquanto os dois morriam de preocupação aqui embaixo.

— Ele vai punir a gente por três semanas inteirinhas — Cláudia diz para Rafael. — Essa viagem vai ser um martírio!

Enquanto os dois investigam a casinha, fico na varanda e observo os noruegueses à distância. Eric não foi correto com eles. Para me atazanar ele os colocou no pior lado da ilha. Eles mal conseguirão sair de lá à noite com todos aqueles caranguejos circulando para lá e para cá. É capaz de amassarem um sob os pés e irem presos, já que os bichos são protegidos.

Vejo Eric passar adiante acompanhado de Sérgio. O estômago solta fagulhas de nervoso ao ver sua figura longilínea e concentrada no trabalho. Cláudia também os vê, e anda até a varanda.

— Ali, Stella! Chama o babaca! Reclame logo pra gente nem tirar as coisas da mala.

Num impulso, grito seu nome.

— Eric!

É tão natural dizer seu nome, tão fácil chamá-lo que nem penso no que estou fazendo. Mas então lembro que ele não pode ser chamado assim por civis, não ao menos à vista de todos.

Ele me ignora. Sei que me ouviu porque me olhou com o canto dos olhos, mas não para ou desacelera. Murmura algo para Sérgio do seu lado direito e Sérgio desvia do caminho, caminhando em nossa direção. Vejo com o coração pesado Eric continuar a andar. Ele sequer olha para trás.

Sérgio se aproxima com a cara mais amarrada do mundo.

— Pois não.

— O mau humor do seu chefe virou tendência, foi? — Cláudia diz, olhando em seguida para mim. — Eric está terceirizando sua marca registrada. Abrindo filiais por onde anda.

— Posso ajudar, Stella? — Sérgio a ignora.

— Por que estamos exatamente aqui? — Exijo saber, olhando para o meu ex namorado à distância com um carço na garganta. — E porque Eric não pode me responder como um ser humano normal?

— Qualquer coisa que precise pode falar comigo.

— Deixe de bobagem. — Faço uma careta para ele. — Eric podia ter vindo aqui. Por que não respondeu?

— Porque é um bronco! — Cláudia grita lá de dentro.

— Ela pode ir presa por causa dessas coisas? — Rafael aponta o polegar para Cláudia.

— Se Eric estiver de mal humor no dia, sim — Sérgio responde.

— Mas isso é todo dia! — O menino bate as mãos nas pernas, desanimado.

— Onde é essa prisão? — Cláudia pergunta lá de dentro. — Se for longe da casa de Eric, tô dentro.

Dou uma rápida revirada de olhos e continuo a conversa.

— Ele é proibido de falar comigo? Não estou entendendo por que me ignora quando o chamo.

— Estou aqui para isso.

— Ah, vocês *não são* vocês quando estão trabalhando, lembrei — ironizo, desistindo de saber por que Eric não responde. — Pois bem, se é você a pessoa que pode me ajudar, então ajude-me: queremos mudar de casa.

— Essa é uma boa casa. — Ele investiga o casebre. Posso jurar que há um vestígio de diversão em sua voz.

— Por que você não fica aqui? — Cláudia grita outra vez da casa.

— Estamos perto demais do mau humor de Eric — falo calmamente para ele.

— Isso responde por que *eu não estou aqui* — ele fala baixo para que só eu o ouça. Em seguida aumenta o tom: — Ele quer que vocês fiquem aqui, senhores.

— Por quê? — pergunto, desanimada.

Sérgio está prestes a dar a resposta oficial – ordens do capitão – quando olha por cima dos ombros e se certifica de que Rafael e Claudia não nos ouvem.

— Para te vigiar.

Algo cresce e formiga em mim.

— Por que ele tem que ser tão babaca? — pergunto dando um tapa no corrimão. — Tão duro, calado, difícil? Tão sisudo e complicado?

— Se descobrir, avise-nos.

Claudia volta à varanda com uma toalha na mão.

— Olhe só isso: está com cheiro de mofo. A cortina de banho também está assim. Tenho alergia.

— Desculpe por não ser o palácio que esperava, senhora.

Cláudia torce a cara e eu aviso a ele: — Eu teria medo dela nessa viagem. Mas Sérgio não está de mau-humor naquele fim de tarde.

— Vou protocolar a reclamação, senhora. Quando a autorização de mudança vier, daqui a alguns dias, retorno com a resposta.

Claudia incha a boca para mandá-lo para aquele lugar mas Rafael a puxa para dentro, antes que seja tarde demais. Sérgio suspira e nos deixa.

— Não se preocupe — falo para eles, acalmando os ânimos. — Hoje à noite converso com Eric.

**POIT: Posto Oceanográfico da Ilha de Trindade*

Às seis somos interrompidos durante o jantar: o Capitão quer dar as "boas vindas" e explicar as regras da ilha. Não importa se essa é a décima ou a segunda vez de alguém na ilha: todos precisam participar.

A turma da novela chia, os comilões que queriam repetir a janta chiam, Cláudia chia. Levanto da mesa acompanhando os movimentos de Francesca, sentada de costas pra nós. Não sei se ela sabe quem sou – ou quem era – para Eric, mas até o momento ela não parece ter me colocado sob seu radar. Não que eu tenha percebido, pelo menos.

Ela levanta e acompanha sua equipe até as mesinhas de plástico dispostas do lado de fora. O descampado está iluminado por lâmpadas penduradas e o vento bate frio, carregado do cheiro salgado do mar. Mais adiante um grupo segura ansioso a viola no colo: assim que a fala do capitão acabar, começará o arrasta-pé.

Quando Eric aparece, vindo do centro de controle, é hora do *meu centro de controle* se descontrolar. Minhas orelhas avermelham e eu fujo com os olhos para o mar escuro que parece engolir a terra. Ele está com o macacão que estava mais cedo, mas o despiu da cintura para cima. *Então temos de sobremesa um homem musculoso trajando uma camiseta branca e meio macacão pendurado pela cintura*: palmas para a minha imaginação.

— Mantenha a raiva no lugar — Cláudia pede olhando a cena. Ela está com bastante raiva dele, mas não é cega e seu senso de estética para a beleza masculina ainda funciona muito bem.

— Raiva devidamente situada — respondo, firme.

Ela não acredita em mim.

Francesca puxa uma cadeira e se senta perto de onde Eric se posiciona. Ele e Sérgio conversam sobre alguma coisa referente ao restaurante, e mal a cumprimentam.

— Boa noite, Capitão — ouço-a falar. Como sei que sorri, se está de costas para mim? Não sei. *Só sei que sei*.

Eric responde ao cumprimento com um gesto de cabeça.

Os noruegueses se colocam ao meu lado, desesperados por tradução. Eu e Rafael estamos nos revezando para explicar tudo para eles.

Eric inspira, estala o pescoço e infla o peito. Ele ainda nem abriu a boca e eu já estou com calor.

— Boa noite, guarnição — diz com voz de trovão e eu derreto no lugar.

Ele está de pé, as mãos a princípio cruzadas na frente do peito. As sobrancelhas estão franzidas sobre os olhos claros, e seu rosto emana aquele ar de malvado que eu tanto amo e ao mesmo tempo detesto. Não sei o que é isso que o faz parecer mais malvado que é; talvez seja moda entre capitães.

— Estamos aqui outra vez, ou a *maioria de nós* está aqui outra vez. Como

todos sabem, estou aqui para falar sobre segurança.

Todos assentem.

— Vocês viram ao redor, viram durante o desembarque que a ilha é bonita, acolhedora, atraente. — Ele tem os olhos fixos no seu pessoal. — Mas uma coisa talvez nem todos saibam: ela é muito, muito perigosa.

"A maioria aqui tem experiência porque já estive aqui antes, e justamente por isso sabe que é de extrema importância reforçar algumas regras ...

Storr me cutuca e eu olho para cima.

— O que ele está dizendo? Não entendo nada.

Coitado, alguém precisa explicar ao homem o que está sendo dito, e duvido que Eric tenha desenvolvido empatia das quatro da tarde até agora.

— Chega mais perto — peço.

Storr se inclina e seu cabelo loiro e comprido tapa parcialmente o meu rosto.

— O Capitão disse que a ilha é muito...

Ouçõ uma limpada de garganta que mais parece o arranque de um carro. Paro a frase no meio, e ao olhar para frente, por entre os fios loiros do Viking Nórdico, vejo que diversos oficiais e uma grande parte dos civis está olhando para mim.

Eric, autor da limpada de garganta/ arranque de carro me olha como se fosse me engolir. Suas narinas estão dilatadas e posso jurar que sua veia estoura hoje.

Saio de trás da cortina loira engolindo um litro de saliva. Já vi olhares malignos antes, mas o que Eric me lança vence de todos.

— Estou traduzindo — informo, mas o olhar dele faz com que eu pareça apenas uma mal-educada.

— Darei o tempo necessário para isso mais tarde, *senhorita* — o cachorro diz.

Estreito os olhos em sua direção. Eu poderia matá-lo por me envergonhar assim.

Ele volta a cruzar os braços bem apertados ao redor do peito e continua, com voz retesada.

— *Como ia dizendo antes de ser interrompido*, temos algumas pessoas nessa pernada que nunca estiveram em Trindade. — Ele olha para Francesca e em seguida para os noruegueses. — Mas embora a ilha seja paradisíaca à primeira vista, tudo nela pode matar.

Ele olha sem vontade para mim e faz um gesto de "vá, traduza a frase

para seus amigos."

Quem está preocupada agora se pode ir presa ou não por erguer o dedo do meio em sua direção? Meu dedo coça para ser visto por ele. A contragosto traduzo o que consigo, botando medo nos noruegueses em inglês macarrônico.

— Qual é o problema desse imbecil? — Cláudia cochicha no meu ouvido quando termino.

— Eu vou empurrar esse homem de cima de uma falésia. Eu vou lançá-lo aos tubarões.

Rafael ri e eu volto a prestar atenção no "discurso de boas vindas", que mais parece um sermão.

— Como sabem, a ilha é vulcânica. Isso significa que se pisarem sobre o solo ele esfarela. As pedras rolam e causam tombos e acidentes. Torções de tornozelo já imobilizaram mais homens e mulheres aqui do que em qualquer outro lugar. Por isso é *terminantemente proibido* caminhar fora das calçadas dentro dos limites do POIT. Essa é nossa regra número um: caminhadas fora dos limites do Posto podem ser feitas apenas nas trilhas demarcadas, e mesmo assim acompanhadas por alguém com experiência na ilha. Se pisarem fora das trilhas, sofrerão punições. Se arriscarem-se fora e sozinhos, sofrerão punições. *Não arriscaremos vida de ninguém para resgatá-los.*

Essa foi para mim.

Storr espera que eu traduza, mas agora aguardo, irritada, que Eric indique a hora de traduzir sua fala. Eric finalmente pausa. Olha com o queixo erguido para mim, desafiador, e indica que eu posso traduzir.

Eu praticamente sumo dentro da cabeleira loira do Norueguês. Cochicho longamente sobre a fala do capitão. Quando não lembro, invento. Delongo a explicação ao máximo, causando uma onda de mal estar ao redor.

Quando retorno da incursão àquela floresta loira com a expressão de quem passou o dia relaxando no *spa*, tenho a impressão de que Eric está mais corado. Mentira, ele virou o cruzamento entre uma pimenta malagueta e um touro bravo: posso ver o vapor saindo das orelhas, e seus pés se arrastam no solo de terra, erguendo a poeira.

O silêncio é de morte. Os olhos de grande parte dos oficiais estão esbugalhados. Eric respira profundamente algumas vezes antes de continuar entre os dentes, o tom de voz mais elevado.

— O terreno e as praias parecem transponíveis, mas acreditem, não são. O mar é o elemento mais perigoso de toda a ilha. O problema está na

formação geológica de Trindade, que provoca ondas enormes que arrebatam na praia sem aviso, carregando qualquer coisa ou pessoa para mar aberto. Muitos homens morreram por desobedecer essa ordem, portanto, *não é permitido se banhar nas praias.*

À extremo contragosto, Eric faz um gesto para que eu traduza a fala para os Noruegueses. Sinto-me como se na frente de um pelotão de fuzilamento: ele me lança todo tipo de farpa pelos olhos. Inclino em direção a Storr e solto, quase ingênua:

— O capitão disse que é proibido nadar.

Os noruegueses ficam arredios e começam a se mexer no lugar. Como assim, não podem nadar em uma ilha? *"Esses brasileiros fazem ideia de quantos meses penamos no gelo, sem poder cair na água do mar?"*, acho que dizem. Eric, na frente, parece um ouriço cheio de espinhos saltados. *"Por que não dá? Por quê?"* As perguntas pipocam ao redor, mas dou de ombros:

— Ordens do capitão.

Nada me prepararia para o modo como Eric se enfurece. Ele está por um triz, prestes a estourar na frente da equipe.

Tá vendo esse rostinho aqui? Olho-o de volta. Essa é a carinha de quem não liga para a sua raiva.

Francesca vira-se para trás, intrigada com o que está acontecendo ali. O que poderia deixar Eric tão nervoso assim?

Não é o que. É *quem*.

Eric continua com a voz travada, tão espremida entre os dentes que alguns fazem até uma careta de dor ao ouvi-lo.

— Excursões solitárias às praias de desovas estão proibidas. Idas à praia de desova sem minha autorização estão proibidas. Somente excursões acompanhadas de um dos meus homens é permitido!!

A cada frase vou avermelhando mais. *Mas assim vai ser impossível ir à praia!*

Ah, mas essa eu faço questão de traduzir tintim por tintim. Traduzo, e imediatamente os Noruegueses começam a discutir em sua língua, e juro que ouço algo parecido com *ditador nazista* em algum lugar das frases.

Eric termina a repreensão de boas vindas e quase se despede mandando todos tomar no fiofó. Sai marchando de volta para seu casebre antes que os noruegueses possam alcançá-lo para cobrar uma explicação, e a seresta começa desconfiada, como se não tivéssemos acabado de testemunhar uma aula sobre como destruir o bom humor das pessoas em paraísos tropicais.

As condições estão perfeitas para visitá-lo.

TIRANDO SATISFAÇÃO

STELLA



Ando até seu casebre com o peito explodindo em batidas surdas. Lá dentro está o homem mais nervoso e fabuloso do mundo. O mais bravo, o mais delicioso. Olho ao redor para ver se alguém me vê ali, mas não há ninguém. Só eu e meu coração maluco.

Na cabeça vão surgindo frases soltas e sem nexos: *Odeio você nesse momento, Eric Saldanha. Exijo mudar de casa já. Não quero estar tão próxima de você. Você não manda em mim.*

Bato três vezes em sua porta com os dedos trêmulos.

Você vai ver só. Eu vou falar tudo que está entalado na garganta. Que você pode conversar o quanto quiser com a sua ex esposa, e me ignorar quando passa perto de mim. E não ligo que esteja puto comigo: tudo que eu quero é ver você com raiva.

Ele abre a porta e meu cérebro vira mingau.

Ele está esplendoroso, a cara mais fechada que as fronteiras da Coreia do Norte. Eu seria capaz de esmurrá-lo apenas por estar na minha frente. *E*

lambê-lo em seguida, o que é um pensamento muito estranho.

— Precisamos conversar.

— Fale com Sérgio — ele responde.

Demoro um segundo para organizar a bagunça interna que ele causa. Nesse segundo ele indica que vai fechar a porta. Estendo a mão à frente, parando-o.

— Não gostaria de falar para Sérgio o que quero falar para você. Sérgio merece viver.

Seus olhos correm brevemente os arredores. Não sei se pensa no que acabei de dizer, se dá à frase um sentido a mais ou se checa para ver se tem alguém por perto. Como ele não parece disposto a me deixar entrar, digo o que vim fazer ali.

— Eric, queremos trocar de casa. Estamos muito... *desconfortáveis* ali.

Ele volta a me olhar, como se surpreso com o que me leva ali.

— Não — sua resposta sai com facilidade.

Seu macacão continua abaixado na cintura, sujo do dia de trabalho na ilha, coberto pela poeira minúscula que se embrenha nos cabelos, na roupa, na cama. *E ele fica tão quente, bravo*. Seu cabelo está cortado rente, como a Marinha exige, mas mesmo assim parece desalinhado na frente, como se ele o tivesse esfregado há pouco. Assim, em um nível mais alto que eu, ele parece uma montanha erguendo-se sobre mim.

— Por que não? — Coloco as mãos na cintura, sem saber o que fazer com esse calor que toma as bochechas. — Não queremos ficar lá. Vocês colocaram os pobres noruegueses praticamente em Martim Vaz! Queremos ficar perto deles.

Seu olhar se afia, e a resposta vem um tom mais alto.

— Não.

Bato o pé na varanda, possessa.

— Exijo que nos troque de casa. Coloque sua ex aqui, tão perto! Ela vai gostar de ficar perto de você!

Meu suor começa a se acumular na testa, debaixo do meu braço e entre as pernas. Sou puro calor e rebulição interno, e posso apostar que Eric não se sente nem um pouco mais tranquilo do que eu. Mas embora ele esteja possuído – sua mandíbula trituraria um bloco de pedra – ele responde com frieza.

— Se isso é tudo, vou fechar a porta. Preciso tomar banho, tenho um dia cheio amanhã.

Olho para seu peito, sua roupa, seu pescoço com aspecto de suado. Mordo o lábio inferior, tentando controlar a queimação interna.

— Talvez eu mesma sugira a troca para ela.

Viro o rosto em direção à praia, atenta à tensão que zune dele.

— Ela pode querer ficar mais perto de você.

— Você não seria louca.

Viro e olho-o com os olhos em chamas.

— Eu cheguei *aqui*, Capitão. Duvida que eu chegue até Francesca?

Ele pressiona os lábios e alarga as narinas. — Você não vai sugerir isso à Francesca. Não vai mudar de casa nem ficar mais próxima dos gringos. Você vai ficar onde posso te observar.

— E porque quer me observar?

Um calor insuportável toma meu rosto e minhas orelhas. Posso sentir o peito ondular mais rápido.

— Por que da última vez que perdi você de vista, você quase *morreu*. E quase me arrastou junto. Quero sair dessa ilha vivo.

— Você saiu *bem vivo* da ilha, vez passada.

— Se isso é tudo, com licença.

Ele ameaça fechar a porta novamente, mas eu já dei meia volta e comecei a descer as escadas da sua varanda, xingando-o em pensamento em velocidade aterrorizante.

— Vamos ver se eu não vou até Francesca *agora* — eu o desafio.

— Stella!

Viro mais rápida que a luz. Ele está de pé, mãos ao lado do corpo como se pronto para pegar um bicho com as garras.

— Aqui, agora — demanda com a voz áspera.

Ele indica com o dedo que eu devo voltar. Que devo entrar na sua casa. Que devo obedecê-lo antes que mude de ideia e salte sobre mim. Meu coração ameaça parar. Subo os degraus mais rápido que deveria, trêmula.

— Por quê?

— Agora.

Obedeço com os joelhos bambos de excitação. Entro na casa sentindo cada poro do corpo arrepiado, cada centímetro de pele aceso. Da última vez que estive ali, vi Marina deitada sobre sua cama, confusa e pelada, tapando-se com seu lençol enquanto me contava que era *sua namorada*. Sinto-me péssima, mas ao mesmo tempo, elétrica.

Ele fecha a porta tranquilamente, como se não notasse minha ebulição.

Mas conheço Eric: gestos simples são feitos demoradamente quando ele está em conflito. Quando solta a maçaneta, vira-se para mim. Seus olhos correm cada centímetro do meu rosto, e posso jurar que ele está diferente, que sua raiva se espalhou por braços e pernas, e, dado o volume sob o macacão, por outros membros também.

— Você não pode falar assim comigo. E não pode vir aqui, é contra o protocolo.

— Você e eu quebramos alguns protocolos aqui e ali — digo, atenta à sua boca. Ela está rosada e implora para ser beijada.

Ele esfrega outra vez o cabelo, que para em direções diferentes e adoráveis.

— Se está falando de Cláudia, seu amigo ministro fez tudo direitinho. Ela não veio de forma ilegal, apenas... acidental.

Estreito os olhos. *Quem aqui está preocupada com Cláudia?*

Ele sabe pela minha careta que não falo de Cláudia: falo do caminhão. Da gruta. No *quase-sexo* na barraca, vez passada. *E disso aqui.*

— Eric, só vim aqui pedir que nos troque de casa. Se dermos uma risada alta, você ouvirá.

— A resposta para isso continua sendo não.

Sequer ouço suas últimas palavras. Estou fascinada pelo aspecto úmido de seus lábios. Dou um passo em direção a porta, numa cartada arriscada. Se eu ameaçar ir, preciso ir. Mas não quero ir sem me esfregar nele. Sentir seu ódio com o corpo inteiro.

Graças aos bons Deuses das quebras de protocolo, Eric barra minha saída.

— Não terminei de falar com você.

Sou uma festa interna. Um carnaval de rua. Um show do Olodum.

— Você não precisa me chamar aqui para falar comigo — exalo, fingindo tédio. — Fale sozinho, provavelmente conseguirei ouvir tudo lá do meu quarto.

Coloco a mão na maçaneta e ele coloca a dele sobre a minha. O estômago se revira numa alegria boba, quase explícita. Olho para trás e num gesto bruto ele me vira. A princípio acho que se coloca na minha frente para impedir minha saída – ou me beijar impetuosamente – mas ele espalma as mãos em meus ombros e me empurra. Bato contra a porta, assustada, e ele colide contra mim. Peito, braços, barriga, está tudo colado ao meu corpo. E esse homem geme. Reclama, em grunhidos, algo sobre eu deixá-lo puto. Puto demais. Puto além do que ele consegue suportar.

Seu rosto se aproxima tão rápido que sinto seu toque ao mesmo tempo que seu cheiro: um cheiro de suor misturado a graxa e menta. Ele escovou os dentes depois da janta. *Ele mexeu com graxa. Eu amo menta.*

— O que está fazendo? — falo sem conseguir tirar a boca da dele. Ergo a mão para arranhá-lo mas então sinto dor. Ela irradia do meu couro cabeludo e desce em direção ao pescoço. Seus dedos se embrenharam pelo cabelo da minha nuca e viram minha cabeça para trás, meu queixo empinado para o alto. Ele enrolou a mão no meu cabelo e me mantém assim, o filho da puta, enquanto escaneia o quarto. Então, com um passo certo, me leva até a mesa do lado direito da porta. Esvazia com um gesto abrupto tudo que está sobre ela – planos, pastas de trabalho, canetas, uma caneca de plástico vazia – e me deita sobre o aço frio, o cabelo bem seguro entre os dedos. Ele me olha como se não estivesse mais ali, e sim aquele outro homem. O do caminhão. Igualmente sexy, mas muito, *muito* mais assustador.

Sinto a nuca tocar o metal gelado com o peito ribombando de excitação. Sinto o encaixe de sua virilha entre as pernas, afastando-as. Sinto seu membro duro como ferro pressionando minha intimidade sensível.

— O que vai fazer? — gaguejo.

Ele fecha os olhos por uma fração de segundo, o peito subindo e descendo em ondas, como se precisasse controlar seu ímpeto.

— Você está me matando de raiva.

Ele chacoalha a cabeça tentando trazer alguma sensatez de volta. A tentativa não funciona.

— Você faz isso comigo, eu...

Ele não me dá tempo de responder. Puxa o cós da minha calça para baixo, afoito, como se precisasse se aliviar sua raiva de algum jeito, e se esse jeito fosse *sexo*.

Que seja sexo, tudo em mim pulsa gritando *sim!*

— Você não pode se meter numa pernada minha — diz entre os dentes, e a mente pausa as sensações pra apreciar a ironia, já que sua perna está infiltrada entra as minhas.

— Não pode enfiar o Ministro da Forças Armadas na história, e me colocar sob seu radar, mais encrencado que nunca.

Ele termina de abaixar meu jeans, que desce arranhando a pele da coxa, com calcinha e tudo. Respiro alto, olhos arregalados nos dele, na forma como solta as palavras com ódio e como as mão agem furiosas. Seu rosto está vermelho e aquela veia que só vi de longe está bem perto, saltada. Ele desce

minhas calças até as canelas. Estou sob seu domínio, a intimidade exposta e úmida, a pele fervendo no aguardo de seu beijo.

Mas Eric faz tudo ao contrário: ele não se demora ali, ele me traz assim, com ele, até a cama. Senta e me deita de forma tosca sobre seu joelho – barriga para baixo, nádegas para cima – e sem qualquer preâmbulo estala uma palmada em mim.

— Ai!

Ele tampa minha boca com o braço e me dá outra palmada. Eu me contraio, assustada, e em seguida dá outra. *O que ele está fazendo?!* Mordo seu braço e ele me solta. Caio de quatro no chão, as canelas presas pela calça e a pele tenra da bunda assando pela batida da sua mão.

— O que está fazendo, seu maluco?! — aliso a pele ardida, me colocando de joelhos. Ele não bateu forte, mas é a *primeira vez que me deu uma palmada!* Aquilo me incinera inteira, e a vontade de ser beijada e o cacete a quatro dá vez a uma fúria insana.

— Nunca mais encoste em mim! — ofego, puxando a calça para cima enquanto tento me colocar de pé.

Ele ofega de boca aberta como se tivesse sido ele a ser açoitado. Suas mãos estão sobre o joelho, e olhos de águia fixos nos meus.

— Ou?

Olho para o rosado das bochechas e o cabelo bagunçado. Tento achar uma forma de puni-lo enquanto abotoo a calça. De machucá-lo. Mas o ardido das palmadas destruiu minha capacidade de pensar.

Levanto, bamba. Ele se levanta também e eu dou um passo para trás, escorando na mesa. Ele dá um passo em minha direção e eu praticamente subo na mesa de aço.

— Ou eu ...

Tento dizer algo que o assombre, que o assuste, que o faça sair correndo desesperado. Claro que nada vem.

Ele aguarda que eu complete a frase.

— Ou você...

Por Deus, como posso estar excitada? Não consigo pensar em nada de ruim para fazer com aquele homem. Estou com tanta raiva pelo tapas – na verdade estou assustada com a intensidade daquilo – e com tanto *tesão* por causa dos tapas que sou capaz de pegar fogo e incendiar essa ilha.

— Afaste-se ou eu vou incendiar a ilha.

É a única besteira que vem à cabeça, e pela careta de Eric, não o

convenço. Gostaria que acreditasse que sou uma incendiária perigosa, mas ele sabe que estou blefando.

Ele dá mais um passo em minha direção.

— Sua teimosa — rosna.

— Seu bruto — eu revido.

Desço da mesinha e passo por ele correndo. Minha forma de puni-lo é sumindo dali. Se ele pensa que pode me dar uma palmada e me comer em seguida, está muito enganado. *Quem ele pensa que é?* Ando alisando a nádega, que já não queima mais.

O problema é que não ando em direção à porta, e sim à da cama. Se ele nota? Claro que nota. Olho-o vindo na minha direção, o peito largo suado, as mãos prontas para se fecharem contra mim, os passos decididos, certos da colisão iminente. *Estou tão ferrada.*

Nesse embalo, serei massacrada por ele.

ATAQUE

ERIC



Eric

Assim que ela passa pela porta e anda em direção à cama, ataco-a. Não quero saber se estou suado, puto, excitado: agarro-a pelos braços delicados e ergo-a até que ela não tenha mais o chão sob os pés. Empurro-a contra a cama e lanço-a ali, a visão turvada pelo desejo louco, a mente fora de órbita pela sensação da pele lisa e alva da bunda contra minha palma. Foi rude, mas planejado. Eu me masturbei à tarde, no banheiro, imaginando-a ali, assim, rendida. Mas ela não está rendida. Parece um gato bravo, esperneando enquanto tenta me acertar.

— Você gostou de se enfiar entre o cabelo do esquisitão? — pergunto subindo em cima dela, segurando seus pulsos ao lado da cabeça e suas pernas com a pressão das minhas.

— O mesmo tanto que você deve estar gostando de estar na ilha com duas exs — ela revida.

Balanço a cabeça.

— Você tem uma língua muito rápida.

— Rápida como a duração de seus relacionamentos?

Estreito os olhos. Como pude ter pensado em pedi-la em casamento? Essa menina precisa de uma creche, não de um marido!

Em algum momento suas tentativas de se mexer diminuem. Ela cansa. Ofega sob mim, deitada na cama, e fecha os olhos. *Tão linda*. Não penso muito no que estou fazendo. Abaixo o rosto e colo a boca à dela, à procura de sua língua. Preciso beijá-la, é mais forte que eu. Ela recebe meu contato abrindo os olhos. *Sim, você quer isso, não quer sua teimosa?* Chupo seu lábio inferior, largo-o, colete o superior com os meus. Ao insinuar a língua na sua, recebo uma mordida.

— Filha da mãe!

Largo seus braços e me afasto. Ela me olha com fogo nos olhos. O cabelo está caído sobre o rosto e a boca semiaberta. Seu tronco ergue-se em ondas, puxando o ar.

O fato de não dever, mas querê-la enlouquecidamente me faz tombar sobre ela novamente. Ela me olha tensa, rígida, surpresa, mas dessa vez não luta. Ela arregala os olhos, mirando o local da mordida.

— Eric — diz assustada. — Você está sangrando.

— Você acabou de me morder!

Ela se coloca sobre os cotovelos e chega mais perto, investigando comovida o estrago que fez. Leva o dedo até a mordida e sobe os olhos, como se tivesse me ferido mortalmente. Por alguns instantes há tanto carinho no olhar que considero fazer drama para mantê-la assim. Mas então lembro de seu nariz enfiado entre a cabeleira do monstro loiro e a raiva volta. Ela larga o machucado e sua mão envolve meu pescoço. Me puxa para perto, tão perto, que sua língua toca o machucado e o lambe.

Porra, não esperava por isso.

Fecho os olhos sentindo o corpo morno contra o meu, e a sucção delicada que puxa e solta a pele ferida. Ela está me chupando com ternura, de olhos fechados, como se me beijasse. As palmas abertas encontram sua pele quente. Percorro com elas cada centímetro do braço erguido até a clavícula, passando pela nuca, costelas e curva dos seios. Ela me suga durante todo o tempo, e quando minha mão chega até seu umbigo ela me solta. Sinto o gosto ferruginoso na boca e pego-a olhando ansiosa para mim. *Que loucura estamos fazendo aqui?*

— Eric — ela me chama.

Acordo do feitiço e largo-a, tanto para a sua surpresa quanto para a

minha. Saio de cima dela e dou dois passos para trás. *Não, não vai ser fácil assim, Stella.* Acalmo o corpo que ferve, arrastando as mãos pelo cabelo. Quando passo a língua pelos lábios, sinto-os inchados.

— Vá embora — digo.

Ela pula da cama, tentando se aproximar.

— Não, a gente estava se acertando.

Nos acertando? Faço que não.

— Você não pode vir aqui. Não pode bater nessa porta outra vez, e nem trocar de casa com Francesca. — Tento organizar meus pensamentos. — Não abrirei para você outra vez.

Ela olha para a cama, sem entender.

— Mas a gente...

— Você terminou o relacionamento, esqueceu?

Abro a porta, e somos saudados pelo barulho da viola não muito longe dali. O vento salgado da ilha refresca o calor do quarto.

— Mas eu achei que...

— Tenha uma boa noite.

Passa de tudo pelo seu rosto. Incompreensão, raiva, irritação, dúvida, confusão. Não entende o que aconteceu ali – para falar a verdade, nem eu – mas parte.

Só eu sei o quanto custa deixá-la ir. Mas não posso deixar que vire minha cabeça na primeira noite em Trindade. Que me mate de ciúmes e pareça gostar de fazer isso. Antes que a pernada acabe eu estaria insano, por isso decido duas coisas: 1) mantê-la longe de mim, e 2) manter a cabeça no lugar até a partida. Essas duas coisas precisam andar juntas – distância e sanidade – se eu quiser chegar inteiro até o final da pernada.

CRITÉRIOS

STELLA



Dias se passaram desde o tórrido encontro em seu alojamento, mas ainda sinto as pernas bambas e os joelhos trêmulos. Que raios aconteceu ali? Ele parecia louco, desatinado, insano no modo como me olhava e me apalpava. E ao mesmo tempo tão *dividido*. O que o segurou, se estávamos praticamente engolindo um ao outro?

Sinto sua raiva mais profunda que um simples acesso de ciúmes. Há algo ali que não entendo. *O que ele não está me contando?*

E enquanto os dias passam atarefados eu penso, do momento em que acordo até o que durmo, quando será nossa próxima *briga*. Quando poderei ir até ele tirar mais satisfações (e embora tenha dito que não posso aparecer na sua casa, há outros lugares da ilha em que posso provocá-lo). Quero tanto que ele tente me pegar outra vez. Há tantos lugares em que posso mordê-lo.

Mas por sorte ou azar, Eric me ignora.

Não há circunstância que nos aproxime, não importa o quanto eu tente. Ele não come com a gente, não participa das conversas noturnas, não se

importa quando vamos jogar cartas na casa dos noruegueses: ele nunca está por perto. Sérgio também anda sumido, e só aparece para provocar Cláudia ou proibir que façamos coisas. Nada de novo no *front*, quanto a isso.

Às vezes eu o vejo à noite, passando na frente da janela. Ele finge não estar nos observando – na maioria dos dias não está – mas vez ou outra olha de soslaio para nossa casinha. Eu o peguei certa vez olhando para mim. Pensei em fazer algo muito doido – tipo um *strip-tease* na frente da janela – mas os gritos de Rafael de que iria vomitar me fizeram parar.

Quanto à Francesca, ela mesma não encontrava com Eric, e a vi reclamando algumas vezes que era mais fácil filmar o leopardo das neves que pegar Eric dando bobeira.

Certo dia estamos no refeitório terminando o café quando Eric chega. Seu aparecimento causa um choque até mesmo no cozinheiro, que corre para a cozinha para colocar a touca e fritar um ovo menos esborrachado para o capitão.

Sua entrada no refeitório causa também engasgos. Ninguém esperava que aparecesse como um raio de sol – ou emissário das trevas – em um dia tão comum. Tudo que estava sendo feito "nas coxas" por estar longe de suas vistas magicamente se acerta. Os pratos que vinham molhados da cozinha – e que não adiantava reclamar – secaram-se como se por encanto. A máquina de refrigerantes, enguiçada, virou uma fonte abundante novamente. É como se um milagre tivesse acontecido.

Francesca chega logo em seguida, atraída pelo cheiro de sangue na água. Isso já me daria motivos para bater na porta do alojamento de Eric e cobrar satisfações (estou atrás de motivos), mas a cara de Eric está tão feia que ela questiona se deve aproximar-se ou não. Com aquela cara de bravo, eu não me arriscaria.

Mentira.

Eric está parado no meio do refeitório com as mãos cruzadas nas costas, observando o *buffet*, a comida e os pratos. Francesca decide se aproximar.

— Ah, Eric. Finalmente. Estou precisando falar com você sobre...

— Sérgio.

Ela se sobressalta.

— Ahn?

— Se tem algo para falar, procure o Zero-Dois.

— Deixa de bobagem, preciso falar com você sobre...

Ele olha duro para ela e o refeitório inteiro prende a respiração.

— É agora que vai voar um laser dos olhos dele e ela vai virar peneira — Rafael cochicha.

— Ou ele vai estender as mãos e ela vai murchar igual uma uva passa — Cláudia complementa.

Francesca insiste.

— Oras, Eric, é tão mais fácil...

— Sérgio — o *Robocop* repete.

Francesca pausa por um instante, e no próximo desiste. Passa por nós com sua bandeja na mão, fazendo cara de brava. Acompanhamos sua raiva sem entender como pode ter ficado casada três anos com ele e se surpreender com seu mau-humor. Não sabemos se isso é uma forma de irritar Eric, ou apenas curiosidade, mas ao ver com o canto dos olhos que estamos ali, ela para.

— Nunca chegamos a ser formalmente apresentados, chegamos? — ela pergunta olhando especificamente para mim.

Cláudia limpa a garganta, sem esperar a abordagem.

— Sou Cláudia. Essa é Stella e esse é Rafael. Somos biólogos da UFRJ.

Rafael chuta minha canela.

— Ah — ela fala, sentindo Eric passar atrás dela em direção à saída.

— Eu conheço vocês de algum lugar? A impressão é que já ouvi falar de vocês.

— Acho que não — respondo, mexendo no pão.

— Stella... — ela insiste, fingindo pensar. — De onde conheço seu nome?

— Não sei — dou de ombros, tentando entender se ela está mentindo ou realmente não sabe que seu *ex* tinha uma namorada. Não consigo descobrir se ela sabe sobre mim ou não.

Tomba sobre nós um clima pesado. Não sei para onde olho, nem Francesca. Bem, *eu* não sei para onde olho. Ela olha para mim. No que pensa? Talvez *o que Eric viu em mim*?

— Você é alguma coisa do Capitão? — ela pergunta de rompante, como se a pergunta não pudesse ser controlada.

Sinto cada pelo do corpo arrepiar.

— Não. Não sou *nada* do capitão.

O capitão em questão, parado na porta, só perde em dureza para um bloco de mármore ao ouvir aquilo.

— Francesca — ele a chama.

Ela finalmente para de olhar para mim para se vira para ele.

— Sim, Capitão?

— Tenho alguns minutos.

Ela arregala os olhos para mim, como se surpresa com a sua própria sorte. Pede licença e nos deixa para segui-lo. Não há centímetro do meu rosto que não esteja vermelho-vivo. Vermelho-tomate. Vermelho sangue. Quero jogar o pão que piquei para o alto.

— Que idiota!

— Calma, Stella. Ela claramente sabe sobre vocês. Não dê a ela o que ela quer.

— Mas o que ela quer?

Olho para os dois saírem do refeitório. Eric puxa a cadeira de uma mesa externa e se senta. Estão no meio e à vista de todos, para a decepção dela. Ela se senta na sua frente e ele ouve sem interesse as coisas que diz. Pelo menos é isso que parece estar acontecendo.

O clima depois disso pesa, e nada o faz leve outra vez.

Naquela noite bato na sua porta, mas para minha profunda decepção, ele não abre.

Depois disso Eric some novamente, e só volto a vê-lo dias depois. Nesse dia específico, passamos o dia inteiro na praia, medindo ninhos, e é hora de voltar à noite para tentar medir as tartarugas que chegam para a desova.

— Você viu quem está ali? — Cláudia me acotovela enquanto saímos de casa para mais uma noite de trabalho.

A equipe de filmagem entrevista Eric em sua varanda. Enquanto nós e os noruegueses caminhamos para a praia, sempre acompanhados de perto pelos vigias que não tiram os olhos da gente, ele está sentado, pernas cruzadas, copo de suco na mão. Parece divertir-se com a cena toda, deslumbrante em seu macacão surrado e óculos *ray-ban*. O sol se despede e banha tudo com luz dourada, e a cena inteira deixa Eric praticamente um Deus do Olimpo para as câmeras. Francesca está sentada na sua frente, satisfeita pela chance de filmá-lo envolto em tanta beleza. Ao redor deles estão montadas as câmeras, e um rapaz ajeita na gola da blusa um microfone. Mas embora ele esteja lindo de se ver, todo o resto da cena parece *fake* – inclusive a simpatia inédita de Eric.

Ele na verdade parece perdido em pensamentos. Mas quando nos vê passar, faz questão de sorrir. *Sorrir!* Sinto o sangue ferver dentro das veias.

— Não acredito que o imbecil não tenha tido a dignidade de nos trocar de quarto. Você realmente tentou, Stella?

— Nada do que falei adiantou — digo sem entrar em detalhes.

— É, amiga, não sei como você está conseguindo — Rafael fala atrás de mim. — Vocês eram, tipo, unha e carne. Achei que ia sair casamento dali.

Solto um riso forçado.

— Casamento? Não consigo imaginar Eric se casando outra vez. Logo no começo do namoro ele foi bem claro sobre o que acha de casamentos.

Olho cheia de rancor para Francesca.

— Eric é bom para acumular ex namoradas, não para manter relacionamentos.

— E quem quer se casar, aqui? — Claudia abre os braços. — Estamos rodeados dos homens mais bonitos do planeta! Mais uns dias de seca e eles estarão chamando urubu de meu loiro. Quando chegar nesse ponto, traço um deles. Talvez você possa fazer o mesmo.

Rafael afunda a cara na mão.

— Você me dá vergonha.

— Por que? — Cláudia responde — Já fui traída, estou sozinha e já dobrei o Cabo da Boa Esperança. Se acha que eu não consigo dar conta de um desses Vikings, observe-me.

— Vou observar você dar com os burros n'água outra vez — ele responde.

— Burros n'água? O que poderia dar errado *ali*? — ela aponta para o homem musculoso que anda na frente.

— Tanta coisa que nem cabem nos dedos! — Rafael ergue as duas mãos. Ele sempre se irrita quando observamos a curva da bunda do homem subir e descer enquanto anda.

— Ele pode ser um canalha, ou um mulherengo, Cláudia! — Ele fala a última frase baixo, perto do nosso ouvido: — Pode ser um perverso!

— Tomara!

Rafael desiste de discutir com ela.

— Sabe qual é o problema dos casamentos, amiga? — ele diz para mim. — O problema é que nossos relacionamentos anteriores deveriam nos ensinar alguma coisa. Infelizmente, *certas pessoas* não aprendem nada com seus erros.

Cláudia ri.

— Rafael, Você acha que gente da minha idade tá preocupada em

aprender com os erros? Se o homem souber o básico de português e fizer três das quatro equações matemáticas, tá bom.

— Nesse caso nenhum deles passaria nesse seu teste sem critérios, porque não sabem nem falar o português básico. — Rafael responde.

— Para eles o critério é outro. Com aqueles músculos, eles não precisam sequer fazer o número de sinapses que um artrópode faz.

Eu começo a rir.

— Nem sinapses eles precisam fazer, né, porque se a gente decepar um artrópode ele ainda se mexe.

Cláudia começa a imitar um artrópode sem cabeça, e minhas risadas atraem os olhares dos Noruegueses. Storr, em particular, olha o sacolejo de Cláudia e sorri.

Rafael olha para o alto, implorando socorro.

— Vocês são muito desesperadas!

— Não sou, *estou* — Claudia para de se chacoalhar e olha para mim, para saber se eu também estou.

— Estou catando papel na ventania — admito erguendo a mão.

A diferença é que não quero qualquer um, só quero uma pessoa. Uma pessoa que eu todos os dias tenho vontade de decepar a cabeça.

Continuamos andando, atentos ao caminho de pedras que leva à praia. Olho para os noruegueses, curiosa.

— E se pudesse traçar alguém do grupo, quem seria, Cláudia?

— Storr, claro — ela responde sem piscar. — E se ele ainda não deu em cima de você ou de Rafael, posso ter alguma chance.

— Talvez ele queira a ruiva antipática — falo. — Eles sempre conversam durante o jantar.

— Quem quer uma mulher que olha para a ilha como se ela estivesse com o desodorante vencido?

— Tem gente que tem tara por desodorante vencido — Rafael comenta.

— *Ninguém* tem tara por isso, cale a boca. Eles são biólogos, prefeririam comer alguém com meu bigode chinês a comer alguém com aquele azedume todo.

Rafael também ri dessa vez, e Cláudia me acotovela.

— Stella. Quero te contar uma coisa.

— O quê?

— Amanhã vamos subir o pico de Desejado. Você vem?

— Hmm... não sei. De manhã tenho esse mal estar que nunca some. Mas

o que deu em você para subir?

Cláudia olha para um lado, depois para o outro para ver se os espiões de Eric estão nos ouvindo. Não estão.

— Storr pediu que eu subisse com ele.

— Como é? Ele pediu que você subisse com eles?

— Ei, ei, ei: não com *eles*. Com *ele*.

Abro a boca, surpresa. Ela abre a boca surpresa também.

— Talvez minha vinda tenha esse propósito, amiga! — ela conclui, animada. — Talvez eu tenha parado aqui para dar igual chuchu na cerca pela última vez na minha vida!

A notícia de que Cláudia esteja se engraçando para cima de Storr – verdadeiramente se engraçando, e não apenas fazendo graça a respeito – bate de forma estranha em mim. *Storr e Cláudia*. Parece errado. Embora não seja, eu sei. Mas ainda assim alguma coisa em mim se inquieta

— Mas e Jonas? — pergunto.

Sei que eles estão terminados, mas é tão estranho vê-la seguir adiante. Jonas não para de ligar, está tentando falar desesperadamente com ela. Cláudia precisou desligar o telefone para ter paz.

— Jonas? — ela praticamente cospe ao falar seu nome. — Quero que Jonas morra engasgado no Rio! Quero que seja atropelado por um rolo compressor, quero que ele receba um raio na cabeça!

— Nós já entendemos que você quer que ele seja punido — Rafael diz.

Ela ignora completamente o desvio de assunto e volta a falar sobre a subida ao cume.

— E aí, você não anima? Ouvi dizer que vai todo mundo, o povo quer filmar lá em cima.

Suspiro pensando em Eric. Não quero passar a manhã inteira vendo-o subir esplendorosamente a montanha. Lembro da última vez que fiz isso, e não gostei de ter sido ignorada o tempo inteiro. Mas talvez eu vá. O que posso perder, se não for?

— Vou ver. Se eu acordar bem disposta amanhã, eu vou.

SUBIDA AO PICO

STELLA



O dia amanhece esplendoroso. O sol ilumina a ilha e acende o mar, como se tingisse tudo de cores psicodélicas. Após a minha vomitada matinal, que credito ao nervosismo por nunca saber o que Eric está fazendo, saio da casinha. Cláudia e Rafael já estão na frente do Centro de Comando, de bermuda, camiseta, boné e mochila nas costas.

Assisto de longe Storr se aproximar de Cláudia. Eles são sempre os últimos a chegar, coitados, por estarem longe de todos, mas quando ele chega, cutuca o braço de Cláudia.

— Nada de levar isso. Está pesado, eu levo para você.

Toda a viagem vale a pena só por ver a cara de felicidade que ela faz. Ela entrega a mochila ao gigante loiro e, enquanto ele a coloca sobre o ombro e amarra as madeixas loiras em um rabo, ela me olha com cara de espanto. Faço um OK com o polegar para cima, mostrando o meu apoio.

Ela anda até o meio do caminho, onde a encontro.

— Tem certeza que não quer vir? — pergunta, animada. — Posso precisar

de conselhos lá em cima. Estou enferrujada nessa coisa de paquera.

— Peça a Rafael.

Aceno para ele, que também se aproxima.

— Só não use o termo “paquera”. Caiu em desuso duas décadas atrás.

— Rafael entende de bofes, não de heteros.

— Já peguei mais heteros que Stella — ele se defende.

Adiante, vejo que Eric também está pronto para a subida: camiseta regata, bermudas e mochila nas costas. Vê-lo causa um alvoroço nas vísceras.

— Guarnição! — ele grita. Suspiro ao ver suas pernas fortes e bronzeadas. Se não estivesse tão cansada da vigília de ontem – e eternamente tão enjoada – subiria com eles. Mas quero aproveitar o silêncio do POIT vazio e dormir. O enjôo da manhã parece mais fraco hoje, mas não quero arriscar uma subida. E no mais estou irritada pela entrevista de ontem. Não via Eric sorrir há dias, e acho uma provocação que ele tenha sorrido justamente para Francesca.

Eric me lança uma olhada breve. Não dura nada, só o suficiente para entender que não vou subir com eles. Ele se vira e parte a caminho do cume. Francesca e sua equipe o seguem, seguidos de Cláudia, Rafael e os noruegueses.

A equipe de Francesca começa a filmar a subida. Concentram-se em Eric, porque tiram um prazer especial em filmá-lo. Eles vão diminuindo no horizonte até virarem pontinhos no morro, só então dou meia volta no posto vazio e caminho até o refeitório. Ninguém.

Ando ao redor, chamo o cozinheiro, mas acho que ele está dormido. Olho para a sala de computadores e penso em checar o exame que mandei fazer antes de deixar o Rio, para ver se fui diagnosticada com alguma coisa, mas o dia está tão lindo – e eu já me sinto tão bem novamente – que desisto. Caminho mais um pouco e vejo a trilha deserta, na direção oposta, que leva até a praia da desova. Seria maravilhoso caminhar sozinha até a praia.

Olho ao redor procurando algum oficial no posto, mas todos parecem ter subido. Se eu pedisse, alguém poderia ir comigo ou ficar de longe, me observando. É terrível que em um dia tão bonito eu não possa passear pela ilha. Na verdade, é injusto. Não vou nem chegar perto da água, sei do perigo que ela traz, mas porque não posso caminhar até a praia?

— Olá, tem alguém aqui? — falo alto, mãos na cintura.

Ninguém responde. Aparentemente todos seguiram para a escalada, e os que ficaram devem estar tirando um cochilo.

— Oras, mas porque não poderia ir até a praia? — eu me pergunto.

Começo a caminhar em direção a ela. Eric ficaria furioso se soubesse que fui até lá sem companhia, mas ele jamais saberá que fui, porque não falarei para ninguém e estarei de volta antes que alguém sinta minha falta.

Ando olhando para os lados, como se fosse uma criminosa. Caminho cautelosamente até a curva, onde detrás da pedra ninguém pode mais me ver. A sensação de liberdade é maravilhosa. O vento sopra manso e eu estou de tênis, o que deixa a caminhada fácil e simples. Vou com cuidado para não torcer o pé, me arranhar nos pedregulhos nem deixar qualquer indício na pele de que fui caminhar sozinha e sem autorização. *Isso é tão ridículo*. Mas estar aqui, na ilha é tão maravilhoso que só consigo sentir alegria no momento.

Ao alcançar o topo do monte que separam as praias do POIT e a das tartarugas, não consigo segurar a alegria: abro os braços e solto um grito. Logo em seguida lembro que posso espantar algum bicho ou atrair alguém com a gritaria, então calo a boca e desço alegre a pequena duna, tirando o tênis para sentir a areia sob os pés. Estar ali de dia, sob o sol, é tão bom quanto à noite. Não há tartarugas, mas há ninhos. Muitos, tantos que mal consigo contar.

Meu encantamento por ver aqueles ovos mal cobertos sob a areia é inexplicável. Agacho ao lado de um deles, tapando-os com um pouco de areia para que não fervam sob o sol escaldante. Afugento alguns caranguejos, antipatizada, e deito ao lado deles. É tão gostoso sentir o sol que quase cochilo.

Mal noto que atrás de mim alguém se aproxima.

— Mas que diabos! O que está fazendo aqui?!

O susto é tão grande que levanto desnorteada. Ao olhar para trás, vejo Eric. Embora ele esteja eclipsando o sol, vejo que sua cara parece uma gárgula de uma igreja medieval.

— Eric? Você quase me matou de susto! — grito de volta tapando os olhos para não ser ofuscada por ele.

Ele caminha, bravo, pela areia. Penso em levantar e fugir, mas ele para. Tapa o rosto com a mão para proteger as vistas e por longos segundos me encara. Ele está bravo, eu sei. Quando finalmente fala, sua voz sai crispada.

— Você me desobedeceu outra vez?

Levanto batendo a areia da bunda. Quanto drama.

— Qual é, Eric. Tá de dia.

— Você está sozinha! — ele aponta ao redor, para o óbvio. — Não pode

fazer essas caminhadas desacompanhada, eu proibi vocês de fazer exatam...

— ...sim, você proibiu que a gente perambulasse por aí — eu o imito — Mas eu conheço essa trilha como a palma da minha mão, estou a dez metros da água, não estou fazendo nada errado.

— Você não pode estar falando sério, Stella!

— Pois estou! E graças a Deus não tinha aqueles seus vigias de olho em cada passo que dou. Estou cansada deles!

— Não tem que ficar cansada de segurança! Tem que manter-se segura!

— Eles não estão nos mantendo seguros, eles estão vigiando nossos passos!

Pronto, falei. Viro para a água e observo as ondas, sem realmente prestar atenção nelas. Estou brava que ele fez isso comigo. Que cada oficial dessa ilha esteja prestando atenção no que eu ou Storr fazemos – e Deus nos ajude se fizermos alguma coisa juntos. Junta tanto homem ao nosso redor que a praia chega a ficar cheia.

Eric não olha para mim, mas não sai do lugar. Há muitos dias não nos falamos. Já não sei se sinto raiva dele ou apenas desesperança de que um dia nos acertaremos. Não vejo como isso possa acontecer, já que cansei de seu silêncio e de não entender o que o aborrece tanto.

Ele dá um passo em minha direção e ergue a mão.

— Venha, Vamos voltar para o Posto.

Minha vontade é de estapear sua mão. Ele me olha puto, eu o encaro irritada.

— O que você quer, Eric?— pergunto. *O que você quer, me vigiando assim? Fugindo de mim?*

— O que eu quero? Que você não venha mais à praia sozinha!

— Feito. Não virei mais. O problema é que você não quer que eu venha à praia com ninguém mais. É um saco ter dois oficiais entediados pisoteando a praia cheia de ovos — abaixo o tom, voltando a olhar para o mar. — Você cobrou confiança, mas também não confia em mim.

Longos segundos de silêncio total se passam.

— Não é questão de confiança.

Mas é, e ele sabe.

— Você me confunde, Eric. Sei que cometi um erro vindo para cá, mas você fez tudo para que eu enlouquecesse de raiva, e alimentou minha desconfiança se calando sobre a vinda, sobre Francesca...

— Vamos embora, Stella. Sem conversa, vamos.

— Ah, que ótimo. Essa é mais uma dessas interações de duas palavras e vários monossílabos que nunca levam a nada.

Dou as costas para ele, enterrando o ninho que havia desenterrado antes.

— Não me surpreenda que não tenhamos ido muito longe.

A frase é para sair um sopro, mas ele ouve.

— Você está *me culpando* por termos dado errado?

Reviro os olhos, limpando a mão cheia de areia na lateral da bermuda.

— Há mais alguém para culpar?

Ele limpa a boca. Não há mais sinal da mordida que dei, e sinto que minha presença está aos poucos sendo apagada dele. *Sinto falta de seu cheiro*, penso.

Ele olha ao redor, lindo de doer com aqueles óculos de aviador que emolduram o rosto anguloso. Um verdadeiro Adônis esculpido em pedra. *Um adônis muito puto comigo*.

— Sei que errei, eu sei — ele fala. — Mas só tem uma pessoa nessa relação que tinha dúvidas sobre o que queria.

Se foi uma indireta para mim, me errou.

— Sim, só uma pessoa: você. Que viria na surdina para Trindade.

Seu rosto volta a avermelhar. Mas ao contrário do que penso ele não revida, simplesmente me dá as costas.

Eu me arrependo imediatamente de ter trazido o assunto à tona.

— Eric, foi mal. Você está me enlouquecendo com esse silêncio.

Mas ele caminha a passos largos para longe, e não me ouve mais. Quero — mas não posso — dizer que sinto sua falta. Que quero voltar ao que tínhamos antes. Eu errei, ele errou: acabou. Mas não acabou, realmente, não para mim. Eu o desculpo, e quero que me desculpe também. Mas ele já sobe a duna que leva ao posto, e segundos depois desaparece atrás da areia.

Corro atrás dele. Quando chego no topo, olho para os lados mas não o vejo.

Desço amparando a mão na pedra, procurando-o. Encontro-o atrás da pedra seguinte com olhos afiados. Ele também partiu pensando em nós, ou não estaria me esperando ali. Não diminuo os passos, porque sei que ele parou pelo mesmo motivo que eu não desacelero. Ando de encontro ao seu corpo e suas mãos se fecham ao meu redor. Abraço-o com desespero, com força. Que droga de homem, que vício. Seu corpo está em chamas e o meu também. *Finalmente ele*. Sua língua invade minha boca e eu a recebo enlouquecida. Enlaço seu pescoço com tanta força que seria um milagre se

ele conseguisse respirar. Mas ele respira. Em mim. Dentro da minha boca, enquanto me beija de maneira sensual, um beijo molhado e cheio de grunhidos deliciosos de quem sente saudades.

Estou morrendo sem você. Não vejo a hora de repetir a noite que tivemos em seu alojamento, e a outra no caminhão. Quero-o dentro de mim, quero tanto que acho que vou enlouquecer se ele não estiver em mim.

Se ele está bravo porque me pegou perambulando sozinha, desconta na violência do beijo. Ele está afoito, e a fricção começa a ficar descontrolada.

Minhas costas batem na pedra. Ele se esfrega em mim, enlouquecido, soltando aqueles rosnados *sexies* que eu adoro. Enfio a mão sob sua blusa sentindo a delícia que é sua pele, a temperatura, a maciez. Ela está quente, suada e cheirosa. Levanto a malha pela barra e me esfrego em seu peito, louca para estar nua sob ele em algum lugar. Pode ser aqui.

Espero que ele me pare, mas ele não para. Ele aperta minha face com as mãos e gira a cabeça, beijando-me de outra forma, de outro jeito, explorando outros cantos. Suga meus lábios – primeiro o de cima e depois o de baixo, olhando para minha respiração entrecortada. Suas mãos fazem delícias nas minhas costas, e o volume da sua calça passeia pela minha virilha.

Estamos caminhando para o retorno. Vamos ficar bem outra vez.

Sinto a água chegar mansa até meu tênis, enquanto afundo na areia. Não estou nem aí, só quero o beijo e tudo mais que vier com ele. Há tanta paixão naquele contato que estou atordoada. Há quanto tempo ele não se entrega assim?

Apalpo seus braços, inebriada pelo seu cheiro.

— Desculpe, Eric. Desculpe por qualquer coisa que fiz ou falei.

Estou desesperada para tê-lo outra vez. Quero seu carinho, seus olhares apaixonados, seu amor novamente. Quero Eric mais que tudo nessa vida. Eu o desculpo por não saber conversar, eu o aceito do jeito que for, se isso significar que estará comigo. Cansei dos joguinhos. *Cansei.*

Ele me ignora. Parece resoluto em me beijar, perdido em uma bolha de tesão que não permite ouvir o que digo. Ele arranca a camiseta que eu tanto tentava me livrar e a joga atrás da pedra. Seu peito está nu. Seu peito largo e deslumbrante, coberto por uma fina película de suor, está nu.

Largo sua boca para beijar seu pescoço, seu peito, seu mamilo arrepiado. Passo a ponta da língua sobre ele, louca. Por que ele não está arrancando minha roupa e se embrenhando em cada orifício meu?

Ele traz minha boca de volta para a sua e não entendo mais seu jogo. Mas

eu aceito. Eu aceito. Entrego-me a beijos longos e molhados, cheios de abraços fortes e barulhinhos deliciosos. Não pode haver raiva quando se entrega assim tão loucamente, não dá. Ele quer ficar perto de mim e eu o amo por isso.

Ele me olha longamente, observando cada centímetro do meu rosto. Então com um gesto brusco me vira para a pedra e me pressiona contra ela. Fecho os olhos contra a superfície áspera e morna que toca meu rosto, sentindo sua língua quente correr meu pescoço e minhas costas. Ele fala alguma coisa como o salgado da pele ter um toque de morango. Acho que gosta, porque em seguida me morde na altura das axilas. Estremeço inteira, sentindo-o pressionar o corpo contra mim. Ele me prende com as pernas, me morde outra vez, ali onde o pescoço encontra os ombros. Chupa a pele com carinho, massageando as costas e os seios por cima da roupa.

— Eric... — sussurro entorpecida por ele. Ele me vira. Tiro o cabelo da frente do rosto para observá-lo.

Então ele desce a mão bem devagarinho pela minha roupa e acha meu sutiã debaixo da camiseta. *Sim, sim.* Agarro a barra da minha blusa para subi-la mas ele não deixa. Enfia a mão por baixo da minha roupa e desabotoa meu sutiã. A peça afrouxa na frente do peito sensível e com todo cuidado, sem tirar os olhos dos meus, ele tira uma alça por dentro de uma das mangas e faz o mesmo com a outra. Meu sutiã desce pela barriga e ele o pega. Amassa-o entre os dedos e enfia-o no bolso.

Agora estou de camiseta, sem nada que oculte os dois pontos excitados sob o tecido de malha.

Ele sobe novamente a mão e acaricia meus mamilos. *Isso, mais.* Tento levar a mão até o botão da sua bermuda mas ele traz minhas mãos até seu pescoço. Franzo o nariz para ele, sem entender o que ele quer.

Ele mostra o que quer. Desce a boca até meu peito e mordisca o biquinho por cima da blusa. Estremeço pelo toque, doidinha pela situação. Ele começa a me chupar sobre o tecido. Ofego, agarrada ao seu cabelo, o rosto sumido entre suas mechas, enquanto sinto sua língua fazer loucuras. A pele do bico anda sensível e o atrito da camisa contra ela me faz bater a mão na pedra em agonia. É um prazer misturado à dor, nunca senti nada assim.

Ele continua a sucção, primeiro em um, depois em outro. Minha camisa é de um verde que quando molhado, escurece. Tenho agora dois pontos molhados na frente dos bicos, enquanto Eric oscila entre chupar um e outro, sem me dar chance de incentivá-lo a ir mais para o sul, mais para baixo, onde

me sinto melada e pulsante.

— Tire minha calça... — gemo quando ele morde um dos seios.

Ele ignora. *Ok, ele quer fazer tudo devagar. Está ótimo por mim. Temos o dia inteiro para isso.* Tento pegar em seu membro, mas ele afasta a cintura das minhas mãos. Se não estivesse tão doida por causa da brincadeira eu acharia que ele está brincando um pouco demais. Ele está me provocando.

Afasto sua cabeça, sem entender o que ele está fazendo.

— Eric. Estou muito melada — falo para que algo acenda nele. — Muito mesmo. Eu quero sentir você. Aqui.

Uma nuvem de incerteza cruza seus olhos. Então ele dá um passo para trás, a água do mar chegando na canela.

— Não.

— Não o quê?

Ele dá mais um passo para trás e eu arregalo os olhos. Sim, ele estava me provocando. Ele não vai transar comigo ali!?

— Por algum delírio você acha que pode burlar as regras e não precisa obedecer ninguém. Mas você está errada. Existem regras na ilha, e fui muito claro quanto a essa. Não quero você circulando sozinha. Não faça isso outra vez.

Abro a boca, sem entender.

— Como é??

Ele olha para o estado da minha blusa e chacoalha a cabeça.

— Você precisa parar de me provocar.

Ponho as mãos na cintura, irritada demais com aquilo

— Oi? Você acha que vim à praia para te irritar? Quem você acha que é, o centro do universo? O próprio Deus-Sol?

— Você está proibida de vir à praia sozinha. Proibida, entendeu?

Ele estende a mão e pega sua blusa. Coloca-a em poucos e breves gestos, olhando para mim.

— Da próxima vez que pegar você me provocando, mandarei a ilha inteira vigiar seus passos. Estou avisando: isso é gente à beça passeando por aquela praia.

— Seu filho da puta!

— É melhor esperar um pouco antes de voltar — diz dando uma última olhada para a minha camiseta. — Seus faróis ainda estão acesos.

VIGIA

ERIC



A provocação cobra seu preço, e ele é alto.

Pelos próximos dias eu a evito de todas as maneiras, mas ela está sempre ali, próxima – eu a coloquei perto de mim –, torturando minhas ideias com sua presença.

Os Noruegueses a adoram, e eu entendo bem o porquê. Ela é animada e curiosa, disposta e bem humorada. Não há tempo ruim quando se trata de tartarugas, e *sempre* se trata de tartarugas. Os oficiais também já a elegeram a melhor atacante dos time dos sargentos, e embora tenham perdido todos os jogos que acontecem no fim de tarde, continuam a adorar a garota que não tem medo de voltar para casa com o cabelo cheio de areia.

Eu odeio que todos a adorem, porque *eu a adoro*.

Baixo os binóculos quando o grupo some atrás da pedra que separa o POIT da praia da desova e dou um chute no pé da mesa. Os passos na varanda me fazem afastar o binóculos de perto de mim. Ninguém pode saber que ando vigiando seus passos.

Um dos tenentes sobe as escadas do centro de controle, batendo com os nós dos dedos na porta de vidro.

— Capitão. Posso entrar?

— Claro, tenente.

Ele entra e a porta bate atrás dele.

— Fizemos a troca de turno. Sargento Anselmo assumiu o grupo.

É um exagero colocar tantos oficiais à disposição do grupo sendo que a maré está baixa e todos já fizeram aquele caminho uma centena de vezes. Mas há algo mais que peço a eles, algo que Sérgio não sabe porque pedi discrição. Eles devem me contar se alguém do grupo de noruegueses se engraçar com alguém do grupo de biólogos. Eles devem me contar se ouvirem algo estranho. Devem me contar se não ouvirem nada.

Nem todos sabiam, no começo, que eu e a bióloga ruiva tivemos um relacionamento, mas a notícia se espalha. Em questão de dias a ilha inteira está vigiando-a. Tudo na maior discrição, claro.

O tenente, figura conhecida com quem eu já viajei outras duas vezes para cá, tira o boné e coça a cabeça, tentando achar uma maneira de dizer o que pretende.

— É que...

O pobre homem não sabe como dizer aquilo. Procura Sérgio ao redor, querendo sua ajuda, mas não quero que Sérgio saiba que ando pedindo para saber *tudo*.

O nervoso se acumula sobre a pele do coitado. *O que quer me dizer e não consegue?* A cabeça dá voltas, e a imagem de Stella nos braços do biólogo norueguês embrulha meu estômago.

— É que...

— Diga logo, homem! — Minha frase sai alta e desarticulada. Não gosto de ouvir meu tom, ele mostra de todas as formas como estou desestabilizado.

— Eu ouvi os noruegueses conversando.

— E?

O homem põe o dedo sobre a mesa e desenha alguma coisa qualquer enquanto pondera se fala ou não o que viu.

— Vai parecer fofoca ... Mas enfim. Eu estava no fim da fila. Estávamos voltando da praia e ninguém estava prestando atenção em mim. Os biólogos do Rio estavam na frente, o povo de fora atrás. Eu vi uma coisa, e como o senhor foi muito específico sobre o que eu deveria observar... — o homem sobe os olhos e sinto o pescoço avermelhar.

Sim, fui específico. Ele deveria reportar se visse algum tipo de gracinha pra cima dela.

O homem ergue o boné e coça a cabeça outra vez.

— Eles estavam comentando sobre mulheres, porque abriram as mãos e fizeram curvas, e olharam para elas ... acho que estavam falando de Stella.

Por um segundo eu permaneço de pé, no lugar. *Eric, não é nada.*

Isso é bobeira, deixe disso.

Foi uma brincadeira entre homens.

Eles poderiam nem mesmo estar falando dela.

Mas um único pensamento negativo – na verdade, as duas palavrinhas mais traiçoeiras do mundo – passam na frente de todas as ponderações, tomando a dianteira: *e se...?*

E se ela se encantou por ele? E se eles tem mais coisas em comum que eu? E se ela gosta do jeito como seu riso é fácil e ele não a provoca sem ideia do que está fazendo?

— Que gesto eles fizeram? — pergunto agoniado. — Fale, homem! Como era o gesto?

O homem ergue nervosamente as mãos e tenta imitar o que viu. O que faz, no entanto, pode ser um violão, um casco de tartaruga, uma amпуlheta ou um berimbau.

Mas e se for Stella?

Em um segundo estou de pé, sem palavras na frente do homem, no próximo estou saindo porta afora sem saber o que vou fazer – apenas *que vou fazer*. Eu vou saltar sobre eles e socar a cara de todos. Eu vou esmurrar cada um deles, e arrancar os dentes de todos, e eu...

Sérgio vem caminhando na direção oposta e me encara, alerta, ao ver que algo não vai bem. Quando enxerga atrás de mim o oficial correndo ao meu encalço, entende tudo. Que eu ouvi algo que me desnor-teou. Que meus nervos e meu coração estão em frangalhos depois de dias de silêncio. Que ando agindo de forma errática e que sinto loucamente a falta dela.

Que por tudo isso sou capaz de fazer uma loucura.

Sérgio colide contra mim, ágil, amparando meus ombros com ambas as mãos.

— Ei, ei, ei, de volta ao centro, agora.

— Me solta — tento me desvencilhar dele. — Eu preciso falar com ela.

— Stella? Só se for por cima do meu cadáver.

Meu rosto está vermelho e as palavras difíceis de sair. Arrasto a mão pela barba malfeita, abro e fecho os punhos. Desde que terminamos estou me comportando de um jeito estranho, como se dentro de mim existisse uma nuvem escura que me enche de pensamentos sombrios. Quero tanto voltar no

tempo, ao momento antes de tudo. Antes do incidente japonês, antes da notícia da vinda, antes da briga com ela, da festa, da foto com Francesca. Antes de saber que ela não tem intenção de se unir a ninguém, e quer viajar e conhecer o mundo, sozinha, porque não precisa de mim como eu preciso dela.

Que merda de homem imporia uma moratória à namorada na intenção de segurá-la para si?

Eu. Aquele que precisa desesperadamente dela.

— Eu sou capaz de fazer uma loucura se eles... se ela e ele... se...

Sérgio enxerga o que eu tento não ver em mim. Que me tornei o homem mais miserável do mundo.

— Pra cabine — ordena, olhando ao redor. Estou surtando e ele não quer que ninguém veja. Para o bem da missão, meu surto deve ser contido.

Eu me sinto melhor quando saio do calor abafado das passarelas e retorno ao ar condicionado da sala. Sérgio não entra imediatamente. Ele conversa com o tenente, explicando que não deve mais montar vigília ao lado do grupo de biólogos, suspendendo a ordem de vigiar Stella para mim. Os Noruegueses e os biólogos conhecem o caminho e os procedimentos de emergência. *O que Stella faz e deixa de fazer é problema dela*, ouço-o dizer.

Ele tem razão, eu não tenho nada com isso.

Sento na cadeira. Os braços tombam sobre as pernas, e finalmente algo dentro de mim desaba. Foi tão estúpido cercá-la de olhos na ilha. Está sendo tudo tão irracional e diferente do que eu sou. Tentei por muito tempo manter-me duro e insensível, na esperança de que deveria puni-la por não gostar suficientemente de mim. Estou agindo como um babaca, um menino bobo e infantil. Stella é livre para fazer o que quiser.

Tive minha parcela de culpa em cada fim de relacionamento. Tenho nesse, com certeza, também. Ainda não aprendi a lição, mas aprenderei. Vai doer, mas não dá mais para forçar essa situação.

Quando Sérgio entra, já voltei a ser o cara de antes. Ele sabe, porque o olho com um misto de vergonha e arrependimento.

— Preciso dar o esporro ou você já caiu em si? — ele pergunta.

— Já cai em mim. Mas fique livre para dar o esporro.

Ele recosta na mesa e cruza os braços na frente do corpo.

— Você estava indo falar com ela ou com eles?

— Que diferença isso faz?

— Estou tentando adivinhar o que constaria na sua dispensa da Marinha.

Surto psicológico? Inadequação para o cargo?

Abaixo a cabeça entre as mãos.

— Não ia fazer nada louco.

— Mas ia fazer alguma coisa. E qualquer coisa seria loucura.

— Eu estava nervoso.

— Você precisa se entender com Stella ou esquecê-la. Como a segunda opção não dá, talvez devesse dizer a ela o que sente. Você vai explodir.

— Você não entende.

— Seu jogo de provocações com ela? Não mesmo. Ela está aqui, e daí? A ilha é do Brasil, não sua.

Faço que não com a cabeça. Não é isso.

— O que está acontecendo com você, Eric?

Ergo os olhos. As mãos estão na frente do rosto, os indicadores unidos na frente da boca. Estou com raiva, sim, e já faz um tempo que sei o motivo. Não é por causa de sua vinda, nem por ter se metido com Marina e seu pai. Bem... *é também*.

Estou surtando porque queria que ela tivesse nos dedos a porra do anel que ela não ficou sabendo que comprei. Por que descobri, e cedo no relacionamento, que nunca mais gostaria de dormir longe dela. Que sinto uma loucura sem forma e tamanho certo por ela. Que penso dia e noite em acordar ao seu lado.

— Sei o que está acontecendo comigo, mas nunca me vi assim.

Sérgio abaixa a cabeça. Não há nada errado acontecendo, só a boa e velha dor de cotovelo. Estamos terminados e todo aquele amor que sentia por ela continua aqui, no peito, enrolando-se ao redor de si mesmo.

— Não sei o que dizer, Eric. Além, claro, do que você já sabe. Se quiser saber a resposta que ela daria ao pedido de casamento, precisa perguntar a ela. Só que pelo amor de Deus, faça isso ou não faça mais nada. Você não pode colocar os oficiais para vigiá-la. A menina é livre para fazer o que quiser.

— Eu sei.

— E também não pode entrar no jogo de ciúmes que ela está jogando. Sei que ela se aproxima do norueguês quando você chega perto dela, e vi você fazendo o mesmo com Francesca.

Abaixo outra vez a cabeça. Sei disso também.

— E tenho certeza que se entenderão em breve, quando voltarem para o Rio.

— Esse é o problema. Eu quero tudo com ela. Eu quero *tudo*, mas para ela eu sou...

Coço a sobrancelha com o polegar. Para ela eu sou um *fetichê*. *O cara que trepa com ela. O namorado que ela acha sexy. E só. Deus, como isso teria bastado com outra.* Como isso me incomoda profundamente agora.

Sérgio exala, olhando a janela.

— Só não faça nada errado. Por vocês.

Afirmo com a cabeça. Foi uma imbecilidade, uma loucura sair do centro em direção ao grupo. Eu faria algo do qual me arrependeria amargamente, e para sempre.

— Obrigado — digo para ele.

Ele assente, encerrando o assunto.

FIM DE TARDE

ERIC



Naquele fim de tarde eu finalmente saio de casa.

Aceito finalmente o convite para a última pelada na ilha, tentando fazer com que a despedida anule os desastres de humor das últimas semanas.

Visto shorts, uma camisa branca – o time é sempre camisas brancas contra camisas pretas – e calço o tênis. Chego na quadra e encontro o time dela se aquecendo. Ela está entre eles, e toma um susto ao ver que aceito jogar. Tento ser simpático – o que significa que tento ser menos imbecil e babaca – e a turma me recebe sem grande euforia. É justo que não se animem com a minha participação.

Somos oito de um lado e nove do outro, e por causa disso um dos noruegueses é empurrado sem entender nada para o time de Stella.

O jogo começa com um apito. É estranho não olhá-la, já que é a única mulher da turma e todos são ferozes em protegê-la. Sei bem como é, ela desperta o mesmo em mim.

Corro atrás da bola, sempre cedendo quando ela se aproxima. No

princípio todos estranham quando largo a posição quando ela chega perto, mas o que vou fazer? Driblá-la? Puxar sua camisa para tirá-la da frente?

A danada aproveita que me inibe para fazer o primeiro gol, e logo sou alvo das baixarias da turma. A turma não poupa palavrões durante os jogos.

Stella me olha do outro lado, suada e cansada, sem entender porque estou ali e porque não a considero uma jogadora competente. Não é nada disso.

Ela recebe uma bola e corre em minha direção. É surreal vê-la se aproximar correndo – olhos no gol, foco na trajetória da bola –, mas se perder um gol porque não quero magoá-la é capaz de me jogarem no mar. Posiciono o corpo a fim de tirar a bola dela, mas ela me dribla e com o jogo de cintura acabo caindo na areia. A turma vibra, vai ao delírio. É gol, marcado por ela, e eu acabo entendendo que não sou páreo para ela nem mesmo no futebol.

Ela celebra com um abraço no norueguês. Finjo não ver – me concentro na conversa com Sérgio, no grão de areia que brilha sob a luz da lua, nas coisas que não controlamos na vida. É a vida. Nem sempre a vida que a gente escolhe, mas a que sobra pra gente viver.

O jogo termina em empate quando alguém fura o bloqueio do outro lado e faz um gol. A partida termina com muita gente reclamando, todos suados, ela saindo de campo enquanto me lança um último olhar.

Sentamos ao redor da fogueira improvisada e o cozinheiro toca a sineta do restaurante. O jantar está pronto. A grande maioria sai para tomar banho antes da comida, e eu apenas observo o grupo dela interagir com os outros.

Levanto disposto a tomar um banho também, quando alguém passa pelo aparelho de som encostado no canto e aperta o play. A melodia conhecida causa um aperto estranho no peito. Quando a letra começa, é comigo que fala.

*"Palavras não bastam, não dá pra entender E esse medo que cresce não para
É uma história que se complicou Eu sei bem o porquê*

*Qual é o peso da culpa que eu carrego nos braços Me entorta as costas e dá
um cansaço A maldade do tempo fez eu me afastar de você*

E quando chega a noite e eu não consigo dormir

Meu coração acelera e eu sozinha aqui Eu mudo o lado da cama, eu ligo a televisão Olhos nos olhos no espelho e o telefone na mão...”

Quando a música termina eu me viro. Não foi só eu quem a ouviu. E o que ela ouviu causa nela o mesmo que causa em mim.

AMORES ACABAM

STELLA



Depois de duas semanas de tortura, chega finalmente o último dia na ilha.

Oficiais e civis estão aliviados. A ilha é linda, os passeios são ótimos, o trabalho foi produtivo mas todos têm motivos para quererem ir embora.

Os preparativos para a última noite estão à toda. Os cozinheiros passam com a comida que será assada no forno externo, a cerveja estará liberada durante a festa e mal vejo a equipe de filmagem, que aproveita cada pôr-do-sol e minuto extra para gravar as últimas tomadas.

Os últimos dias foram horríveis, e se antes Eric apenas me evitava, depois ele passou a evitar todo mundo. Passou a comer no Centro de Comando, se recusou a andar com a turma, e só voltava à casinha tarde da noite. Nem Francesca conseguia convencê-lo a se juntar ao grupo.

Até que ele aparece para jogar a última pelada, e eu desmorono.

Foram dias pensando no que aconteceu na praia, no dia da escalada ao monte. Desde aquele dia entendi que Eric não gosta mais de mim. Ele só não consegue resistir ao sexo. Que é bom, sempre foi, e sempre seria. Mas a

verdade é que tanto eu quanto ele sabemos que atração física, só, não basta. E só de pensar nisso, sinto uma pontada no coração.

Penso no que aconteceu entre a gente e simplesmente não entendo. O que foi que mudou? O que aconteceu nos últimos tempos que o fez parar de gostar de mim?

Foi o reaparecimento de Francesca em sua vida, concluo. Eric está balançado. Estava em um relacionamento comigo, mas não esperava ver a ex. Gosta do sexo comigo, mas nutre sentimentos profundos por ela.

Apoio o rosto no parapeito da janela, inquieta. Tomei banho, tirei a areia da cabeça, driblei-o em campo, mas não da vida. Mas descobri, pensando, que é por isso que ele não quis consumir o sexo das últimas vezes. Ele não sabe como me dispensar. É isso que está deixando-o tão abalado e confuso, tão isolado. Ele gosta da outra ainda, e descobriu isso enquanto estava namorando comigo. Ele só não sabe como me dizer.

Como poderei dormir outra vez sabendo que ele vai voltar para ela?

Penso em andar até sua casa para aquietar meu coração. A viagem está no fim. Quero pedir que seja sincero comigo, prefiro sofrer a continuar pensando besteiras. *Diga a verdade, Eric: você está gostando dela outra vez, não está?*

Mas o que farei quando ouvir dele a verdade? Como vou viver depois dela?

No céu, a escuridão é tão profunda que sinto estar no espaço. Luzes brilham longínquas, sóis distantes que não iluminam nada. Sinto um desalento profundo no peito e na alma. Cresce, cada vez mais, a certeza de que eu não deveria mesmo ter vindo para cá nessa pernada. *Que trapalhada.*

Olho para a casa escura. *Eu poderia acabar com tudo isso agora.*

Mas não acho a coragem de ir até lá. Se ele está gostando dela, que fiquem juntos. Fui trocada antes e sobrevivi. Sei que esquecer Eric vai ser a coisa mais difícil dessa vida, mas se não for para ser perfeito - com amor e fidelidade - não quero para mim.

Sem a proteção da raiva, estou desamparada. Parecia tudo tão mais divertido quando pensava que havíamos apenas tido uma briga boba, e que iríamos nos acertar. Mas nada se acertou, tudo piorou. Por isso choro em silêncio, sem entender o que deu tão errado em um romance tão perfeito.

— Stella!

Enxugo os olhos, fingindo estar bem. Cláudia chega acendendo as luzes e espantando o baixo-astral.

— Stella, você precisa me ajudar. Você e Rafael precisam pensar em um

jeito de me deixar a sós na praia com Storr. Sem os oficiais vigiando cada passo nosso, sem curiosos para ver os ovos das tartarugas.

— Quê?

— Hora de Viking Gostosão, bebê! — ela bate palmas, animada.

Rafael se joga sobre a cama, tampando o rosto com o braço em um gesto dramático *à la* Scarlett O'hara.

— Simplesmente não aguento mais ouvir a palavra *Viking gostosão*.

— Ele finalmente disse alguma coisa? — pergunto sentando em sua cama.

Cláudia e ele estão conversando mais, e ela se tornou sua pessoa preferida na ilha. O problema é que o norueguês é lento na ação e Cláudia enferrujada demais para tomar a iniciativa.

— Mais ou menos — ela responde.

— Mais para menos — Rafael diz com a cara enfiada no travesseiro.

— Fica quieto, Rafael. — Ela se vira para mim. — Preciso que você ache na nossa mala alguma coisa *sexy*. Cadê aquele seu sutiã verde, lindo? Andei procurando na nossa mala e só achei essas lingerie com o elástico soltando.

— *Nossa* mala? — digo, enrubescida pela lembrança do sutiã verde. — Você já está usando tudo que tenho!

Ela aponta para as minhas roupas.

— Você só tem *isso*? Como pode ter colocado só isso na mala se Eric estaria aqui?

— Vim para *brigar* com ele, e não agradá-lo com meus sutiãs. *E caso eu acabasse agradando*, eu não precisaria de roupa, né?

— Não precisa de roupa porque debaixo do sutiã está tudo firme no lugar — ela fala remexendo minhas coisas. — No meu caso, que preciso comprar sutiã em loja de material de construção, a situação é outra.

Ela desiste de remexer na mala e joga tudo sobre a cama.

— Espere — tento entender. — Vai rolar alguma coisa *hoje* com Storr?

Ela me olha com olhos sonhadores.

— Hoje vai. Ele disse mais cedo, com todas as letras, que na Noruega eles adoram *mulheres experientes*. Aí eu disse: Ó, sou uma mulher experiente! Então ele piscou aquele olho lindo dele para mim!

Ela repete, como se eu já não tivesse entendido.

— Eu sou essa *mulher experiente*.

— Desde então ela já falou mais de cem vezes "*hashtag partiu Noruega*"

— Rafael fala sentando na cama, analisando junto com Claudia minhas

roupas de baixo.

— Ei, ei, ei , larguem tudo aí — digo guardando minhas coisas. — Você não pode dar nada para ele hoje — decreto.

Nenhum dos dois parece ter entendido o que eu falei.

— Como assim? Por que não? — Cláudia pergunta.

— Porque não.

Não quero explicar que ver seu relacionamento com Jonas ruir de vez é aceitar que o meu também está ruindo. Que é horrível que o amor acabe tão facilmente. Que relacionamentos chegam ao fim. Que somos uma espécie horrível, que abre mão de coisas importantes por coisas transitórias.

— *Porque não* não é resposta — Rafael diz.

Cláudia puxa as calcinhas da minha mão.

— Eu me recuso a ouvir uma mulher que deu para um estranho no banheiro de uma festa.

— *Tentei dar*, mas não deu certo — eu a corrijo. — E no mais, Cláudia, você deveria atender as ligações de Jonas antes de fazer isso.

Ela me ignora. Olha para algum lugar no teto do casebre e diz a frase seguinte com ares sonhadores:

— Amiga, imagina a cena. Se eu traço aquela coisa linda essa noite, morro feliz. Podem colocar no meu epitáfio: foi de vez, mas foi feliz! Pode botar!

— Jonas morre logo em seguida — Rafael faz um muxoxo.

Cláudia se chacoalha, como se para espantar um encosto.

— Não invoca aquele imbecil. Ele me trocou por uma mulher mais nova, esqueceu? Aliás, posso dizer agora, com toda a certeza: trocar um traste por alguém mais novo é uma boa ideia.

Eu e Rafael nos olhamos.

— Stella tem razão, Cláudia: antes de se jogar em cima do diretor da *Friends of the Sea* você deveria responder as mil mensagens que Jonas e seus meninos deixaram no celular.

Ela finge não ouvi-lo. Começa a colocar minhas blusas na frente do corpo e virar-se de frente para o espelho, tentando decidir o que vestir.

— Se você não chorasse todas as noites por causa do fim do casamento, eu até poderia te apoiar — digo sem piedade. — Não somos surdos.

— Stella, é você mesmo? — ela cantarola. — Por que não fiquei falando de Maurício quando decidi que ia seguir adiante com Filé Mignon no banheiro daquela festa.

— Eu não tinha *três filhos* com Mauricio, e Maurício não estava tentando desesperadamente falar comigo!

Ela larga minhas blusas e aponta para o lado oposto da ilha.

— Você já viu Storr? Como pode me dizer para não aproveitar a oportunidade?

— Só estamos pedindo que ouça o que Jonas tem para falar.

Ela olha para um, depois para outro.

— Não estou vendo em vocês esse bigode chinês que parece aumentar a cada ano — ela aponta para o próprio rosto. — E nem esse pescoço de Pelicano. Portanto, se Storr também não está vendo, me deixem. E no mais, — ela pega uma blusa e uma bermuda e marcha para o banheiro — Se vocês vissem quão nova é a menina que Jonas escolheu, me dariam todo o apoio. Ela não deve ter dois anos a mais que minha filha mais velha. Agora eu te pergunto: que consideração preciso ter por ele? Que se dane o que ele tem para me dizer.

— Você podia pelo menos atender as ligações, ninguém mais aguenta ouvir seu celular tocar — Rafael diz.

— Não quero saber de UM único problema que venha dele. As crianças estão vivas – comendo miojo todos os dias, mas vivas – e eu vou dar uns beijos e outras coisas para aquele bárbaro maravilhoso, e ninguém vai me impedir. Nossa, chego a ficar arrepiada só de pensar.

Todos ali se arrepiam só de pensar, porque convenhamos: Storr é um deslumbre.

— Não esqueçam de adicionar ao epitáfio: *deu para um norueguês de dois metros de altura por um de largura*. Falo amanhã o tamanho do resto para o epitáfio ficar completo.

— Ninguém vai visitar seu túmulo! — Rafael avisa aborrecido enquanto ela bate a porta.

Concordo com Rafael, e desisto de convencê-la do contrário. Nada nesse mundo vai dissuadi-la de rolar na areia com o loiro bonitão.

— Que triste — Rafael suspira deitando no meu colo. Acaricio seu cabelo, penalizada pela situação. — Quando eu me casar, quero que seja para sempre — ele completa a frase, fechando os olhos de sono.

Olho para ele e sorrio. Talvez esse menino seja o último romântico do mundo.

— Sabe o que é mais triste do que isso? — Claudia abre a porta do banheiro e diz para mim, já que Rafael parece dormir. — Triste é não existir

culpado nessa história. Nosso relacionamento acabou por falta de originalidade: ele se interessou por alguém mais jovem. Estava chato? Estava. A única coisa que sustentava tudo eram os filhos. Foram vinte anos de amor, mas mesmo vinte anos de amor chegam ao fim. Nada consegue deter o coração quando ele começa a bater por outro. Nada.

Ela pega a toalha sobre a cadeira e pausa na porta do banheiro, tomando coragem para concluir.

— Essas coisas acontecem, Stella. O amor acaba e a vida segue.

Ela entra no banho e eu fico com suas palavras na cabeça. É tão triste vê-la admitir que amores acabam e que assim são as coisas. Limpo uma lágrima. Levanto da cama ouvindo o chuveiro de Cláudia e o ronco manso de Rafael. Sobre a mesinha o celular de Cláudia toca outra vez.

Jonas.

— O amor acabou, meu amigo. Deixe-a com o que sobrou — falo para o quarto silencioso, abrindo a porta e saindo. Abraço o casaco contra o corpo olhando o alojamento de Eric. A luz está acesa, ele está lá.

É tão triste pensar que o tesão se sustenta, mas o amor não. Não deveria ser o contrário?

Ando até sua casa. Quero ouvir dele que não me ama mais. Eu aceito que seja só sexo, isso também acontece. No início era tudo o que queria dele, achei que nunca pudesse me entregar de novo para alguém, não é verdade? Mas o amor aconteceu. E ficou imenso, e agora quase não cabe mais no peito.

Preciso ouvir dele que o dele acabou. Não pode doer mais do que está doendo.

Bato à porta.

Não tenho medo de fins. Serão meses ruins, só isso. Viverei, no entanto, para o resto da vida com os últimos meses guardados no meu coração. Eric não é um homem fácil de esquecer.

ANEL DE NOIVADO

ERIC



Abro a gaveta com o peito comprimido. Tiro de lá a caixinha aveludada, onde um anel repousa à espera de sua dona. Essa pedra nunca viu a luz do dia. Nunca chegou a deslizar pelo dedo que deveria. Coloco a caixa sobre a mesa pensando em tudo que vivi ao lado dela. A certeza, pelo tamanho daquele amor, que ela diria *sim*. Que ela gostaria de passar o resto da vida comigo. *Por que, mesmo, cheguei a achar que ela aceitaria?*

Não sou pessoa de atos impulsivos. Comprei a aliança por convicção absoluta de que Stella gostaria do gesto romântico de pedi-la em casamento. Agora não consigo oferecer-lhe a aliança, nem me desfazer dela. A verdade? Me sinto muito imbecil por ter comprado essa aliança.

As batidas na porta me despertam.

— Pode entrar — falo.

— Posso mesmo?

Olho para a porta e vejo Francesca dentro do quarto, com a mão na maçaneta.

— Em que posso ajudar? — pergunto, seco. Não recebo pessoas dentro do alojamento, com pouquíssimas exceções, e Francesca não é uma das exceções que gostaria de abrir.

— Preciso falar com você, Eric.

— Já está falando.

Ela sorri. Ajeita o cabelo, suspira e fecha a porta.

— Você não mudou nada em algumas coisas. Já em outras, mudou muito.

— Francesca, se esse assunto pode esperar, gostaria de pedir que falássemos sobre ele amanhã, no navio. Hoje são os festejos de encerramento e estou ocupado.

— Quero conversar com você sobre uma coisa.

Recosto na mesa, cruzando os braços.

— Que coisa?

Ela se aproxima devagar. Suas mãos estão na frente do corpo, e ela estala os dedos.

— Você e a bióloga eram namorados?

Olho para a porta, querendo que ela saia. Ainda temos uma viagem de três dias pelo mar e quero evitar confusões. *Mais confusões*. Não gosto que pergunte aquilo, dá uma falsa ilusão de que ela ainda tem alguma coisa a ver com minha vida. Além do fato, claro, de trazer à tona um assunto difícil.

— Não precisa responder — ela diz quando não falo nada.

— Algo mais, Francesca?

— Não — ela responde. — Acho que só queria dizer que agora entendo você.

— Sobre o quê?

Ela dá de ombros.

— Eu precisei passar esses dias na ilha e *ver* com meus próprios olhos.

Não estou entendendo o que ela quer. Ela sobe os enormes olhos azuis até os meus.

— Você e eu, por exemplo. Eu sofri muito quando a gente terminou e sempre coloquei a culpa na ilha. No seu trabalho. Em você. Eu nunca entendi como pudemos terminar de forma tão brusca. Havia amor no início.

Abaixo a cabeça. Coloco a caixinha sobre a mesa atrás de mim, tentando fazer com que algo saia. É menos difícil falar sobre o passado do que sobre o presente.

— Não sei quanto amor é necessário para segurar um relacionamento. Realmente não sei.

Ela suspira, olhando para outro lado. Acho que também não tem a resposta.

— Mas não quero que entenda mal a minha vinda aqui — ela diz. — Sou

feliz sozinha. Realmente feliz.

Baixo a guarda. Ela realmente não parece mal. Foram dias agradáveis ao seu lado na ilha, e ela não cruzou a linha nenhuma vez. Sua presença inflama Stella, é verdade, mas Francesca parece mais interessada em seu trabalho do que em mim. Ela facilitou muito essa viagem, e por isso a agradeço.

Sorrio para ela. Desarmada, posso me reconectar de alguma forma ao que diz. Eu nunca me perguntei realmente porque as coisas entre nós acabaram, e deixei de aprender lições valiosas por causa disso. Me pergunto se repeti algum desses erros com Stella.

— Você vinha para Trindade na época em que ficava quatro meses fora, lembra? Era muito duro para mim, no início, esperar por você. A princípio sentia sua falta, depois já não sentia mais. Não sentir falta é igualmente ruim.

— Você e eu não tínhamos muito em comum.

— Hoje sei disso.

Ela investiga a casa, talvez pensando se era aqui que eu ficava naquela época.

— Mas aqui na ilha eu *entendi*. O amor que você tem por ela, os motivos que o traziam para cá. Você não estava fugindo de mim; a ilha é realmente um lugar especial.

Sorrio. Sim, ela entendeu Trindade. Ela sorri de volta.

— Era só isso. Não tenho pretensões a nada, acho que me confundi no começo, quando vi que você e... *uau*. — Ela olha para mim e ri, divertida. — Você era um gato quando éramos casados, mas hoje entendo por que insistiram tanto para filmarem você aqui.

Balanço a cabeça. Só de pensar na história volta o mau humor. Aquilo me rendeu muita dor de cabeça nos últimos tempos.

— Não vou mentir que quando encontrei você naquela festa, achei que poderíamos reascender um pouco daquela fogueira que nos queimava no início. Mas então percebi que seu coração estava ocupado. Por uma ruiva. — Ela ri, divertida. — Uma ruiva *natural*, não essa porcaria que coloquei no cabelo para chamar sua atenção e, preciso dizer, me arrependi.

Sorrio, balançando a cabeça.

— Não é você.

— Sei disso muito bem, Eric.

Ela dá mais um passo e vê atrás de mim, sobre a mesa, a caixa do anel.

— Você ainda não me respondeu, querido ex-marido. A bióloga é sua namorada?

— Era. Não é mais.

— Oh... — Ela liga os pontos. — Você queria ser mais do que só namorado, Eric Saldanha? — Ela olha para a caixa, e então para mim. Tento esconder a caixa, mas Francesca é ágil. Com um passo e um segundo, a caixa já está na sua mão.

— Um anel — ela murmura antes que consiga tomar a caixa dela. Ela escancara a tampa, revelando o delicado anel de diamante.

— É maravilhoso, Eric.

— Não mexa nisso, me dê aqui.

Mas Francesca afasta-o de mim para observá-lo melhor.

— Pretendia dá-lo aqui na ilha? — Ela me olha interessada. Não espero ver aquele brilho estranho em seus olhos, mas lá está ele: o olhar de quem tem a chance de dar um toque pessoal ao seu documentário. Algo que comova os espectadores. Que a faça famosa, ou ajude vender seu filme.

— Não — respondo pegando o anel de sua mão. — As coisas não aconteceram como eu planejei.

— Eric, Eric... Você é tão *cru* pra certas coisas.

Ela coloca a mão no meu ombro e toca minha mão.

Não ouço a batida na porta, mas sinto a lufada de ar. Olhamos ao mesmo tempo para a entrada: eu e Francesca. Francesca com a mão em meu ombro, eu com o anel na mão.

Stella.

Por uma fração de segundo ela nos olha, sem entender. A cena é, para meu azar, terrível e bastante complexa para explicar.

— Fala sério — ela fala quando acorda do choque.

Não tenho tempo de xingar o mundo, o destino e seus artifícios; não tenho tempo de dizer que não é nada disso. Tudo acontece muito rápido: ando em sua direção fazendo que não, repetindo seu nome, tentando segurá-la antes que ela se desmaterialize dali. Mas ela é rápida. Desce as escadas da varanda e se distancia da casa, de mim e da cena. Sei, pela sua cara, que entendeu tudo errado. *De novo!* O que ela poderia pensar? Que estava dando o anel para Francesca?

O mundo deve ter alguma coisa contra mim.

— Stella, espere — grito, descendo as escadas.

Para minha sorte – ou como prova de que não é a criança emburrada que a acusei de ser – ela não age como da outra vez. Ela se vira. Tem os olhos fechados e as mãos em punhos ao lado do corpo, e sei que tem um palavrão

cabeludo na ponta da língua. Está ao mesmo tempo brava e conformada, desiludida e de saco cheio de mal entendidos.

Não estava nos planos da noite confessar que comprei um anel para ela, e sonhei em dá-lo durante uma noite romântica. Mas a situação pede que eu me explique, e rápido.

— Eu vim até aqui para saber, Eric. E eu soube.

— Você entendeu tudo errado — digo, calmo.

— Como da outra vez? — Ela ergue uma das sobrancelhas. — Quando você ainda estava com Marina, mas também comigo?

— Dessa vez não estou com ninguém.

Ela aponta para a casa, transtornada, onde Francesca assiste à cena da varanda.

— Um anel, Eric?

Ela parece conter um monstro revoltado no peito. Quer chorar, quer gritar, mas aceita de forma tão calma a cena que viu — eu e Francesca, e entre nós uma aliança — que chega a partir meu coração.

Francesca ergue as mãos, da varanda da casa, e dou graças a Deus quando a ouço.

— Não me coloque nessa história! Peguei esse rapaz quase chorando no quarto, olhando para essa aliança. Por mim é que ele não estava chorando.

Eu não estava quase chorando, quero me virar e esclarecer, mas a frase de Francesca parece funcionar. Stella olha para mim, depois para ela.

Olho então para a aliança em meus dedos. Ela é tão delicada que mal entra na ponta do meu indicador.

— Essa aliança era para você — Francesca grita atrás de mim.

Olho para trás.

— Francesca, poderia nos dar um segundo?

Francesca ergue as mãos, como quem diz que não fala mais nada. Quando volto, Stella está com os olhos arregalados em mim. Ela espera que eu confirme. Que fale qualquer coisa que a faça parar de chorar.

Porque ela está chorando, e eu não sei reagir às suas lágrimas.

— Você disse certa vez que não confia em mim. Mas tudo que eu tenho é a minha palavra.

Ela não gosta que eu seja tão seco, mas *porra*, se ela acreditar em Francesca e não em mim, não há nada que eu possa fazer.

— Diga, então — ela pede. — Essa aliança era para...

Ela molha os lábios, no aguardo. Dou um passo em sua direção. No meu

peito explodem batidas incríveis. Elas são fortes, certeiras e carregadas de expectativa.

— Você lembra do jantar que preparei para você? — pergunto. — A do quiche que te fez mal?

Ela faz que sim, a cada passo meu, mais perto.

— Acendi velas naquela noite, não sei se você se lembra. Cozinhei algo horrível que te fez vomitar, mas isso não vem ao caso. E no meio da coisa mais romântica que já fiz – talvez a única – você recebeu um telefonema, e quando desligou, disse que não entendia como as pessoas se casavam. Que não era natural, e nada a convenceria do contrário.

Stella empalidece. Algo se remexe nela, porque ela pausa a mão sobre a barriga.

— E depois você adoeceu. Aconteceu toda aquela confusão na Marinha, eu tentei sair dessa pernada, e o resto estamos cansados de discutir.

— Você... você ia me pedir em casamento *aquela noite*?

Olho para o anel nas minhas mãos. Ele treme levemente entre os dedos.

— Esse era o plano.

— E eu estraguei tudo?

Ergo os olhos até os dela.

— Hum-hum.

Ela tapa a boca com as mãos. As pessoas vão se aproximando como quem não quer nada, como se estranhassem o acontecimento. A verdade é que todo mundo sabe o que está acontecendo e ninguém quer perder o que *pode acontecer. Porque vai acontecer*. Seja a resposta sim ou não, hoje eu vou fazer a pergunta. Não aguento mais não saber; vou ficar louco se não perguntar.

Ela continua a limpar as lágrimas teimosas. Uma parte minha entenece, mas a outra se desestabiliza: odeio que chore aqui, aos olhos de todos. Odeio que chore e não possa fazer nada. Odeio que não diga nada.

Ouçó Francesca sussurrar para o seu funcionário: — A câmera! A câmera!

Mas pouco me importa quantos verão ou deixarão de ver a cena. Ela precisa saber que jamais entregaria esse anel a outra pessoa, que ele foi comprado para caber no dedo delicado dela, e de mais ninguém. Além do mais, ainda há uma pequena chance de ouvir um *sim* ao invés do não.

Chego mais perto, desacostumado à sua presença.

— Por que está chorando?

— Por que eu não quero que o nosso amor morra!

É uma resposta esquisita, e sinto minha testa franzir. Mas ela balança a cabeça, enxuga as lágrimas e ri.

— Eu achei que você não gostasse mais de mim. Que estava ... balançado pelo... por *ela*. — Ela sobe rapidamente os olhos até Francesca, mas volta a olhar para baixo.

Sorrio, adorando que seu rosto lindo esteja agora iluminado.

— Meu amor por você só cresceu, garotinha ruiva.

Digo aquilo de forma tão séria e concentrada que mais parece um alerta. Mas *é* um alerta: um alerta para mim. De que estou insanamente louco e perdido por ela. Que não sei mais ser *eu* sem sua presença. Tudo que sinto por ela aumenta, e fica todos os dias mais profundo e mais forte. Certos relacionamentos são assim, eles crescem e se espalham, enfiam-se na terra, engrossam nas raízes, se solidificam. Existe algo *sólido* no meu peito. Eu sinto todas as coisas boas e certas por ela.

— Eu amo você — digo tão baixo que só ela no mundo pode escutar. — Eu realmente amo você.

Essa frase sai ainda pior que a anterior. Sai mais ou menos como um alerta. Algo do tipo: *cuidado, eu amo você*. Mas ela ri. Seu nariz está vermelho e seu rosto, banhado em lágrimas. Mas ela ri, e isso só pode ser bom.

—Eu achei que você não gostava mais de mim!

— Por que raios acharia isso? — Ergo as mãos, sem entender nada.

Ela dá um passo em minha direção e preciso me conter para não agarrá-la.

— Porque você não queria... — ela fala bem baixinho, e eu não sei o que quer dizer.

— Não entendi. O que eu não queria?

Ela olha para mim, como se já tivesse dito tudo, mas não entendo nada.

— Não queria o quê?

— Me...

Ela olha ao redor. Está todo mundo acompanhando tudo, e tenho certeza que todos entendem quando ela faz um gesto infantil com as mãos, indicando que eu não queria *fazer sexo com ela*.

Posso sentir meus homens ao redor se entreolhando. Perguntando aos outros se preciso de uma injeção de testosterona, ou uma pílula azul. À primeira gracinha, olho sobre os ombros de cara feia para o pessoal ao redor e aviso:

— Ou vocês participam em silêncio ou vou colocar um toque de recolher nessa ilha! Dispersando, todo mundo!

A turma fica quieta, mas não dispersa. Quando volto a olhá-la sou novamente o Eric de sempre. Aquele que, na sua frente, tem trinta anos por fora e dez por dentro. E o que ele vê é ela sorrir. E o sorriso crescer e virar risada, daquelas altas.

Aproximo a boca do seu ouvido.

— Eu achei que você só quisesse isso de mim. Por isso quis te irritar.

Ela me olha com candura.

— Mas eu só queria isso com você.

Por um segundo quase acredito nela. Então ela começa a rir outra vez e todos ao redor riem também.

— Achei que você não queria nem isso comigo — diz, finalmente séria.

Levo a mão até seu pescoço, olhando-a nos olhos. É tão bom vê-la bem. Acaricio a pele macia atrás de seu cabelo, me perguntando se beijo-a ali, na frente de todos, ou se deixo para beijá-la mais tarde. É uma decisão difícil de tomar, mas me afasto. Uno minhas mãos às dela e trago-as à boca. Beijo cada um de seus dedos, feliz que ela esteja bem, e que o mal entendido não tenha feito maiores estragos.

— Mas você ainda quer? — ela pergunta olhando para o anel. Seus olhos estão límpidos, da cor do caramelo.

— O que? — pergunto perdido nela. — Fazer isso? — repito sem jeito o gesto bobinho de simular uma cópula, ou algo do tipo.

— Casar comigo.

Solto uma risada. Não é uma risada articulada, pensada, dada para parecer que domino minhas emoções – eu não domino nada. A risada é porque é tão óbvio para mim que quero me casar com ela que chega a ser ridículo.

— Acordar todos os dias do seu lado? Rir com você das coisas mais bobas do mundo?

Beijo sua testa, sua bochecha, a ponta do seu nariz.

— Ter um dia uma família com você? Eu quero.

Então ela estende o dedo em minha direção, e a plateia é tão grande que só me resta pedi-la em casamento ali mesmo, na frente de todos, para que todos participem desse momento comigo.

Mas antes que eu tenha a chance de colocar o anel em seu dedo e formalizar o pedido, ouço meu nome crescer em volume.

— Capitão! Capitão!

Ah, não.

Olho para Sérgio, que vem correndo, balançando duas folhas na mão. *O que foi, agora?!*

O que o universo tem contra mim?

30

JONAS

ERIC



Sérgio se aproxima correndo, afobado. Largo Stella a contragosto, lembrando vagamente que sou o comandante, que preciso dar atenção a ele, que não posso levá-la comigo, nos braços, até minha casa e fazer a droga do pedido. Ou o que o gesto infantil representa.

Não é segredo para absolutamente ninguém na ilha que a amo e que estamos juntos. Que casando comigo ou não, ela é tudo que quero na vida, e que aceito sua suspeita quanto a casamentos, e estarei ao seu lado se mudar de ideia – e se não mudar, também.

Sérgio chega com um sorriso de orelha a orelha. Olha para Stella e ainda sorri, visivelmente feliz que estejamos nos braços um do outro. Mas ao olhar para mim, limpa a garganta e fica sério.

— Capitão, desculpe interromper. Tenho um recado para Cláudia.

Olho para Stella e ela para mim.

— O que aconteceu?

Stella empalidece. Sei que pensa nos filhos de Cláudia, no Rio. Uma

mensagem que chega a Trindade só pode significar algo ruim.

— É Jonas — Sérgio fala.

— Ai meu Deus. — Stella tampa a boca com as mãos, pensando no pior. Ela dá um passo adiante, se colocando entre nós. — Aconteceu alguma coisa?

Sérgio sorri de maneira diferente para ela. Estende-lhe um dos dois papéis que traz nas mãos, enquanto segura o outro contra o peito.

— O que é isso — ela pergunta.

— É uma carta de Jonas.

Stella pega o papel, suspeita. Corre os olhos pelas linhas chacoalhando brevemente a cabeça, como se não acreditasse no que está lendo. Então abre bem os olhos e me encara.

— Eric...

Alguna coisa grande está acontecendo. Desgraças estão descartadas, porque ela sorri. Um pensamento intruso invade o peito: *eu poderia amá-la para o resto da vida.*

Stella se vira para Sérgio.

— Vi os dois andando em direção à praia — Sérgio diz para ela. Não entendo quem está andando — *sem supervisão* — em direção à praia, mas pelo jeito eles sabem. — Por isso corri em dar a notícia. Você precisa impedi-la.

Stella faz que sim, ela entende o que eu não entendo. Então ela abre para mim o sorriso mais bonito que já vi. O mais largo e o mais sincero. No segundo seguinte para de sorrir e faz cara de quem percebeu uma grande burrada.

— Eu preciso correr — avisa. — Preciso correr até a praia de desova agora!!

— Não, como assim, por quê? — pergunto sem entender com o anel na mão.

— Pra evitar uma catástrofe! — ela grita, já longe de mim.

Dou um passo em sua direção mas Sérgio me segura pelo braço.

— Deixe-a ir, capitão. Essa outra mensagem é pra você. — Virando-se para o tenente Rubens, ele pede: — Acompanhe Stella até a praia, tenente. Não deixe que corra demais, e suba a duna ao seu lado.

O tenente dispara atrás dela.

Olho-os se afastar, angustiado. Não esperava perdê-la de vista tão cedo, e não entendo o que pode ser tão urgente que a fez correr assim para a praia.

— Você vem comigo — Sérgio fala pra mim.

A turma se dispersa, alegre por ter assistido à cena. Ao passar por Francesca, ela sorri satisfeita. Um sorriso de quem não se surpreende com mais nada, mas que gosta do que presenciou ali.

— Preciso filmar o final, não se esqueça — ela avisa erguendo a câmera.

— Acho que você já tem o suficiente. — Dou um tapinha em seu ombro ao passar por ela.

— O que foi, Sérgio? — pergunto a ele quando nos afastamos do grupo.

Ele só para quando entramos no Centro. Volta a sorrir meio idiota e estende-me o papel que segurava. Parece uma criança mostrando o boletim para o pai, e eu não entendo.

— O que é isso? — corro os olhos pelo que parece ser o resultado de um exame. Não entendo o que sejam os nomes daquilo que estão ali, só leio o nome de *Stella* no campo de paciente.

— Não estou entendendo. Um exame? De Stella?

— Jonas está tentando falar há dias com a esposa. Como ela não atende, ele escreveu aquela carta e passou por fax.

— Porque não mandou mensagem? — pergunto abaixando o papel, sem entender o que o resultado de um exame de Stella estava fazendo nas mãos de Jonas.

— Tanto uma notícia quanto outra são especiais demais para serem enviadas pelo *Whatsapp* Capitão.

É então que olho novamente para o papel nas minhas mãos.

Beta- HCG 75.000 mIU/ml
De 9 a 12 semanas de 21,000 a 291,000 mIU/ml

Acho – e apenas acho – que ouço sons de risada. Que Sérgio bate nas minhas costas, sorrindo. Lembro que há pouco descobri que a mulher da minha vida me ama. Que eu tinha um vago problema de trabalho: retornar para o continente no dia seguinte. A cabeça parecia estar fervendo por coisas, agora sei, pouco importantes. Apenas acho.

Mas com o resultado desse exame nas mãos, sou inundado por certezas.

A certeza de que sei *algo* que Stella ainda não sabe. E que essa coisa que eu sei e ela não sabe ainda é muito especial.

Aqueles números que flutuam no papel – aquele monte de letras

maiúsculas, símbolos e quantidades – dizem coisas que eu definitivamente não estava preparado para ouvir. Nunca estive, nunca sequer pensei em estar, e talvez seguisse pela vida sem sentir falta. Mas eles estão ali.

E esses números pequeninhos crescerão, e ganharão um rosto e um nome. Ganharão uma mãe e um pai.

Um segundo, uma pausa curta no tempo e no espaço. Um momento de suspensão para arrastar as mãos pela cabeça, sem palavras. Você nota nesse exato instante que pouca coisa é tão grande quanto a notícia que o exame traz. E que entre uma letra e outra das palavras "parabéns, papai" cabe um mundo de coisas.

É naquele vácuo que a frase se forma: Stella está grávida.

Não dá para explicar como reagiremos à notícia até que a bola esteja no nosso lado do campo. Uma bola dessas no meu campo é uma responsabilidade que exige toda a minha honra. Todo o meu coração. Toda a minha disciplina para não sair correndo dali atrás dela – que por Deus do céu, estava voltando à praia, de noite, correndo.

— Isso explica o humor dela — Sérgio fala, mãos na cintura e sorriso rasgado. — Não explica?

Começo a rir. Tanto que não consigo parar.

— Sim, explica.

Explica os humores estranhos, o vômito, os choros. Explica tanta coisa.

— O que a danada foi fazer na praia? — pergunto com um sorriso de orelha a orelha.

— Não sei, capitão. Preciso de um segundo para processar sua risada. Acho que nunca a ouvi.

Dou um empurrão nele e saio pelo centro de controle. Passo por Francesca e sua equipe, passo por tenentes e sargentos, passo por Rafael, que me olha sonolento da varanda, sem entender nada que está acontecendo.

Todos observam verdadeiramente assustados que estou sorrindo. Sorrindo como nunca sorri na vida.

Entro em casa e pego sobre a mesa a caixinha aveludada. As coisas precisam sair do jeito que eu as imaginei. Coloco o anel dentro dela, e a ponho no bolso. Desço as escadas, pronto para correr até a praia da desova, mas Stella está voltando com Cláudia pela passarela. Elas têm os braços dados e Cláudia parece estranhamente.... *alegre*.

Chega a ser estranho vê-la sorrir. Ela deve ter a mesma impressão ao me ver.

— Eric! — Ela solta a amiga e corre até a mim. Salta em meus braços e me abraça com o corpo todo, com se fosse *bom* estar comigo outra vez. Beijo sua cabeça uma, duas vezes, fechando os olhos para inalar seu cheiro.

A essas alturas meu sorriso já colocou a ilha em alerta. Todos se aproximam intrigados, estranhando a comoção, meu abraço na melhor atacante da pelada do POIT, o riso de Cláudia. Não me importa que estejam todos ali – na verdade tal pensamento me ocorreria apenas no dia seguinte, e mesmo assim muito rapidamente. Tudo que quero é saber dela a resposta para a pergunta que não fiz antes, mas que agora tenho um motivo extra para fazer.

—Você não faz ideia do que estava escrito na carta de Jonas! — ela diz. Seus olhos brilham, fascinados. — Ele não traiu Cláudia. Jonas descobriu que uma antiga namorada, que morava no exterior, teve uma *filha* com ele!

Observo seu rosto com carinho.

— É? — Movo uma mecha de seu cabelo para longe do rosto feliz.

— Era *filha* dele, Eric. Filha, e não namorada. Eles se encontraram para se conhecer.

Ela se aproxima de meu ouvido e sussurra: — Fui correndo até a praia salvá-la de uma tórrida noite de amor com o viking bonitão. Ela está meio abalada com a minha intrusão. Mas feliz. Depois de quase ter me assassinado.

— A gente sabe como é ser interrompido, não sabe? — pergunto baixinho.

Ela sorri. Observa a forma como a toco e a olho, e seu nariz franze.

— Você está estranho. Mas isso não importa porque estou feliz. Muito feliz.

— Sua crença no amor foi restaurada? — Beijo seus dedos outra vez.

— Completamente.

Então talvez chegou a hora. Aquela hora que não chegamos exatamente a planejar, mas que em algum momento acontece. Afasto-me dela só um passo. Dobro uma perna e me ajoelho na sua frente.

Atrás de mim, Francesca grita: — Tire a câmera da bolsa! Vai acontecer agora!

— Stella — falo, ignorando o que acontece ao redor. Ela arregala os olhos e tapa a boca com as mãos. — Você é o amor da minha vida. Quer se casar comigo?

— O quê? — ouço Cláudia e Rafael atrás de mim. Eles voltam de onde

estavam e se colocam ao lado do resto da plateia.

Stella saltita três vezes antes de responder.

— Quero!!!

Recebo seu abraço olhando para Sérgio atrás de mim. Ele faz um sinal de *ok* com o polegar.

— Tenho outra coisa para te dar.

Tiro o papel do bolso. Não sei como vai reagir a essa notícia.

— O que é isso?

Estendo o papel para ela. Ela demora um segundo para entender o que é aquilo. Não sei se não se lembra que pediu para entregarem o resultado na casa de Cláudia, porque ela estaria aqui, mas subitamente tudo retorna à memória. Há tanta alegria no meu rosto que sua feição preocupada se dissolve. Ela morde os lábios.

— Ai. Meu. Deus.

Gostaria de ter as palavras certas para dizer, mas não tenho. Quero dizer que ela pode contar comigo e que estarei ao seu lado, mas não sei nada. Só espero que ela saiba. Que estou aqui, e que sempre estarei aqui.

— Vamos ser pais.

— Acho que sim. — Ela me olha, assustada.

— De uma garotinha ou um garotinho. Ruivos.

Ela solta uma risada.

— Sim, talvez.

— Você está bem com isso? — pergunto, sentindo o pescoço tenso. Tanto eu quanto ela estamos em choque, sem dúvidas. Mas ambos sorrimos, o que só pode ser um bom presságio.

— Estou. — Ela pega ar e abaixa o papel. — Você está do meu lado. O que poderia acontecer de ruim?

Nada. Nada mais pode acontecer de ruim.

E finalmente a beijo, para alegria da ilha.

ESQUEMA
FRANCESCA



É estranho ver o ex marido abraçado à nova mulher de sua vida, não nego. Mas é menos estranho quando se tem quase 35 anos, viveu algumas histórias de amor e sabe que o ex marido e você não têm *nada* a ver.

Sérgio, amigo de longa data, encosta ao meu lado. Estamos na varanda, assistindo de camarote ao – *argh* – pedido de casamento mais fofo do mundo. Chega a ser brega, de tão lindo.

— Está chateada? — ele pergunta sentando-se na soleira, ao meu lado.

— Por causa disso? — Olho para os pombinhos apaixonados. — Neh.

Ele aponta para Eric.

— Achei que estivesse aqui por causa dele.

Solto uma risada alta.

— Sérgio, deixe eu te contar uma coisa. — Pouso a mão no joelho de meu bom amigo, dizendo as palavras seguintes com a classe que elas merecem. — Quem faz loucuras por homem são mulheres jovens e homens gays. Mulher da minha idade só faz loucura por dinheiro.

É a vez dele rir.

— Então você pode se considerar uma mulher feliz, porque ganhou uma pequena fortuna para rodar esse documentário.

Pisco para ele. Ele sacou qual é a minha.

Por um tempo ficamos em silêncio, eu rica e ele pensativo, vendo o estranho abraço que Cláudia dá em Eric, no escândalo que o menino franzino, amigo de Stella, faz ao saber que ela vai ter um bebê, e como aquilo tudo parece o fim de uma novela das oito.

Mentira: das sete.

— Sabe... — Sérgio mexe num fio que desprende da barra da calça de seu macacão. — Faz um tempo que queria perguntar uma coisa pra você.

— Pergunte, oras.

Ele me olha, investigando minha reação.

— Não fique brava, mas... Como foi escolhida, entre tantos participantes, para filmar este documentário? Eu digo, não questiono sua competência. Vi coisas que você fez por aí, mas sua produtora era especializada em comerciais para grandes agências, e não documentários. Como ganhou essa licitação?

Ergo a sobrancelha, dando de ombros.

— Honestamente, oras. Fui escolhida e pronto.

— Não teve dedo do departamento de Relações Públicas na sua contratação? Porque existe uma tenente afoita por trás dele, que cismou que Eric poderia ser a "nova cara da Marinha" – e vá entender o que ela quer dizer com isso. Ela tinha umas ideias meio malucas, ao estilo "calendário de bombeiros" para ele. Tinha – ou tem – uma verdadeira fixação por ele.

— Você pode culpá-la? — Aponto para o capitão. O capitão em questão acabou de erguer a noiva no colo e se despede sob aplausos da plateia feliz.

— Não — Sérgio concorda, porque o capitão é pintoso. — Mas não teve dedo do Ministro na escolha? — ele insiste. — A filha do cara tem um ranço terrível por Eric.

Pauso para pensar nisso. Olho-o, divertida, e minto sem qualquer culpa.

— Não, nada de ranço nessa história. Só eu e meu talento.

Sérgio se dá por satisfeito.

Levanto depois de um tempo e desço a varanda em direção à antena da ilha, onde o sinal é melhor e as mensagens são melhor recebidas e enviadas. Abro o Whatsapp e vejo algumas mensagens não lidas. Entre muitas, uma em especial atrai minha atenção.

Abro a conversa, olhando por um tempo para o tipo de comentários e perguntas que ela me faz. Rolo devagar a lista, pensando em Sérgio e suas desconfianças. Está na cara que teve o dedo de Marina Itaboraguy em tudo –

da escolha da minha produtora ao encontro casual com Stella no supermercado, onde ela terminou de orquestrar a vinda da menina.

E quer saber? Não me sinto nem um pouco pior por ter sido escolhida por causa disso. Minha vinda à ilha foi produtiva e tenho certeza que o documentário, narrado por algum ator famoso que ainda escolherei, será um arraso. Sou uma boa profissional e minha empresa é sólida. Estou aqui porque mereço.

Mas não gosto que tenha sido escolhida a dedo para causar drama.

Não gosto que a ex namorada de Eric, filha de um homem muito poderoso, se sinta confiante o suficiente para me enviar, sem nenhum pudor ou consideração pelo novo marido e o filho que está para chegar, a seguinte mensagem:

Como estão as confusões por aí?

Quem ela pensa que é? O que ela não sabe é com quem está lidando. Sorrio enquanto os dedos deslizam pela tela em alta velocidade:

Por aqui está puro caos. A ilha nunca viu tanta confusão.

A mensagem vai.

Dou meia volta, dando-me por satisfeita por alimentar sua mente de mentirinhas quando ouço o *plim* da mensagem.

Espero que Eric esteja sofrendo o pão que o diabo amassou.

Ao lado, ela coloca alguns emojis de risadas. Digito em velocidade surpreendente de volta:

Você não faz ideia do quanto.

Aguardo que os pauzinhos fiquem azuis, e vejo que ela se põe a digitar eufórica de volta. Quando recebo a mensagem, tenho vontade de vomitar:

E você, está bem???

Ao lado da frase vem uma carinha de pena.

Olho com ódio mortal para a tela. *Você me colocou aqui para ser a vilã da história, sua cobra.* Sugeriu que eu tingisse meu cabelo de vermelho porque comentou, naquele único dia em que tomamos café juntas (no mesmo dia em que disse que seus elogios ao meu trabalho para seu pai decidiram a escolha da minha produtora) que Eric tinha fetiche por ruivas. Que ele pedia para ela tingir o cabelo de vermelho. Que ele cairia de quatro por mim ao me ver ruiva. *Odeio que tenha caído nessa mentira e feito papel de boba por você.*

Começo a digitar furiosamente que seus planos deram errados e que Eric está nesse exato momento trepando com sua futura noiva. Que sim, umas noites tórridas e descompromissadas com aquele Adônis não me fariam mal, *plus* o dinheiro pago pelo contribuinte brasileiro, mas que não sou menina e que saquei cedo seu jogo.

Mas então tenho uma ideia melhor, e apago a mensagem. Digito apenas:

Fique ligada no meu canal do Youtube. Tenho uma coisa bombástica para colocar no ar amanhã.

Insiro um emoji de diabinho fazendo cara de maldade. Sua resposta?

Espero que seja o vídeo dessa ilha em chamas.

Tenho vontade de socá-la ao receber a mensagem. Gosto da ilha do jeitinho que é. E gosto da menina que Eric escolheu para se casar. Ela gosta de futebol, e vive rindo com aqueles amigos bobos dela. *Mas não gosto de você*, faço uma careta para o celular.

Deixo a antena e retorno para o POIT. Tenho grandes planos para amanhã, e preciso conversar com a minha equipe para que ele saia do jeitinho que estou imaginando.

CASAMENTO

ERIC



Corro contra o tempo, o corpo pulsando em ritmo frenético. Está na hora. Se não for agora, quando será?

Ajeito a roupa afastando a gola que pinica o pescoço. Suo por todos os poros, mas as mãos estão geladas. Tenho medo tanto do *sim* quanto do *não*. Quem não teria, sob as mesmas circunstâncias? Dados os fracassos do meu histórico?

Mas amo minha garotinha ruiva e tudo que quero é estar aqui, fazendo o que estou para fazer.

Ela foi o milagre que surgiu quando meu coração estava seco e desenganado. O tufão que botou abaixo minhas defesas, derrubou minhas muralhas e destruiu crenças, escudos e convicções. Quero-a hoje, amanhã, ano que vem e daqui a cinquenta anos. Amo Stella desde o dia um, e a amarei até morrer.

Chego na frente da porta e olho para o céu. Da pequena janela vejo Trindade, as montanhas cravadas no meio do mar, o cenário perfeito para o

que vai acontecer. Pássaros cruzam o azul em bandos e o sol está ameno.

O vento sopra ares de esperança.

Penso no momento em que o anel entrará em seu dedo. Gosto do som da palavra: *esposa*. Lembra de certa forma ombro, base, suporte.

Apalpo a caixa do anel no bolso e sorrio. Hora de me comprometer.

Stella

Nunca pensei que me casaria com uma canga, mas uma canga é exatamente o que visto.

Uma canga linda e branca, longa e improvisada por Francesca. As flores foram colhidas na ilha, antes do embarque, e as que não estão ao redor da cabeça ou presas à trança que Cláudia me ajudou a fazer, estão nas mãos, na forma de um buquê. É impressionante o que uma equipe de produção – e vários amigos e oficiais animados – conseguem providenciar no último minuto.

Mas o meu presente, mesmo, é o belo capitão que sai por uma porta e caminha imponente ao meu encontro. Ele vem de branco, como pede a cerimônia no mar, com aquele quepe charmoso e todas aquelas medalhas espalhadas na frente do peito. Ele sorri para mim, e eu sorrio de volta. Ele toma minha mão e a beija.

— Você está linda, Stella.

— Você também está um arraso, capitão.

Eric então olha para Sérgio, que está vestido como ele.

— Você está agora no comando desse navio, Sérgio.

— É uma honra, meu amigo.

O que eu não sabia – mas que Francesca explicou durante o embarque – é que a bordo dos navios de guerra e mercantes, em viagem, o capitão pode celebrar casamentos. Se imediatamente registrados e comunicados quando chegarmos em terra, ele pode até mesmo ser considerado legal. Portanto, Sérgio é o capitão e celebrante desse casório, e a ideia é tão romântica quanto é maluca. Mas aqui, com Trindade ao fundo (e depois da noite de ontem, onde decidi que casaria com aquele vulcão até mesmo no refeitório da UFRJ, entre a melodia dos mosquitos), a ideia parece perfeita.

Eric vai realmente virar, depois dessa, a cara da corporação: a corporação mais romântica do Brasil.

Sérgio limpa a garganta. Chama Cláudia e Rafael, nossos padrinhos, para se colocarem ao nosso lado. Rafael só chora desde ontem, e até Cláudia enxuga uma ou outra lágrima.

Eric e eu viramos de frente para o outro. Está tudo confuso e caótico, tanto para mim quanto para ele. A ideia do bebê é simplesmente impossível de conceber (foi mais fácil conceber *o bebê*), mas sobra amor entre a gente, e certamente dará tudo certo. Temos que acreditar, e ambos acreditamos. A voz de Sérgio me sintoniza novamente no momento.

— Bom dia, senhoras e senhores. Estamos aqui para celebrar a união entre Eric e Stella, nossos queridos amigos que se conheceram em terra, mas acabaram se apaixonando aqui, nessa ilha — ele aponta em direção à velha senhora à distância — ...hoje testemunha de um amor que só cresce.

Os mais afoitos começam a bater palmas e assoviar. Sorrio, olhando para a ilha. *A nossa ilha*.

"Nunca celebrei nada antes, mas não podia negar o pedido do meu amigo e parceiro de tantas viagens. Pois é, meu amigo... — ele olha para Eric. — Você está se casando. Quem diria que nosso sisudo capitão fosse cair nessa rede *outra vez*?

Risadinhas pipocam ao redor. Atrás de uma câmera gigante, Francesca ri também.

"Somos do mar — Sérgio continua — por isso podemos dizer com certeza: você foi fisgado. Já vi gente sendo fisgada antes, já vi homens enrolados em fios e presos a anzóis, sem saber como escapar, mas a grande surpresa é ver você entre eles. Posso avisar, no entanto, que eu já sabia que você sucumbiria. A moça que te pegou tinha tudo para essa pescaria. Esqueçam os anzóis e as redes — ele brinca olhando para os oficiais, que riem da alegoria — Essa moça preparada chegou com um arpão. Com esse jeito especial que te dobrou ao meio, e te derrubou igual aquele dia, no campo: deixando você com a bunda na areia. Coração acertado em cheio.

Eric ri enquanto ouve um "que vexame, aquele jogo" de algum rancoroso maníaco por futebol. Mas ele é só sorrisos. Desde ontem, rir é tudo que faz.

Bem, fez outras coisas também. Mas fez rindo.

"Já a nossa noiva, tão jovem e futeboleira, viu nessa gárgula pouco amistosa algo que não sabemos bem o quê. Talvez ela não tenha conseguido resistir aos seus esporros e terríveis discursos de boas vindas; talvez o sol

escaldante de Trindade tenha queimando seus miolos e comprometido seu raciocínio, vá entender. O fato é que ela apaixonou-se pelas suas caretas e mau humor característicos, porque há doido para tudo e questiono há algum tempo a sanidade dessa menina."

Ele pisca para mim.

"... e embora eu tenha ouvido por aí que ela considerava casamento "uma grande burrada e que as pessoas deveriam ser proibidas de cometer essa burrice", ela está aqui. Casando-se com o cara mais sisudo que conseguiu encontrar. Por que cometer uma loucura pela metade, não é mesmo?"

Abaixo as vistas, sorrindo ao ouvir alguém gritar: "É doooooida!"

"O fato, nobre noiva, é que a sua escolha foi acertada, embora o casamento seja realmente uma ideia estranha – com Eric ele atinge apenas um patamar mais esquisito. O casamento está realmente longe da perfeição dos relacionamentos leves e românticos que estamos sempre sonhando em encontrar.

Sérgio para de ler o que escreveu e começa a improvisar.

— Eles vêm com documentos, burocracia, filhos, traições... — Olha então para Cláudia, que chora copiosamente. — Ele desafia a lógica e a nossa capacidade de compreensão. Mas ainda assim, meus amigos... Ainda assim, todos os dias, as pessoas entram nesse campo minado, trazendo consigo uma enorme, uma dose realmente cavalgar de esperança."

Olho para Eric. *Suas mãos estão suadas, ou seriam as minhas?*

"O que esperam? Vocês se perguntam. Problemas? Encheção de saco? Barulho, falta de espaço, problemas? — Sérgio questiona ao redor. — Não, ninguém espera por isso... Todos esperam que não serão mais caminantes solitários nesse mundão de Deus. Que haverá ao lado alguém com quem repartir alegrias e conquistas, alguém para apoiar nos momentos difíceis, alguém que nos ouça e nos *veja* em meio a tantas pessoas por aí. Porque o mundo é mais legal quando vivemos ao lado de alguém, e quem se casa entendeu essa verdade."

Eric aperta a minha mão.

"Soube que nossa noiva também disse ao noivo, nosso romântico mal-humorado, que casamentos desafiam a biologia."

Olho com cara feia para Eric. *O que ele não contou sobre aquela conversa?*

"Pois eu digo para vocês, amigos — Sérgio olha ao redor — Todos os dias desafiamos a biologia. A biologia nos jogou aqui, sem dúvidas, mas

desde o primeiro dia de vida, o que acontece está longe de ser o mesmo para todos de nossa espécie. A vida é imprevisível, e cada um a vive de um jeito só seu. Nossa trilha é única, é só nossa. A única certeza que temos é que queremos o bem, e que o bem fica melhor ao lado de outra pessoa. Que, desafiando a lógica, as estatísticas, a contabilidade duvidosa, as pesquisas científicas e, sim, até a biologia, estamos todos buscando a felicidade que só os sonhos, as utopias e a mitologia podem nos entregar: o desejo daquela pessoa que nos completa. A outra metade da nossa laranja, a nossa cara metade, a peça que nos falta. E quando a achamos, nos casamos com ela.

"Casar pode não ser um bom negócio em sociedade ou no reino animal, mas a prova de que é o certo a fazer está aqui. — Ele olha para a turma emocionada e pergunta: — Quem aqui é casado?

95% dos presentes levantam a mão.

— Quem aqui quer se casar um dia? — ele pergunta a seguir.

Aqueles que não ergueram a mão, erguem. Alguém traduz para os noruegueses, e então eles erguem as mãos também.

Sérgio nos olha com os olhos úmidos

"Enfim, essa é a prova e eu acho que já falei demais. O caminho até terra firme é longo, e temos muitos dias de viagem. Por isso, pelo poder conferido a mim nesse lindo dia de sol e bastante vento, e tendo o céu e as tartarugas como testemunhas, pergunto: Eric Saldanha, aceita Stella Maris Bittencourt como sua legítima esposa, até que a morte os separe?

Eric se inclina, deposita um beijo na minha mão e responde: — Aceito.

— Stella Maris Bittencourt: aceita Eric Saldanha como seu legítimo esposo até que a morte os separe?

Faço que sim: — Aceito.

— Então acho que só me resta declarar vocês marido e mulher. Que Deus lhes ajude, e nos conceda a mesma sorte. Capitão, pode beijar – de novo – a noiva.

Antes que os lábios de Eric encostem nos meus, Sérgio faz um sinal e o alto-falante do convés estala. Em seguida, a música brega embala o beijo que sela a união.

"Ô, ô, ô, ô, ô

Não quero advogado

Quero regime fechado com você, amor

Ô, ô, ô, ô, ô
Nós somos bagunçados e reféns desse pecado
É bandido, esse meu coração
Eterno prisioneiro da paixão"

E sob palmas, assobios felizes, resmungos de Cláudia, lágrimas de Rafael e uma chuva de arroz jogada pelo cozinheiro, beijo finalmente o meu marido.

EPÍLOGO



O Almirante Sabóia atraca no porto do Primeiro Distrito Naval em um domingo de sol. Sérgio se certifica de que Jonas está lá para receber Cláudia – sem os filhos, que acharam muito mico estar ao lado do pai quando este beijasse apaixonadamente a mãe e se declarasse, todo bobo e sorridente, com um buquê de rosas na mão. E quando Cláudia desce as escadas do Sabóia de braços abertos, abraçam-se e comemoram como se estivessem estreando a relação – como se esse fosse o primeiro dia juntos e sua história nascesse ali – e não como se tivessem se tornado, da noite para o dia, uma família de seis.

Fé no amor: restaurada.

Saio com Rafael e os noruegueses de mãos vazias, porque agora todos carregam tudo para mim. Desde o anúncio da gravidez, a população masculina da ilha se revezou em me mimar, e a população masculina, preciso dizer, era enorme. Eric permanece no navio para conduzir os últimos procedimentos que uma viagem do tipo exige. Desembarco sem ele, mas desta vez sem qualquer vazio no peito. Foram longas noites de conversa ouvindo a água batendo no casco do navio e dias excitantes e sentimentais.

Não é todo dia que um casal recebe a notícia que vai ter um bebê. Mas, uma vez dada, a notícia ocupa cada segundo do dia, e continua ocupando, dia após dia, inclusive as horas da noite.

Já na noite em que me pediu em casamento, ainda na ilha, passamos a madrugada conversando sobre o que aconteceria nos próximos meses, onde moraríamos, o que precisaríamos ajeitar em nossa vida para receber uma criança. Já muito tarde, com os olhos caindo de sono, ouvi dele algo que jamais pensaria em ouvir (de novo) de um homem:

— Nunca achei que diria isso, mas acho que sexo, só depois do casamento.

Os primeiros sintomas da vida a dois entraram conosco ali, entre as quatro paredes, o anel e o resultado positivo de gravidez: tudo o que fizemos foram planos, contas e arranjos. Sexo, que é o que não tínhamos feito até o momento, não deu pra fazer.

A sorte? O casamento aconteceu na manhã seguinte.

Com a ajuda de uma equipe de filmagem interessadíssima no “lado humano e romântico” da viagem à ilha, casamos.

E foi lindo.

O anel em meu dedo (e o que ele significa) e a semente que cresce em mim (e o que ela significa) ganharam, nesses últimos três dias no mar, um pouco de contorno. Já com Eric aconteceu o oposto. Desde o dia em que começamos a conversar sobre a história ele parece perdido. Brinquei que acabaríamos na África se ele continuasse tão desorientado, mas ele me disse, muito sério e muito preocupado – como sempre é quando está (ou não está) no mar – que não fazia ideia como seria como pai. Não sabia se faria as coisas direito, se saberia proteger a criança, se saberia educá-la e afastá-la dos males do mundo. Confessou seu medo diversas vezes durante as madrugadas e até chorou um dia ao se lembrar da própria família. Não foi uma família feliz, no fim das contas, e só sobrou ele para concluir isso.

Entendi todos os seus medos, e se fosse dada a pensar demais, eu os

compartilharia com ele. Mas não penso tanto assim, por isso respondi que ele foi muito esperto em se apaixonar por mim, porque se houvesse um antídoto para a aridez de suas relações familiares, esse antídoto era eu. Eu e minha estranha família. Eu e meus amigos desmiolados. Ele riu e concordou. E me beijou. E me amou.

Ainda assim, pediu desculpas por bater na minha bunda e me jogar em uma carroceria e me atacar atrás das pedras na praia sem saber que estava esperando um filho seu. Disse então que não faria aquilo de novo, mas eu o fiz prometer não matar aquele terceiro Eric, que o reservasse para alguns momentos íntimos porque sentiria sua falta. Ele disse que jamais conseguiria ser aquele homem outra vez com a mãe de seus filhos.

Filhos, ele disse. No plural.

Fé na família: restaurada.

Mas havia ainda uma outra instância, tão poderosa quanto o amor e a família (embora não precisasse ter sua fé nem um pouco restaurada), que não podia deixar de considerar.

Uma que Eric me apresentou da melhor maneira possível: com uma dose incomensurável de maestria, paixão e verdade: o sexo.

Com toda a confusão do embarque e do casamento, acabei vendo Eric outra vez apenas à noite. Ele foi me buscar na cabine, desta vez como o cavalheiro que sabe ser. Pediu licença para Cláudia e Rafael, disse que veio buscar sua noiva e me conduziu pela mão à sua cabine.

Caminhei ao seu lado com o coração aos saltos, incerta se aquilo tudo aconteceu realmente ou foi um sonho. Porque o homem parece um sonho. Assim que ele fechou a porta, virou-se para mim. Minha vontade? Me desfazer como uma louca de qualquer coisa que me impedisse de sentir seu corpo junto ao meu. Desamarrar de forma maníaca o que estava amarrado, desabotoar aos pulos o que estava preso, deslizar para baixo e para cima qualquer peça de roupa. E saltar sobre ele, ardente e necessitada, para fazer sexo como se não houvesse amanhã.

Eric foi bem mais prático. Deu um passo em minha direção, prendeu meu rosto entre as mãos e encostou os lábios nos meus. E tudo aquilo que eu pretendia fazer sozinha, fizemos a dois. Tiramos as blusas, desabotoamos calças, deslizamos o macacão para baixo. Viramos uma massa louca de beijos, lambidas e grunhidos, braços e pernas pressionados aos do outro. E as roupas – todas – acabaram no chão.

— Você — disse entre beijos.

— Você — ele respondeu rouco, com a boca na minha.

Minha última peça de roupa, uma tira tão fina de renda que poderia ser confundida com uma borrachinha de amarrar cabelo, escorregou aos seus pés. Ele olhou para ela como se ela fosse algo incendiário. Como se ela fosse um pavio perto demais de uma fonte de fogo. Eu, por minha vez, olhei para ele sem conseguir segurar um suspiro. Ele me encostou delicadamente na parede da pequena cabine, colando o corpo ao meu. Tudo foi feito de maneira delicada, como se eu tivesse virado, nas últimas vinte e quatro horas, alguém feita de vidro. Ele acariciou meu pescoço, meu rosto, tirou meu cabelo da frente do corpo e contornou meus seios com as mãos. Então se abaixou, descendo em direção ao sul, disparando uma descarga elétrica da coluna em direção ao resto do corpo quando senti sua respiração perto da virilha. Suprimi um gemido quando sua língua achou espaço entre as minhas coxas, molhando a pele quente e sensível.

Ergui a perna e acariciei seu membro com o pé, sentindo-o duro e pulsante em contato com a minha pele. Eric intercalou as carícias que fazia com a boca com toques delicados, ora lambendo toda a minha extensão, ora inserindo o dedo em mim. O que a ponta da sua língua fez em mim foi um crime, de tão bom.

Mas não queria atingir o clímax de pé. Ergui-o pelos braços e troquei de posição, encostando-o na parede, onde eu estava há pouco. Era hora de retribuir o carinho. De dar a ele o que ele tanto adora.

Coloquei-me de joelhos arrastando os seios contra a sua barriga, contra seu membro, beijando seu umbigo, a barriga dura, a lateral da virilha e as coxas rijas. E de beijinho em beijinho cheguei até seu ponto mais sensível, acarinhando-o com a língua por toda a sua extensão.

Abri os lábios e o introduzi, rijo e inchado, na boca até que ele sumisse em mim. Segurei-o pela base e esfreguei-o contra os lábios; deslizei todo seu comprimento para dentro e para fora. Durante todo o tempo observei como ele entrava e saía, medindo cada centímetro que desaparecia em mim, ouvindo Eric exalar toda vez que ele ressurgia, molhado. O volume é grande na boca e eu o adoro. Eric também adora, porque parecia louco. Louco, louco, louco por mim.

Enfiei seu pau pela última vez até o fim na boca, chupando aquele presente do universo. Ele gemeu, enlouquecido, agarrando no meu cabelo com força, então provavelmente se lembrou que estou grávida e ajeitou o cabelo como se tentasse me pentear novamente. *Precisamos conversar sobre*

isso, mas não agora. O Eric da pegada forte está sedado, eu aceito – estou até agora em choque também – mas eu o quero aqui, eu preciso dele ali comigo. Chegará a hora em que vou chamá-lo, e espero de coração que ele venha.

Tirei seu membro da boca, deliciada. Soprei sua ponta para que se excitasse, lambi o líquido translúcido que saiu dali. Quando foi que minha boca se tornou tão experiente?

Foi a prática.

Lembro que das primeiras vezes eu demorava a gozar, e não sabia bem o que fazer. Queria fazer certo, agradar, atentava ao que estava acontecendo ao redor, e não ao meu próprio prazer. Mas Eric é mais velho e mais experiente, e aos poucos foi me ensinando a ignorar a cabeça e me concentrar no meu próprio corpo. Hoje sei buscar meu prazer, e ele me entrega o caminho até lá.

— Venha — ele disse me erguendo pelos braços.

Sua cama estava pronta. Continuava sendo uma cama de solteiro, mas ele colocou dois travesseiros ali, e esperava que eu dormisse naquela noite ao seu lado – provavelmente em cima dele, dado o pouco espaço.

Ele se sentou na cama e me puxou pela mão. Seus olhos estavam febris, centrados e inteiramente atentos em mim. A energia ao redor me fundia a ele e fazia vibrar cada móvel, cada objeto, cada átomo ao redor. Ele examinou por um tempo minhas curvas, minhas entrâncias e meu inchaço – tanto o da barriga quanto outro, mais embaixo. Os dedos passearam pelas minhas costas, minha bunda e minhas cavidades sem culpa, como se viajassem por uma estrada bonita. Deixei que me tocasse inteira, em silêncio, em um momento tão belo quanto íntimo. Sexo tem relação direta com confiança e intimidade, e esse é um dos motivos do sexo com ele ser tão bom. Eu confio nele. E porque confio nele, no seu pedido de casamento e na sua real preocupação com seu filho que vem, sei – sinto – que não há horizonte para o fim dessa relação. É com esse homem que me tateia inteira que construirei a minha vida.

Ele beijou minha barriga. Alisei seu cabelo, trazendo-o para perto, curvando-me sobre ele para abraçá-lo. Ainda pensava em como lidaria com tanta ternura quando senti dois dedos se acomodarem entre as minhas coxas, procurando abrigo dentro de mim. Sorri, ciente de que meu vulcão não estava adormecido. Sua mão alisou minha vulva e passeou pelas minhas nádegas. Movi o quadril para incentivá-lo, espalmei as mãos em seu peito e deitei-o sobre a cama, deitando sobre ele. E nos beijamos, apaixonadamente.

Nossos corpos se encaixaram de forma perfeita e sensacional. Sentada

sobre ele, deslizei sobre sua rigidez, fazendo-o entrar em mim. Forcei a entrada, alargando o que estava comprimido, enterrando-me mais e mais até que o encaixe foi total. Fui eu quem conduzi, e adorei que tivesse sido eu a iniciar a subida e descida do quadril, primeiro de forma lenta e calma, depois de modo vigoroso e profundo.

— Stella — ele gemeu, de olhos fechados.

Sobre ele, com as mãos ao lado de seu rosto, os olhos fechados e ele enterrado em mim, achei o caminho para o céu. As sensações eram as melhores possíveis, as fagulhas do atrito, fantásticas. Ele envolveu meu seio entre os lábios, sugou-os de leve, a princípio resabiado, temendo fazer algo impróprio, mas como não reclamei, o tesão falou mais alto e ele intensificou a chupada. Então ele soltou meu peito e minha cintura, fechou os olhos e espasmou dentro de mim. Contrai o corpo também, com a respiração acelerada, sentindo a explosão se aproximar.

Ele chegou antes. Seu grito saiu rouco, exausto, saciado. Abriu os olhos claros e encarou por um tempo o teto, recuperando-se. Atingi o clímax logo depois, com um gemido baixo, tombando sobre ele.

Acomodamo-nos na cama estreita, ele com as costas contra a parede, eu encaixada nele, sentindo seu nariz no meu pescoço e suas mãos sobre a minha barriga.

Fé no sexo: inalterada.

Por um longo tempo olhei para a búscula observando o mar e como as ondas passavam rápidas por nós. Na mente, apenas coisas boas: a reação dos meus pais, os passeios que faríamos em família, o rostinho que eu veria em breve. Mal via a hora de chegar em terra e iniciar a nova vida. Tínhamos ainda três dias no mar, e todos os meus planos precisariam esperar.

— Essa vai ser uma viagem e tanto — murmurei olhando da pequena janela o céu escuro.

— Será a melhor viagem de todas — Eric respondeu, e alguma coisa me disse que não se referia à viagem do Sabóia em direção à terra.

FIM

AVALIEM!

Se gostaram da história, deixem uma avaliação na www.amazon.com.br para que outros também a conheçam!

Se quiserem ler mais sobre o que escrevo, conheçam

[Sessenta Noites em Trindade](#)
[Sexo, Amor & Outros Estragos](#)
[O Clube das Traidoras](#)
[Selvagens](#)
[A Última Peça](#)

(romance ganhador do prêmio Literário FLIC – 2016)

E também:

[A Morte e a Donzela](#)
[A Jornada das Bruxas](#)



Facebook: /rkheid
Instagram: @karinaheidr

www.ocaminhointerior.com.br

UMA PALAVRINHA A MAIS...

A todos e todas que leram até aqui, MUITO obrigada. Sem os (as) leitores (as) fantásticos (as) de Sessenta Noites em Trindade, não haveria motivos para escrever *Meu Capitão*. Vocês pediram uma história que contasse mais sobre Eric e Stella, e eu a escrevi. Tenho completa ciência que esse livro e o primeiro não são comparáveis: vejo-os como duas coisas diferentes. Mas cada um deles serviu a um propósito, e esse aqui foi, definitivamente, escrito para fazer vocês *felizes*.

Continuem lendo. Continuem vibrando com as histórias (não só as minhas, mas todas as histórias do mundo!). Vocês são alegres, festivas, animadas, educadas, lindas, especiais. Vocês fizeram essa psicóloga largar de certa forma o consultório para sonhar em palavras.

Por tudo que escreveram sobre Eric e Stella, o livro e sobre mim, meu mais profundo e sincero obrigada <3

OI! ESSA SOU EU

Sou formada em Publicidade, Marketing e Psicologia. Já fui também professora de alemão, instrutora de Lego e agora, escritora. Após sete anos morando fora, voltei em 2015 para o Brasil e tive um conto publicado na antologia juvenil “Doze por Doze.” Lancei ainda “Sessenta Noites em Trindade,” “Sexo, Amor e Outros Estragos,” “A Jornada das Bruxas” , “Selvagens” e “O Clube das Traidoras” pela Amazon. Ganhei pelo meu romance *new adult* “A Última Peça” o concurso literário FLIC-ES 2016.

Também escrevo sobre escrita terapêutica e desenvolvimento pessoal no site

www.ocaminhodoescritor.com

Saibam mais sobre mim e minhas obras aqui:

www.karinaheid.com.br

